**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
JUDAICOS E ÁRABES**

Denise Bazzan

**PRIMAVERA ÁRABE: A FORÇA DA DISSEMINAÇÃO DA
INFORMAÇÃO PELO MEIO DIGITAL E SUA FORMA DE
CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Versão Corrigida

**SÃO PAULO
2014**

DENISE BAZZAN

**Primavera Árabe: a força da disseminação da informação pelo meio digital e sua forma
de construção de sentido**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Área de Concentração: Estudos Árabes, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bazzan, Denise

Primavera Árabe: a força da disseminação da informação pelo meio digital e sua forma de construção de sentido / Denise Bazzan ; orientador Mamede Mustafa Jarouche. – São Paulo, 2014.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Árabes.

1. Análise do discurso. 2. Meio digital. 3. Rede Social.
4. Primavera Árabe. I. Título. II. Jarouche, Mamede Mustafa.

Nome: BAZZAN, Denise

Título: Primavera Árabe: a força da disseminação da informação pelo meio digital e sua forma de construção de sentido

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Área de Concentração: Estudos Árabes, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao Conhecimento, à Experiência e ao Ser.

AGRADECIMENTOS

“M” de Mestre.

Ao Mestre, Ele, Deus. Ao mestre, ele, Mamede. Mestre é você, marido; é você, minha filha, a minha menina-moça. Mestre é minha mãe, que nos fez mestres de nossas vidas: a mim e a meus irmãos; Mestre é meu pai, *In Memoriam*; Mestre é a mãe-Janete; mestres são as mães-amigas, em especial a Marisa. Mestre é a minha família, que me orienta. Mestres são os melhores e os muitos amigos, que me escutam. Agradeço a todos vocês, mestres da minha vida.

O que conta é a eficiência e a engenhosidade do texto e, por assim dizer, quantos irão morder a isca.

Edward Said

...language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life.

Norman Fairclough

RESUMO

BAZZAN, Denise. **Primavera Árabe: a força da disseminação da informação pelo meio digital e sua forma de construção de sentido**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta pesquisa foi desenvolvida para examinar a articulação dos recursos de linguagem e seus efeitos de sentido e compreender o seu papel na transformação social que motivou, mobilizou e legitimou a Revolução Egípcia de 2011, um evento social do movimento popular Primavera Árabe, promovido na página do site de rede social Facebook denominado **We Are All Khaled Said**. Para isto, valemo-nos da abordagem metodológica da Teoria Social do Discurso, uma vertente da Análise de Discurso Crítica, desenvolvida por Norman Fairclough, que possibilitou o mapeamento da organização dos enunciados escolhidos ao *corpus* desta análise.

Palavras-chave: Primavera Árabe; Análise do Discurso Crítica; Árabes; Revolução do Egito

ABSTRACT

BAZZAN, Denise. **Arab Spring: the strength of the dissemination of information by digital means and form of construction of meaning**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This research was conducted to examine the articulation of language features and their effects of meaning and understand their role in social transformation that motivated, mobilized and legitimized the Egyptian Revolution of 2011, a social event of the popular Arab Spring movement, promoted on the page social networking site Facebook called **We Are All Khaled Said**. For this, we used of the methodological approach of Social Discourse Theory, a branch of Critical Discourse Analysis, developed by Norman Fairclough, which enabled the mapping of the organization of the corpus utterances chosen this analysis.

Key words: Arab Spring; Critical Discourse Analysis; Arabs; Revolution in Egypt.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de Khaled Mohamed Said vivo e morto	34
Figura 2: Praça Tahrir	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de frequência de uso dos termos nas classes de palavras	84
Gráfico 2: Tipos de sujeitos e sua frequência de uso	98
Gráfico 3: Tipos de predicados e sua frequência de uso	98
Gráfico 4: Tipos de verbos e sua frequência de uso	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo de crescimento do número de usuários da rede social Facebook	31
Quadro 2: Resumo dos principais protestos que deram origem à Primavera Árabe	38
Quadro 3: Categorias analíticas	49
Quadro 4: Contextualização da LSF na ADC	51
Quadro 5: Relações entre os significados do discurso, de Fairclough (2003) e os elementos de ordens do discurso.....	52
Quadro 6: Mapeamento da produção e da circulação dos enunciados	59
Quadro 7: <i>Corpus</i> textual da análise	60
Quadro 8: Frequência dos termos	83
Quadro 9: Resultado da análise dos períodos e orações	96
Quadro 10: Síntese das classes gramaticais	97
Quadro 11: Análise do texto = descrição	106
Quadro 12: Análise da prática discursiva = interpretação	109
Quadro 13: Análise da prática social = interpretação	113

LISTA DE SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
ARPA	Advanced Research Project Agency
CCR	Command and Control Research
CERN	Centre Européen pour la Recherche Nucléaire
CMC	Comunicação Mediada por Computador
CSC	Ciência Social Crítica
HTML	HyperText Markup Language
HTTP	HyperText Transfer Protocol
IBM	International Business Machines
LSF	Linguística Sistêmica Funcional
SNS	Social Network Sites
SRS	Sites de Redes Sociais
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
TSD	Teoria Social do Discurso
UCLA	Universidade da Califórnia em Santa Bárbara
UTI	União Internacional de Telecomunicações
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
Lista de figuras	9
Lista de gráficos.....	9
Lista de quadros	9
Lista de siglas.....	10
Introdução.....	12
Capítulo I Comunicação mediada por computador	16
1.1 Apresentação	16
1.2 A Internet e a linguagem verbal escrita.....	17
1.3 O hipertexto na Web	18
1.4 O universo digital como espaço coletivo	20
1.4.1 Comunidades sociais, virtuais e discursivas	20
1.4.2 Rede social	25
1.4.3 Os sites de redes sociais	28
1.5 O site de rede social Facebook.....	30
1.5.1 A página de rede social We are all Khaled Said	33
Capítulo II Primavera Árabe.....	37
2.1 Apresentação	37
2.2 Oriente Médio	40
2.2.1 Egito	42
2.2.2 A Praça Tahrir	44
Capítulo III Análise de Discurso Crítica (ADC)	47
3.1 Apresentação	47
3.2 Discurso como prática social.....	50
3.3 Estilo e gênero.....	51
3.4 O sujeito no discurso	53
Capítulo IV Metodologia	56
4.1 Abordagem de Norman Fairclough.....	56
4.2 <i>Corpus</i> da pesquisa documental.....	58
4.3 Aspectos conjunturais da Revolução do Egito 2011	62
4.4 Cronologia.....	64
4.5 Dados quantitativos: análise lexical	68
4.6 Dados qualitativos: análise sintática	85
4.7 Conclusão	105
Considerações Finais.....	114
Bibliografia	119
Anexo	128

INTRODUÇÃO

As ciências sociais têm papel preponderante no estudo das coletividades humanas, em seus movimentos e conflitos advindos de organizações sociais e culturais. Ao efetuar-se a associação do estudo do uso da linguagem nos fenômenos sociais – proveniente de um contexto social que, do ponto de vista desta pesquisa em especial, foi capaz de mobilizar um grupo considerável de pessoas a se organizar de forma a promover uma mudança social histórica – obtém-se o estreitamento dos limites e a correlação entre teoria e prática, entre subjetividade e objetividade, favorecendo a investigação de gêneros, aspectos linguísticos e textuais nas práticas sociais e suas crenças compartilhadas.

A linguagem e sua relação com práticas sociais é uma abordagem da análise de discurso que sistematiza a análise linguística – e seus elementos linguísticos – e a teoria social – e seus elementos sociais – reunindo métodos de estudo que buscam encontrar uma "teoria social da linguagem", como mostram os trabalhos, tão diversos entre si, de Antonio Gramsci, Anthony Giddens, Dominique Maingueneau, Eni Orlandi, John Swales, Jürgen Habermas, Michel Foucault, Michael Halliday, Michel Pêcheux e Norman Fairclough, entre outros.

Entretanto, no âmbito estrito da esfera digital, os estudos que associam a linguagem ao pensamento social coletivo trazem questionamentos sobre o funcionamento e circulação dos discursos nesse canal de comunicação, sobre as formas de interação dos sujeitos com essa nova tecnologia de informação e, ainda, sobre como estes sujeitos se constituem no espaço virtual. Pensar o uso da linguagem como efeito social no ambiente digital também requer reconsiderar a comunicação de massa com espaço (e sua ampliação de extensão) e tempo redefinidos. De forma peculiar, a interatividade reconfigurada em interconectividade assume novas proporções pelo advento da Internet, rede de interconexão mundial de computadores, em que se amplia a disponibilização da informação, acelerada na temporalidade da sua circulação, e encurtam-se as distâncias. O meio digital torna o planeta minúsculo e surge o ciberespaço de Lévy (1999), tal como argumentado por Said:

[...] ciberespaço, aberto para todos os usuários de maneiras jamais sonhadas para gerações anteriores, tanto de tiranos como de ortodoxias. Os protestos em escala mundial [...] não teriam sido possíveis sem a existência de comunidades alternativas pelo mundo afora, comunidades informadas pela rede alternativa de informação e agudamente conscientes das iniciativas, de direitos humanos e libertárias que nos unem a todos neste minúsculo planeta (SAID, 2007, p. 26).

Uma interconexão que dá acesso a um universo informacional em qualquer lugar e a qualquer momento e que propicia aos participantes discursivos – emissor e receptor, falante e interlocutor – uma dinâmica interativa e comunicativa que compreende a existência do relacionamento social entre eles: desse relacionamento surge uma prática de produção e recepção de informação que estabelece trocas e, em decorrência, formas de negociação entre os interlocutores capazes de incentivar o engajamento e o compartilhamento da informação, estabelecendo entre esses participantes vínculos de confiança.

Ao se verificar que o meio digital, embora caracterizado por um distanciamento encurtado dos participantes discursivos – porém virtual – e por uma acelerada dinâmica temporal de circulação da informação, ainda assim é capaz de promover uma comunicação interativa e cooperativa de engajamento; neste ponto, fez surgir o principal motivo para o início desta pesquisa, pautada na investigação da projeção de uma identidade social, atribuída a ‘o que’ o sujeito fala, e de uma identidade discursiva, atribuída a ‘como’ ele fala ao seu interlocutor. É exatamente ao ‘como se fala’, integrado na geração de significado e na construção de sentido – que no conjunto do discurso pode ser capaz de atrair ou rejeitar a cooperação, o compartilhamento, o engajamento – que se centram o propósito e a motivação deste trabalho.

Epistemologicamente, buscando-se uma correspondência entre o teor científico e as práticas cotidianas, cabe investigar os efeitos sociais da linguagem do modo de dizer do sujeito discursivo, este nascido da tecnologia digital em ambientes virtuais, e entender a dimensão em que este gênero textual impacta na vida social, dimensão esta que, no fim de 2010, mobilizou o mundo árabe, levando milhares de pessoas a manifestarem seu descontentamento contra a repressão política e a concentração de poder.

Uma onda de protestos de rua que se tornou conhecida, inclusive no Brasil, como “Primavera Árabe”, adquiriu força pela propagação da mensagem por essa nova tecnologia de informação em ambientes virtuais. Como evento social, essa mobilização popular, mais especificamente a do Egito, cujo ápice deu-se em 25 de janeiro de 2011, constituiu um *corpus* documental extraído do registro do imenso número de adesões à página de acesso mundial da rede social Facebook, denominada **We are all Khaled Said** (Somos Todos Khaled Said¹), promovendo o apoio entusiástico da juventude egípcia ao protesto de rua.

A informação produzida nesse conjunto de gêneros, atrelada à capacidade de mobilização das pessoas pela Internet, foi coadjuvante e potencializou o processo de

¹ Em tradução livre do inglês. Tradução nossa.

deslegitimação do poder de Hosni Mubarak, então presidente do Egito, havia 3 décadas no comando. Ao utilizar estrategicamente as páginas de relacionamento, ou ainda as redes sociais digitais, como ferramentas disponibilizadas pela Internet a favor da comunicação, articulando no ambiente digital um movimento social desse âmbito ainda sem precedentes, os manifestantes – em sua maioria jovens e sem qualquer influência fundamentalista religiosa, contrariamente à visão predominante na mídia – conseguiram fomentar, articular e propagar os protestos pelo mundo afora.

Em suma, espera-se investigar, na construção de um conjunto textual produzido no ambiente digital (em que a interação se dá eminentemente de modo subjetivo, já que não há contato físico entre os participantes), a sua continência em gerar sentido (considerando o uso da linguagem como regente da atração ou rejeição ao movimento) e a probabilidade de o ‘como se fala’ ser um vetor que favoreceu a adesão de um considerável número de pessoas à página, o seu comprometimento com a mensagem e a interatividade entre o emissor e o receptor.

Como gerador de dados para essa pesquisa documental, será considerado o conjunto textual extraído da rede social virtual Facebook, no período entre 25 e 31 de Janeiro de 2011, cujo recorte irá considerar os enunciados mais expressivos em quantidade de adesão, estritamente representada pelo maior número de *likes*², já que o viés investigativo está no comprometimento do receptor com o enunciado. Este recorte será melhor detalhado no Capítulo IV.

A pesquisa vai, portanto, examinar os efeitos da linguagem e seu papel na transformação social para buscar resposta à questão: até que ponto as informações contidas nos textos escritos no meio digital, na página intitulada **We are All Khaled Said** da rede social do Facebook, que motivaram, mobilizaram e legitimaram a Revolução do Egito 2011, foram favoráveis ao engajamento das pessoas à página, a partir da sua ação responsiva de interatividade, sob a ênfase da geração de sentido a partir da construção dos textos?

Esta pesquisa orienta-se pela hipótese de que se poderá responder à problemática apresentada sob a perspectiva de o sistema semiótico e os recursos linguísticos potencializados em fazer significar, por meio da construção de sentido realizada pelos significados dos textos, que serão avaliados em traços lexicais (vocabulário), gramaticais e

² *Like*, em inglês, ou curtir, em português, é uma expressão característica da rede social Facebook, que será melhor explicada no Capítulo I. Tradução nossa.

semânticos (relações semânticas) no conjunto discursivo que constitui o *corpus* documental deste projeto.

A ênfase da pesquisa está mais em investigar “como” foi dito do que “o que” foi dito pela identidade discursiva, mapeando-se a organização dos enunciados.

A investigação será realizada por meio da Teoria Social do Discurso, que é uma abordagem da Análise de Discurso Crítica, a ADC, e um trabalho de Norman Fairclough reconhecidamente essencial na proposta de pesquisa do papel da linguagem na reprodução das práticas sociais. A aplicação do conceito da ADC no *corpus* documental desta pesquisa dar-se-á tanto no aspecto quantitativo, já que serão avaliadas as construções textuais com foco em unidades léxicas de significação, como no qualitativo, para verificar as relações interfrásicas.

Para que esta pesquisa caminhe no sentido de dar respostas às questões levantadas com a problemática, o Capítulo I vai abordar os aspectos da Comunicação Mediada por Computador como base ao modelo de comunicação digital, explicitando a linguagem verbal escrita, o hipertexto e a Internet, a popularização do serviço World Wide Web e o ciberespaço, além de esclarecer e diferenciar os termos comunidades sociais, virtuais e discursivas, rede social e sites de redes sociais.

O Capítulo II irá detalhar os aspectos da Primavera Árabe e seus acontecimentos no Oriente Médio, focalizando o Egito e a Praça Tahrir como epicentro da Revolução do Egito de 2011.

O Capítulo III tratará da abordagem da Teoria Social do Discurso como vertente da Análise do Discurso Crítica.

No Capítulo IV, será apontada a metodologia, a análise do *corpus* documental e os resultados originados da análise.

CAPÍTULO I COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

1.1 Apresentação

A Comunicação Mediada por Computador – CMC, ou ainda Comunicação Eletrônica – abarca os gêneros de discurso e formatos de comunicação manifestos no meio virtual, e tem a Internet como principal representante. Considerada uma nova tecnologia de comunicação, como aponta Marcuschi (2009), tem contribuído para mudanças de comportamento e transformações sociais, políticas e culturais.

Compondo uma base estritamente material, a Internet constitui nesse modelo de comunicação a rede que interliga os dispositivos, as máquinas e os computadores. O tipo de comunicação que é experimentada pelos seres humanos por meio dessas máquinas é o que efetivamente vai constituir a virtualidade da Internet ou a Comunicação Mediada por Computador.

Diferindo da comunicação midiática compulsória de massa – que se caracteriza por ser “molar”, coletiva e padronizada, como a televisão, o rádio e o jornal, por exemplo – a CMC, que para Lévy (1996) é “molecular”, evidencia-se pela singularidade e pelo individualismo, cujo desafio está na criatividade e na potencialidade da negociação. Este autor desenvolve um pensamento a propósito dessa diferenciação, tecendo considerações sobre o caráter da experimentação citada, na participação do dueto emissor-receptor:

Como se sabe, os meios de comunicação clássicos (relacionamento um-todos) instauram uma separação nítida entre centros emissores e receptores passivos isolados uns dos outros. As mensagens difundidas pelo centro realizam uma forma grosseira de unificação cognitiva do coletivo ao instaurarem um contexto comum. Todavia, esse contexto é imposto, transcendente, não resulta da atividade dos participantes no dispositivo, não pode ser negociado transversalmente entre os receptores. O telefone (relacionamento um-um) autoriza uma comunicação recíproca, mas não permite visão global do que se passa no conjunto da rede nem a construção de um contexto comum. No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber. (1996: 113).

Por essa comparação, Lévy torna relevante a substancialização do social na CMC, já que ela permite a ação entre os agentes do processo de comunicação ou, ainda, a interação humana. Essa interatividade e sua consequente experiência comunicacional é graduada pela

diversidade de formas como a informação é transmitida na esfera digital, que podem ser síncronas ou assíncronas.

Na comunicação síncrona, os participantes compartilham a informação e obtêm as respostas em tempo real, simultaneamente, de forma imediata. Já a forma assíncrona é marcada por não ser instantânea, havendo entre a emissão e a recepção da informação certo período de tempo, o que pressupõe a não-presença de uma delas no momento interativo.

Presença e não-presença virtuais são considerações relativas a um espaço imaginário, virtual, ou o ciberespaço de Lévy (1999), que permite estabelecer ambientes virtuais de troca de informações de um-para-um ou mesmo de comunidades virtuais, em que essa troca ocorre de muitos-para-muitos. Um universo digital que se caracteriza pela democracia participativa direta pautada pelo virtual e que deve servir como um verdadeiro serviço público, como enfatiza Lévy (2007), como espaço de comunicação, de troca de informações, de tomadas de decisões voltadas para o desempenho da democracia, tendo o discurso e a linguagem escrita como agentes da sociabilização da comunicação.

1.2 A Internet e a linguagem verbal escrita

A Internet reascendeu a cultura escrita, muito em decorrência da relevante potencialização que a linguagem escrita promove ao propiciar a composição e a recomposição do texto editado na CMC. O texto digitalizado é, por sua vez, um dos elementos distintivos da Internet, utilizado em grande escala.

Tal pertinência de otimização e uso maciço na Internet dá à informação do texto escrito na CMC um caráter valorativo e de maior eficácia se comparado ao texto oral, sendo:

‘100 vezes mais eficiente do que a voz para transportar a mesma informação, e pode usar a mesma infraestrutura básica’ e, além disso, ‘os custos de acesso e recuperação da informação são reduzidos à medida que a informação recuperada se torna mais valorizada, porque ela pode ser prontamente encontrada e editada’. (KAHIN³, 1997 apud JUNGBLUT, 2004).

Outro aspecto valorativo que está associado à Internet, por meio da CMC, é que ela possibilitou, entre tantas outras coisas, a sociabilização da comunicação, em que pessoas podem participar de ambientes e comunidades virtuais (conceitos que serão abordados mais adiante neste projeto) para a troca de informações. No entanto, comunicar é mais do que o ato

³ JUNGBLUT, A. L. A heterogenia do mundo *on-line*: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. Horizontes antropológicos, vol. 10, nº 21. Porto Alegre, 2004. Página acessada em 15 de Março de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1pjLaIB>.

de enviar e receber informação. Há nesse processo uma relação de prazer contido na interação entre mente humana e máquina:

Trocar mensagens escritas, principalmente de forma síncrona, se utilizando de mecanismos de comunicação mediada por computador é, outrossim, um tipo de experiência que para muitos provoca um certo prazer ou excitação ao dar nova dimensão à "conexão" entre homem e máquina já pressuposta no uso normal (*off-line*) do computador. O uso de um programa de computador para editar texto, por exemplo, pressupõe uma relação veloz, nervosa, excitante com as letras, palavras e frases que vão surgindo na tela. (JUNGBLUT, 2004).

O fator motivacional da produção textual no ambiente digital reside na expectativa da reação do interlocutor, na sequência em que lê as palavras eletronicamente escritas. Escreve-se e espera-se uma reação à escrita, cuja emoção vivifica a interação e gera emoção, sentimento possível na interação *on line*⁴, com o sincronismo e seu cunho de instantaneidade. A Internet demarcou uma era tecnológica que permite interagir com a riqueza da informação viva que subjetiva a objetividade das máquinas, cuja eficiência fora prevista por Licklider & Taylor: “In a few years, men will be able to communicate more effectively through a machine than face to face.”⁵ (1968).

Uma tecnologia que favorece a prática social em um universo digital “incrivelmente democrático e libertador” (GODWIN, 1997: 104), que enfatiza a transferência de sentido, considerando-se o aspecto mútuo e criativo da comunicação. A Internet, como sistema de conexão de muitas redes de computadores, possibilita surgirem novas ideias quando as mentes interagem.

1.3 O hipertexto na Web

A Web é hoje o ambiente virtual mais importante do ciberespaço, que concentra em si poderosos recursos de interatividade, como, por exemplo, o correio eletrônico (e-mail), além de permitir conversas em tempo real nos *chats* de bate-papo e consultas a banco de dados.

A World Wide Web (WWW), ou simplesmente Web, foi um serviço desenvolvido para a expansão da utilização da Internet, criado por Robert Cailliau (nascido em 26/01/47) e Timothy (Tim) John Berners-Lee (nascido em 08/06/55), então pesquisadores do CERN

⁴ A expressão *on line*, em inglês, representa o acontecimento “em linha”, ou seja, requer que se esteja conectado ao ambiente virtual pela Internet. Tradução nossa.

⁵ Em tradução livre do inglês: “Em poucos anos, os homens serão capazes de se comunicar de forma mais eficaz através de uma máquina do que cara a cara”. Tradução nossa.

(Centre Européen pour la Recherche Nucléaire), juntamente com o HTML⁶ (HyperText Markup Language ou Linguagem de Marcação Hipertextual) e dos Browsers (navegadores, como por exemplo, a Internet Explorer). Juntos, Cailliau e Berners-Lee propuseram sistemas de hipertexto para ter acesso à documentação do CERN, que configurava inúmeras possibilidades de navegação.

Tratado como uma prática de produção textual, o hipertexto configura-se como uma plataforma de múltiplas expressões, tais como textos, sons e imagens. Popularizado por sua relação com o ambiente virtual, já que uma nota de rodapé de um livro impresso, por exemplo, configura-se um hipertexto (MARCUSCHI, 2000), este termo abarca a ideia da escrita não-linear (NELSON, 1992). Para este estudo, o âmbito de relevância do hipertexto é a produção de sentido dessas múltiplas expressões, que tecnicamente Lévy define como:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos serem hipertextos. (1999).

A estrutura do hipertexto leva a associações possíveis entre essas expressões, como redes de sentido, atribuindo – na virtualidade – opções associativas na relação do leitor com o texto no que diz respeito à produção de sentido, dando ao leitor o mesmo papel do emissor/autor “enquanto processo de coprodução de sentido” (MARCUSCHI, 2010).

Na prática, o hipertexto configura-se por ser um gigantesco texto, tanto em tamanho como em possibilidades de acesso por meio de *links* (atalhos), que ligam páginas que compõem esse texto prodigioso.

Sua importância no ciberespaço se dá pela experimentação propiciada pela integração de conteúdos, pela interação humana na Web, cujas redes são acessadas por uma lógica que transforma o próprio texto nessa rede:

Não há como não se deixar fascinar por esse ambiente e pelos deslocamentos ciberespaciais ali permitidos em que começamos por um *site* qualquer e somos levados, por indução hipertextual, para outros de conteúdos muitas vezes muito distantes do primeiro mas, de algum modo, a ele relacionados, já que, entre o primeiro e o último *site* visitado um caminho hipertextual foi trilhado, uma das praticamente infinitas trajetórias possíveis deste gigantesco hipertexto foi realizada. (JUNGBLUT, 2004).

⁶ “HTML é uma linguagem de formatação de texto desenvolvida nos primórdios da Internet, mas padrão até hoje.” (MORIMOTO, Carlos E. Dicionário de Termos Técnicos de Informática). Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/hd000001.pdf. Página acessada em 20 de Junho de 2014.

Portanto, o hipertexto representa o contexto de navegação que define o ciberespaço. A Web é uma das diversas ferramentas de acesso à Internet, que utiliza o protocolo HTTP⁷ (HyperText Transfer Protocol ou Protocolo de Transferência de Hipertexto) para transferir as informações entre computadores por meio da rede mundial de conexão de computadores, a Internet.

1.4 O universo digital como espaço coletivo

Muito antes da popularização do serviço WWW, um servidor de acesso à Internet, a Usenet, já permitia o envio de mensagens a comunidades com “temas específicos” (KIRKPATRICK, 2010, p: 77). Desde 1979, portanto, tem-se registro do uso do universo digital como um espaço de interação dedicado à troca de mensagens *on-line*. E a Usenet funciona até hoje.

Os gêneros em ambientes digitais caracterizam-se por sua interatividade e por sua simultaneidade temporal, integrando recursos tecnológicos que Lévy (2007) designa como “demodinâmica”: uma democracia participativa em tempo real. Uma rede coletiva de interação de ideias, imagens e sons (hipertexto), que possibilita às pessoas comunicarem-se em alta velocidade e em vários espaços virtuais de interação, com o poder de construir sentido e modificar as capacidades cognitivas humanas e sociais. O espaço coletivo, social e virtual pode ser pensado como efeito de “inteligência coletiva” (EIDELWEIN, 2000), com base no potencial dos sujeitos singulares que compõem os grupos, paradoxalmente sempre múltiplos, constituindo-se na construção de “laços sociais tecidos, quem sabe, por redes de interação mais democráticas e solidárias” (Ibid.).

1.4.1 Comunidades sociais, virtuais e discursivas

Comunidade e comunicação são palavras que derivam da mesma raiz latina: *communis*, que significa ‘comum’. *Com* (conjunto) e *munis* (obrigação). O fundamento de uma comunidade é realizar tarefas em conjunto, organizadas por meio da comunicação.

⁷ “O HTTP foi desenvolvido originalmente para transferir páginas HTML, mas pode e é usado também para outros tipos de arquivo. As páginas Web são acessadas usando-se este protocolo.” (MORIMOTO, Carlos E. Dicionário de Termos Técnicos de Informática). Página acessada em 20 de Junho de 2014. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/hd000001.pdf.

O termo ‘comunidade’ tem sido discutido por alguns teóricos sobre a pertinência ou não do uso indiscriminado que tem sido feito dele, principalmente na era da CMC, questionando-se uma possível perda de sentido.

Estruturalmente, Fernback e Thompson (1995) indicam que uma comunidade requer uma organização institucional pautada em um sistema de quatro vértices: social (interações sociais, solidariedade e relações institucionais), econômico (produção, distribuição e consumo de bens e serviços), político (formação coletiva em busca de atingir os objetivos comuns) e cultural (ambiente, valores e símbolos compartilhados). Um modelo que se assemelha à organização de uma sociedade.

Da mesma forma, Marcuschi (2002) define comunidade como “uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos em um sistema de relações duradouras”.

Erickson (1997) propõe cinco características definidoras do conceito de comunidade, de acordo com a tradição da sociolinguística e da antropologia. Estas características são:

- **Membro:** ser membro ou não fundamenta a noção de comunidade; algumas pessoas pertencem a ela e outras não e fazem isso por suas escolhas, definidas por aspectos identitários, como religião, raça, camada social, profissão etc.
- **Relacionamento:** os membros de uma comunidade formam relacionamentos pessoais entre si, desde relacionamentos casuais a amizades estáveis.
- **Confiança e reciprocidade generalizada:** os membros de uma comunidade devem ter confiança mútua e prontos para se ajudarem.
- **Valores e práticas partilhados:** valores, objetivos, normas, costumes e interesses compõem um conjunto que deve ser partilhado pelos membros da comunidade.
- **Bens coletivos:** deve haver a participação dos membros na produção, uso e distribuição de bens.
- **Durabilidade:** por ser uma coletividade, todos estes aspectos mencionados só se efetivarão se a comunidade tiver longa duração.

Esses critérios são norteadores de conduta para uma convivência convencional e essencialmente pública dentro de uma comunidade. Contextualmente, as relações interpessoais têm apontado para uma noção romantizada de comunidade, como argumenta Richard Sennett (1997), e isso tem levado as pessoas a procurarem agrupamentos com sentimentos comuns de coexistência. No sentido de unidade e distanciamento, corrobora a

teoria de Tönnies, que estabelece uma polarização nos vínculos possíveis entre as pessoas agrupadas em uma comunidade e em uma sociedade: se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões (1942). Comunidade, portanto, evoca um fator emocional e requer assumir em seu conceito atual um senso de companheirismo, compreensão, consenso e linguagem (FERNBACK & THOMPSON, 1995).

Da multidão ao singular, da impessoalidade à personalidade, do contrato à liberdade, do cosmopolita ao urbano, do público ao privado. Um estreitamento qualitativo mais do que quantitativo, que traz uma visão positiva, como defende Bauman, propondo que o termo ‘comunidade’ carrega em si uma sensação boa, de conforto, aconchego, segurança. Em tempos atuais, marcados pela competitividade, desinteresse e individualismo, a palavra ‘comunidade’ incorpora aquilo “de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2003).

Partindo-se desse ponto de vista emocional e agregador da noção de comunidade real, ou seja, em que os membros coexistem fisicamente, formaram-se as comunidades virtuais. Nos primórdios da tecnologia digital, Licklider e Taylor (1968) previram a formação de comunidades interativas compostas por membros geograficamente separados, mas de interesse comum. Esses estudiosos estabeleceram uma base científica que precedeu o surgimento da Internet e que já identificava um conceito de rede social. Em seu artigo, os autores propunham que:

You will not send a letter or a telegram; you will simply identify the people whose files should be linked to yours [...]. You will seldom make a telephone call; you will ask the network to link your consoles together” (LICKLIDER & TAYLOR, 1968, p: 38)⁸

Anterior a eles, Howard Rheingold (nascido em 07/07/1947), professor e escritor americano, tinha como especialidade estudar os modernos meios de comunicação e suas implicações culturais, sociais e políticas e convergiu seu interesse nas comunidades virtuais, termo criado por ele mesmo em um ensaio produzido em 1987⁹.

A noção de espaço concreto e de interação face a face, demandas pertinentes à constituição de uma comunidade real, vê-se transformada em territórios simbólicos

⁸ Em tradução livre do inglês: “Você não vai enviar uma carta ou um telegrama; você simplesmente vai identificar as pessoas cujos arquivos devem ser ligados aos seus [...]. Raramente fará uma chamada telefônica; você vai solicitar que a rede vincule seus consoles juntos”. Tradução nossa.

⁹ RHEINGOLD, Howard. Virtual communities - exchanging ideas through computer bulletin boards. UC Berkeley, Stanford, 1987.

(ciberespaço) e trocas simbólicas (ou eletrônicas), cuja interação entre os participantes é mediada por computador.

Teoricamente, como apontam Wellman e Gulia (1999), o que representa o cerne de uma comunidade virtual é o agrupamento social com interesses e sentimentos homogêneos (envolvimento, apoio emocional, companheirismo e sensação de pertencimento). Há nela uma demonstração de intimidade e proximidade entre os participantes, propiciando o estabelecimento de laços afetivos, impregnados de sentimento, e fortalecendo os laços sociais. Esses autores demonstram em seus estudos que a sensação de pertencimento, a qual envolve empatia, compreensão e apoio, aumenta consideravelmente em grupos mais coesos, com maior homogeneidade de interesses. Assim, “quanto mais parecidos e mais interesses em comum” tiverem os participantes desse agrupamento, “maior a possibilidade de formar grupos coesos com característica de comunidades” (RECUERO, 2009).

Como diferenciação entre comunidades tradicionais (ou sociais), as comunidades virtuais produzem um profundo efeito sobre a natureza do discurso democrático e propõem que as pessoas e as instituições possam utilizar o canal de comunicação digital de forma mais inteligente, humana e consciente:

Virtual communities have several advantages over the old-fashioned communities of place and profession. Because we cannot see one another, we are unable to form prejudices about others before we read what they have to say: Race, gender, age, national origin and physical appearance are not apparent unless a person wants to make such characteristics public. People whose physical handicaps make it difficult to form new friendships find that virtual communities treat them as they always wanted to be treated - as transmitters of ideas and feeling beings, not carnal vessels with a certain appearance and way of walking and talking (or not walking and not talking). Don't mistake filtration of appearances for dehumanization: words on a screen are quite capable of moving one to laughter or tears, of evoking anger or compassion, of creating a community from a collection of strangers. (RHEINGOLD, 1987, p: 3)¹⁰

A possibilidade das pessoas poderem manifestar, na comunidade à qual pertencem, o que “sentem” ao invés de como “pensam” (FERNBACK & THOMPSON, 1995), redireciona a noção de pertencimento para além da ‘coletividade’, embora isso seja evidente e autêntico,

¹⁰ Em tradução livre do inglês: “As comunidades virtuais têm várias vantagens sobre as antiquadas comunidades de lugar e ocupação. Porque não podemos ver um ao outro, somos incapazes de formar preconceitos sobre outros antes de lermos o que eles têm a dizer: Raça, gênero, idade, origem e aparência física não são aparentes, a menos que uma pessoa queira fazer tais características em público. Pessoas cujas deficiências físicas dificultam formar novas amizades acreditam que as comunidades virtuais possam tratá-las como sempre quiseram ser tratadas - como transmissoras de ideias e seres com sentimento, não receptáculos carnis com uma certa aparência e modo de andar e falar (ou não andar e não falar). Não confunda filtração das aparências por desumanização: palavras em uma tela são bastante capazes de fazer alguém rir ou chorar, de evocar raiva ou compaixão, de criar uma comunidade de estranhos”. Tradução nossa.

mas à sua personalidade e, de forma positiva, ao seu individualismo, prevalecendo os impulsos que regem o discurso mais de criação humana do que condição humana. Nisso está o cerne da credibilidade individual e disso nasce a demonstração de engajamento social.

Piérre Lévy (1996) exprime seu pensamento sobre a comunidade virtual como sendo o ícone da democratização, sendo o espaço da inclusão e da convergência de pessoas e opiniões, onde todos são aceitos. No entanto, a ideia de democracia virtual, além da produção, requer o sentido de circulação (e conseqüentemente o acesso) da informação, como propõe o postulado foucaultiano em que não basta que as ideias estejam “depositadas” na grande rede para que haja a referida democratização de Lévy, mas sim que as ideias circulem e entrem “na ordem do discurso” (MELO¹¹ apud MARCUSCHI, 2012).

Chega-se aqui ao imbricamento da produção e distribuição de informações como alternativa democrática de contato entre os indivíduos, fazendo surgir um terceiro caminho, de modo que os discursos possam multiplicar-se sem que haja exclusão ou isolamento entre os membros.

Entendida então como um conjunto de indivíduos com objetivos em comum (que podem ou não ser formalmente expressos), a comunidade deve assegurar a esses indivíduos formas de comunicação. Sendo também um espaço de interação de informações, a comunidade é responsável por produzir e fazer circular “um grande número de gêneros textuais”, como explica Swales (1998); ainda segundo este autor, eles “têm como função social a validação das atividades interacionais fora das comunidades”. Nota-se a relação entre a comunidade e o gênero textual que compartilha. Desse aspecto surge o conceito de comunidade discursiva.

Retomando o pensamento da ordem do discurso de Foucault (1971), um dos três grandes sistemas de exclusão é a “palavra interdita”, o que reafirma à comunidade discursiva a condição de estabelecer, por si mesma, práticas e procedimentos internos (inerentes ao próprio discurso) a serem utilizados para favorecer o compartilhamento dos textos por seus membros, como um léxico específico e adequado por exemplo, Deve haver, ainda, uma unidade de prática (social discursiva), à qual o grupo vai aderir, e referir-se a um mesmo tópico ou interesse, no intuito de atingir objetivos primeiros à “socialização ou solidariedade”. Tal modo de constituir-se, como se vê em Swales (2001), torna o grupo uma comunidade discursiva. Segundo este autor, qualquer comunidade virtual – desde que mantenha o

¹¹ MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2012.

compartilhamento de práticas sociais discursivas por seus membros e se sustenta por meio destas – pode assumir o estatuto de comunidade discursiva (SWALES, 1990).

Interessante é seguir o raciocínio de “auto-alimentação” entre a comunidade discursiva e a existência de gêneros apontado por Aranha (1996). Segundo tal raciocínio, os gêneros são desenvolvidos na comunidade e sua existência conforma os grupos sociais, constituídos em comunidades discursivas pelo fato de compartilharem realizações comunicativas, que se efetivam através dos gêneros a elas pertinentes. Para a autora, os gêneros “sócio-historicamente construídos” não são somente “objetos textuais mais ou menos semelhantes, mas eventos codificados inseridos em processos sociais comunicativos”.

Em suma, considera-se uma comunidade social qualquer conjunto de membros com relacionamento interpessoal, afetivo e duradouro. Quando utilizam o canal de comunicação digital de forma democrática para manifestar o que pensam, para partilhar seus valores, para compartilhar apenas seus objetivos na comunidade e realizar práticas sociais com produção e distribuição de informações, os membros da comunidade social organizam-se em comunidades virtuais. Desta forma, inseridos na ordem do discurso, desenvolvem objetos textuais de interesse do grupo, que se efetivam em gêneros, os quais constituem e mantêm a comunidade sob um sistema de auto-alimentação, assumindo assim o regime de comunidade discursiva.

1.4.2 Rede social

A Internet, sendo uma rede de computadores, possibilitou a sociabilização da comunicação, por meio da CMC, em que participantes de comunidades virtuais ou redes de pessoas em ambiente digital efetuam troca de informações de forma síncrona (comunicação em tempo real entre emissor e receptor; considera a presença de ambos no ato da realização comunicativa) e assíncrona (em que não há a simultaneidade dos participantes da ação comunicativa; considera a não-presença de um deles). Assim, quando uma “rede de computadores” conecta uma “rede de pessoas e organizações” configura-se aí uma rede social (GARTON ET ALI, 1997: 1).

Redes sociais compreendidas por redes de pessoas unidas para uma realização comunicativa existem desde os primórdios da civilização humana, cuja interação entre os indivíduos se fazia por meio de sinais (de fumaça, por exemplo), expressões gestuais, sons, escrita. A evolução desse conceito está em como os grupos realizam suas relações sociais.

A sociabilidade virtual, como já se viu, requer mais do que a simples troca de informações. Referindo-se a relacionamentos sociais, um fator motivacional que produz sentido, que vivifica a informação, está na interação estabelecida por meio da conexão emocional. Desta forma, uma rede social se constitui, também, quando pessoas, instituições ou grupos se conectam, articulando interações e estabelecendo laços sociais.

Rheingold, na década de 1980, procurou diferenciar ‘rede’ de ‘comunidade virtual’, adicionando a este último termo o sentimento como elemento unificador das relações pessoais:

The Net is an informal term for the loosely interconnected computer networks that use CMC technology to link people around the world into public discussions. Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace.” (RHEINGOLD, 1993, p: 7)¹²

Para Rheingold, ‘rede’ é um sistema que propicia a formação de agregações sociais, ou comunidades, movidas por um sentimento comum. As comunidades, em específico as constituídas no universo digital, ou seja, as comunidades virtuais, produzem, compartilham (fazem circular) e organizam informações na rede social. É neste nível de relação que o presente trabalho irá pautar-se para desenvolver a análise a que se propõe. Ao utilizar o termo “rede social” estará referindo-se ao sistema de interconexão de computadores (rede eletrônica) através do qual a comunidade virtual pode receber, oferecer e trocar informações. A rede social, portanto, possibilita a organização de comunidades virtuais constituídas por participantes que se associam por interesses e sentimentos em comum.

No entanto, autores como Schlemmer e Carvalho (2005) estreitam os conceitos de redes eletrônicas e comunidades virtuais, que muitas vezes são aplicados como sinônimos. Esta aproximação dos termos se dá principalmente quando torna o agrupamento social em um espaço para manifestações culturais e de interação:

As comunidades virtuais são redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinidas, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhados. Podem abarcar e integrar diferentes formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos, devido às suas diversificações, multimodalidades e versatilidades. O desenvolvimento de comunidades virtuais se apoia na interconexão e se constitui por meio de contatos e interações de todos os tipos (SCHLEMMER E CARVALHO, 2005: 2).

¹² Em tradução livre do inglês: “A rede é o termo informal para as redes de computadores interligadas, que utilizam a tecnologia de CMC para associar pessoas de todo o mundo na forma de debates públicos. As comunidades virtuais são agregações sociais que surgem na Rede quando os indivíduos levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. Tradução nossa.

Por um terceiro caminho, Recuero em seus estudos sobre redes sociais e comunidades virtuais traça uma importante observação não de diferenciação nem de igualdade, mas de pertinência entre os termos, quando estabelece um vínculo entre o grau de sentimento procedente do relacionamento entre os participantes de uma comunidade e a quantidade de conexões advindas da rede. Para ela, uma rede social com forte relacionamento entre seus participantes (laços sociais) dá origem a uma forte densidade da rede (número de conexões entre os indivíduos). Infere-se que, quanto maiores e mais fortes forem os laços sociais da comunidade virtual, maior a densidade da rede (RECUERO, 2005 e 2009). Este aspecto associativo tem importância quando utilizado para estabelecer parâmetros de configuração para gerar um padrão de conexão (relativo à rede social) e um dimensionamento de um capital social (relativo à comunidade virtual), que para esta pesquisa configura-se em critérios que promovem confiança e engajamento.

Indo adiante no pensamento da autora, a agremiação realizada por um processo social sedimenta trocas sociais das quais derivam os conceitos de laço social (“aquele que depende da vontade do indivíduo” e é relativo à comunidade) e laço associativo (“relacionado apenas ao pertencer, uma mera conexão formal” e relativo à rede). A relação social assentada na formação de laços sociais pode sofrer variações graduadas em fraco e forte, dependendo do nível de conhecimento, sentimento, afeto e envolvimento entre os participantes.

Granovetter (1973), endossando esse pensamento, afirma que laços sociais decorrentes da CMC costumam ser fortes, ainda que seus participantes estejam dispersos espacialmente e ainda que as interações estejam acontecendo em diversos espaços e sistemas, já que essa nova forma relacional pode apropriar-se de diferentes possibilidades tecnológicas de informação e comunicação. Neste sentido, a comunicação tem função maior do que enviar e receber informação, mas estimula o engajamento, sendo que quanto maior a participação das pessoas e sua interação, maior será a sinergia com a mensagem. Da mesma forma, quanto maior a sinergia com a mensagem, maior a participação das pessoas e sua interação.

A correlação entre a mensagem e o seu caráter agregador aponta para elementos que Putnam (2009: 19) esclarece como valorativos para a fomentação do capital social, como a reciprocidade e a confiança, que são estabelecidos pelo conteúdo da conexão (rede social) e possuídos pelo grupo (comunidade virtual). O capital social, então, seria suscitado pela ação coletiva e acessível ao grupo, reciprocamente.

Bourdieu (1985), ao contrário, aponta que o capital social é estabelecido em consequência das relações sociais (grupo), mas acessado apenas pelo indivíduo.

Nesse intermeio, Recuero propõe outra dimensão ao capital social, definindo-o como a soma da ação individual (referindo-se a uma realização comunicativa) cujo conjunto pode ser compartilhado pelo grupo, ainda que individualmente, pondo em vigor o critério da reciprocidade e, conseqüentemente, instaurando a confiança:

O capital social constitui-se em um conjunto de recursos de um determinado grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade. (RECUERO, 2005).

Primo (2003: 62) reitera essa definição propondo que, em uma comunidade virtual, “cada integrante participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente”. Assim, a identificação com o grupo ou comunidade a que o indivíduo pertence pode refletir uma força motivacional, já que a confiança reside no poder de reciprocidade da comunidade.

Portanto, ao padrão de conexão entre os indivíduos de uma rede social, do qual se constituem os laços sociais, associa-se o capital social, elemento que relaciona a rede à qualidade de suas conexões, a um valor constituído a partir das interações entre os seus participantes (RECUERO, 2009). As redes sociais estruturadas na comunicação mediada pelo computador constituem-se em grau de conexão e em densidade.

Outro aspecto pertinente às redes sociais, que será tratado em seguida, refere-se à tecnologia de informação e comunicação (TIC), e diz respeito a diferentes ferramentas utilizadas pela rede para manter uma mesma conexão social, ou ainda, diferentes plataformas (sistemas), tais como Facebook, Orkut, Twitter, entre outras, que se definem como sites de redes sociais.

1.4.3 Os sites de redes sociais

As redes sociais mediadas por computador têm como principal característica dar suporte, enquanto sistema, ao compartilhamento de informações em ambientes digitais, aproximando assim as pessoas por interesses e necessidades comuns e dando origem às comunidades virtuais. Quando as redes sociais são suportadas por uma plataforma informatizada, gerando sistemas (*softwares*) e mecanismos que promovem o agrupamento, facilitam a sua articulação, mantêm e dão notoriedade a essas redes, estabelecem-se os sites de redes sociais (SRSs) ou, em inglês, Social Network Sites SNSs).

Os SRSs dão suporte à rede social por meio de sistemas utilizados para mantê-la e possibilitam a exposição e visualização pessoal dos usuários, tornando pública a lista de participantes de uma comunidade digital e seus perfis.

Diversos sites de redes sociais são estruturados para fins de relacionamento, diferenciando-se por suas dinâmicas e propósitos, pelo tipo de relações sociais, por sua sociabilidade virtual e pelo modo como permitem a visibilidade de seus participantes. A existência, desenvolvimento e manutenção desses sites estão contingenciados pelo ambiente tecnológico em que são construídos, o que, portanto, pressupõe a existência de um manipulador do *software*, não representando redes independentes. Fazem parte dessa categoria os *fotologs*, que permitem o compartilhamento de fotografias (Pinterest, Instagram e Flickr, por exemplo), os *weblogs* e os *microbloggings* (Plurk, Tumbir, Twitter) ferramentas de geolocalização (como o Foursquare e o Waze), ferramentas de micromensagens (SMS), de pesquisa (Formspring), de leitura (Skoob) e sistemas mais genéricos como Facebook, Google+, Hi5, LinkedIn, MySpace, Snapchat, Orkut, mencionando-se apenas as redes sociais mais conhecidas no Brasil.

Boyd & Ellison (2007) salientam algumas das características dos sistemas dos sites de redes sociais:

- a) Possuem mecanismos de personalização e por isso permitem construir uma página pessoal, com perfil do usuário.
- b) Possibilitam a interação entre os usuários por meio de envio de mensagens.
- c) Promovem a exposição pública do perfil do usuário.
- d) Requerem *softwares* sociais para comunicação mediada por computador.

Os sites de redes sociais são o modo como as pessoas utilizam as redes sociais para expor publicamente seu perfil e mensagens. Mundialmente, o site mais conhecido é o Facebook, contando atualmente com 1,28 bilhão de usuário, de acordo com dados da Statista¹³.

¹³ The Statistics Portal. Página acessada em 21 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide>.

1.5 O site de rede social Facebook

Os primeiros sites de redes sociais desenvolvidos nos Estados Unidos em meados da década de 1990 tinham como propósito criar vínculos entre colegas de classe e de colégio, de forma direta, e seus amigos de forma indireta (além de ‘amigos dos amigos’ e conhecidos). A partir de 2002, uma nova geração desses sites marcou a evolução da ideia do psicólogo americano Stanley Milgram (15/08/1933 – 20/12/1984) do *small-world*¹⁴, inspiração do conceito dos seis graus de separação entre as pessoas do planeta, com o precursor Friendster. Este site de relacionamento, desenvolvido com base no modelo “Círculo de Amigos” do cientista da computação britânico Jonathan Bishop, atingiu uma adesão de 3,3 milhões de usuários em menos de um ano, apenas com a divulgação boca a boca (AGUIAR, 2007).

Nesse panorama nasceu o site de rede social Facebook, originado de um projeto de faculdade. Em 2003, uma revolta pessoal de um jovem de 19 anos contra a indisposição da Universidade de Harvard, uma das mais conceituadas instituições acadêmicas do mundo, em criar um álbum de fotografias *on-line* de todos os alunos, fez com que Mark Zuckerberg, com a ajuda de Dustin Moskovitz e Chris Hughes, então seus colegas de faculdade, decidissem instituir uma rede social na qual os participantes poderiam divulgar mais do que apenas suas fotos, mas também um bloco de texto contendo suas opiniões.

Do Course Match ao Facemash, *softwares* com componentes sociais desenvolvidos pelo talento de Zuckerberg, e os quais as pessoas não conseguiam parar de usar, até o Facebook foram poucas etapas. O primeiro projeto surgiu em 2003, assim que ingressou na faculdade, e tinha como objetivo ajudar os alunos da Universidade a escolher as matérias, baseados em quem já as estava cursando. O segundo nasceu de um experimento de ciência da computação, seu curso na universidade. Em seguida, a título de registro, o site adotou o nome Thefacebook.com. De aparência simples, limpa e organizada, a plataforma de rede social popularizou-se nos alojamentos de estudantes.

Durante as primeiras semanas depois de sua criação, os usuários utilizaram o Thefacebook para protestar contra o que achavam importante. Intuitivamente, as pessoas perceberam que, “se aquilo pretendia lhes oferecer uma forma de expressar *on-line* sua verdadeira identidade, então suas opiniões e paixões sobre as questões do momento era um elemento dessa identidade” (KIRKPATRICK, 2010: 14).

¹⁴ Mundo pequeno, em tradução livre do inglês. Tradução nossa.

Ser “amigo” no Facebook significa, como idealizado por Zuckerberg, melhorar o relacionamento com as pessoas conhecidas do mundo real. Uma plataforma de pessoas baseada em sua verdadeira identidade.

Sua perspectiva de verdade, de transparência na Internet, apontava seu desejo de transformação: “Nós vamos mudar o mundo” [...] “Acho que podemos fazer do mundo um lugar mais aberto.” (Mark Zuckerberg, citado por KIRKPATRICK, 2010: 52). Para ele, a confiança no site dependia de se ter uma identidade fixa e conhecida.

Em termos atuais, o Facebook apresenta-se como uma experiência cultural capaz de unir o mundo. A cada mês, cerca de 30 bilhões de postagens são feitas em todo o planeta. Sendo um importante site de compartilhamento de fotos da Internet, com mais de 3 bilhões adicionadas mensalmente, o Facebook é informação partilhada especialmente por jovens¹⁵.

No quadro a seguir pode-se notar o crescimento exponencial de usuários do site, a idade média dos usuários, os países com o maior número de usuários e a quantidade média de amigos que cada usuário possui, que não pode ultrapassar cinco mil, o máximo permitido pelo site.

Quadro 1: comparativo de crescimento do número de usuários da rede social Facebook

	2007	2008	2010	2012
Quantidade de usuários por mês	50 milhões	100 milhões	500 milhões	1 bilhão
Idade média dos usuários	26 anos	26 anos	23 anos	22 anos
Cinco países com mais usuários cadastrados	Austrália, Canadá, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos	Chile, França, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos	Brasil, Índia, Indonésia, México e Estados Unidos	Brasil, Índia, Indonésia, México e Estados Unidos
Quantidade de amigos em média por usuário	321	334	305	598

Fonte: uol.com.br. Página acessada em 07/01/2014.

¹⁵ Todos os dados apresentados foram extraídos do livro de David Kirkpatrick, O efeito facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo.

A União Internacional de Telecomunicações (UIT) aponta que há mais de 2,7 bilhões de pessoas usando a Internet no mundo, segundo seus dados coletados até 2013¹⁶. Isto corresponde a 39% da população mundial.

Uma análise comparativa desses números aponta que cerca de 40% da população mundial usuária de Internet utiliza o Facebook. Quase metade da população mundial manifesta por meio de ‘likes’ sua participação no site, termo que virou referência de democracia participativa.

Um simples botão¹⁷ que encoraja o usuário a interagir com a informação disponibilizada no site, que pode ser uma mensagem textual, visual (em forma de fotografias e ilustrações) e ainda audiovisual, e permite ao usuário manifestar, em rede social e instantaneamente, seu ‘sentimento’ a respeito da mensagem acessada. Na página brasileira do Facebook, o botão adotou a expressão ‘curtir’.

Interessa a esta pesquisa traçar uma perspectiva a respeito da capacidade desse elemento de mídia digital em promover a sociabilidade virtual e o engajamento, já que, ao demonstrar interesse, o usuário aí reflete a sensação de seu pertencimento ao grupo. Disto, infere intimidade e proximidade entre os participantes, pois envolve empatia; propicia o estabelecimento de laços afetivos, pois impregna sentimento; fortalece os laços sociais, pois demonstra compreensão e apoio ao emissor. Identificar-se com o grupo ou a comunidade a que pertence pode refletir uma força motivacional. Assim, reciprocidade e confiança são estabelecidas a partir da ação singular e pessoal, a qual, porém, repercute coletivamente no grupo, aumentando consideravelmente o sentido de coexistência. Da credibilidade individual nasce a demonstração de engajamento social.

Quanto mais próxima do interesse do usuário estiver a mensagem, maior será a propensão de que ele curta o conteúdo. Quanto mais ‘curtidas’, maior homogeneidade é instaurada na mensagem, ou seja, interesse e sentimento entram em harmonia evocando envolvimento, apoio emocional, companheirismo e sensação de pertencimento (WELLMAN

¹⁶ ITU Key 2005-2013 ICT data – ITU: International Telecommunication Union, Measuring the Information Society. Geneva Switzerland, 2013.

¹⁷ Na literatura digital, o *action button* (botão de ação) ou *call-to-action button* (apelo à ação) é um elemento de mídia digital que representa o modo de incitar a participação interativa do usuário no site em que está conectado, transferindo-o a um outro ambiente digital, em forma de hipertexto, e permite também que ele compartilhe conteúdo (informação) digital. Como apelo de Marketing, tenta convencer uma pessoa a realizar uma ação desejada imediatamente, de forma a gerar venda. *Call to Action* by Mindy Lilyquist. Página acessada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: <http://homebusiness.about.com/od/homebusinessglossar1/g/Call-To-Action-Definition.htm>

e GULIA, 1999), características que definem uma comunidade virtual e lhe asseguram coesão (RECUERO, 2009).

Por outro modo, uma das características do site de rede social Facebook é o seu efeito de difusão (circulação) de informação, que o caracteriza como uma comunidade virtual que produz e faz circular a informação, ou seja, mantém o compartilhamento de práticas sociais discursivas por seus membros e se sustenta por meio destas. Assim, o Facebook assume o estatuto de comunidade discursiva (SWALES, 1990).

Como discurso, entende-se que, no ato de curtir uma mensagem, houve a interpretação do receptor a partir de sua construção de sentido, em termos cognitivos.

Estruturalmente, cada página criada no site apresenta-se sob a forma de um mural, denominado ‘linha do tempo’. Quem cria a página assume a função de administrador. Os participantes (membros que solicitam adesão à página) podem escrever o que pensam ou sentem ou apenas curtir o que foi escrito por outro membro. ‘Curtir’, então, tornou-se uma maneira de monitorar a interatividade, o envolvimento e o grau de disseminação da mensagem, que ocorre em larga escala (espaço) e de forma tão rápida (tempo), assumindo um aspecto viral, em que algo tem a capacidade de espalhar-se rápida e facilmente pelos usuários da rede social, propagando a informação de uma pessoa a outra e para muitas, que tomam ciência da informação simultaneamente.

Construído inicialmente apenas como uma maneira de manifestar uma revolta pessoal do seu idealizador contra uma figura de autoridade acadêmica, o Facebook fez com que bilhões de pessoas assumissem o poder de se transformar nessa autoridade. Mark Zuckerberg “transferiu um pouco de seu próprio poder para todos os usuários” (KIRKPATRICK, 2010).

Em 2010, uma página foi criada no site de rede social Facebook e promoveu uma das revoltas populares mais contundentes da história do Egito. Essa página foi denominada **We Are All Khaled Said** e obteve um número expressivo de adesão, como pode ser visto a seguir.

1.5.1 A página de rede social We Are All Khaled Said

Em acontecimentos recentes no mundo árabe, muitos grupos de protesto foram criados no site de rede social Facebook como forma de manifestar a insatisfação da população contra seus regimes políticos. Alguns foram notórios, como o Kifaya (“basta” em árabe), fundado em 2004 por intelectuais, e o Movimento 6 de Abril, fundado em 2008 para apoiar lutas de trabalhadores. No entanto, como se vê em Coelho (2011), nenhum obteve tanta adesão nem

foi tão difundido como a comunidade denominada **We Are All Khaled Said**, criada em homenagem a um jovem, de 28 anos, brutalmente torturado e morto por espancamento pela polícia egípcia, em 06 de Junho de 2010.

Khaled Mohamed Said foi arrastado de um *cybercafé*¹⁸ em Alexandria e jogado na traseira de um carro de polícia egípcia pelo fato de ter perguntado aos policiais por que estava sendo revistado. Por exigir uma razão de estar sendo interpelado, como algumas testemunhas afirmaram, ele foi impiedosamente surrado e seu corpo mutilado foi atirado na rua, para simular que havia sido atacado por algum estranho. O motivo teria sido o fato de Said, acidentalmente, ter presenciado transações ilegais entre a polícia egípcia e traficantes de droga. A autópsia policial decretou morte por asfixia, depois de engolir um saco de maconha¹⁹. O uso de força excessiva tem precedentes na lei de emergência instaurada no Egito.

Figura 1: imagem de Khaled Mohamed Said vivo e morto

Fonte: Egypt: Roots of a Revolution. 09 de Fevereiro de 2011. Página acessada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: <http://cdn2.likethedew.netdna-cdn.com/wp>

Quatro dias depois de sua morte, a campanha **We Are All Khaled Said** foi lançada em rede social, pela página do site Facebook. De acordo com as notícias internacionais²⁰, a campanha alimentou um clamor público e motivou ainda mais a população jovem – cansada do tratamento desumano que o regime de Mubarak havia imposto, e desejosa por mudanças –

¹⁸ Café net, café Internet: um lugar público que fornece acesso à Internet a partir da cobrança de uma taxa baseada no tempo de acesso.

¹⁹ Egypt: Roots of a Revolution. 09 de Fevereiro de 2011. Página acessada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: <http://likethedew.com/2011/02/09/egypt-roots-of-a-revolution>

²⁰ History of the Revolution on Facebook. Página visitada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.elshaheed.co.uk/2012/01/26/the-story-of-we-are-all-khaled-said-english-facebook-page-1-of>

a arregimentar o movimento em rede social, que já vinha insuflado pelos acontecimentos na Tunísia, com a derrubada do ditador Ben Ali. O grupo inicialmente formado pela adesão à página exigia das autoridades egípcias explicações sobre o acontecimento que culminou na morte do jovem Khaled Said e a justa condenação dos culpados. Daí à derrubada do regime de Hosni Mubarak há uma cronologia e uma produção textual que serviram de *corpus* de análise para esta pesquisa, cujos dados mais específicos serão apontados no Capítulo II.

A primeira página do site de rede social Facebook **We Are All Khaled Said** foi criada em língua árabe, mas, por ter ficado sob vigilância do Estado, não obteve adesão expressiva. Paralelamente à página árabe, foi criada uma em língua inglesa, que, por não ter sido detectada e controlada pela segurança egípcia, obteve a adesão de dezenas de milhares de seguidores no Facebook, tornando-se um ponto focal para a organização de manifestações mundo afora.

A página procedeu à publicação de fatos que revelavam a violação dos Direitos Humanos, os abusos da polícia e autoridades egípcias como torturas e agressões à população, por meio de textos, imagens, fotografias, vídeos, que podiam ser acessados diretamente no mural ou por meio de hipertextos. Dentre os vídeos postados, havia um que mostrava cenas em que um funcionário, presumidamente do NDP (National Democratic Party²¹), fraudava votos a favor de um determinado candidato e os depositava nas urnas eleitorais²². O conteúdo fazia ampliar ainda mais a revolta e o descontentamento das pessoas. Os participantes do site tinham acesso a publicações de outras fontes de mídia, além da TV estatal, inclusive de outros países, o que era proibido por Mubarak. A luta por democracia e liberdade motivou e engajou a população egípcia a sair às ruas em 25 de janeiro de 2011.

A campanha **We Are All Khaled Said**, que entrou em atividade em 19 de Julho de 2010, propagada e alimentada no site da rede social Facebook, foi de fundamental importância para apoiar a Revolução do Egito em 2011. A população, em princípio, aderiu à página e curtiu as informações. À medida que a campanha crescia em número de adesões, crescia também a participação dos integrantes. Em dado momento, a população estava produzindo seus vídeos e compartilhando na rede social. Tudo era realizado pelas pessoas e

²¹ Partido Nacional Democrático, em tradução livre do inglês. O PDN tem como líder o ex-presidente do Egito, Hosni Mubarak. Tradução nossa.

²² Fraud in Egypt Elections 2010 (28 de Novembro de 2010). Página acessada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IcEsyr7I5_I

para as pessoas, evidenciando o poder da comunidade virtual. Não havia líder. A liderança era de todos na página.

A autoria da criação da página, e consequentemente sua administração, manteve o anonimato devido às ameaças do regime à população, já que o autor teria a responsabilidade de organizar a revolta. No entanto, acabou descoberto e preso. Doze dias após a sua libertação, e por meio de uma dramática e exclusiva entrevista²³ a um canal privado da TV egípcia, a Dream TV, Wael Ghonim, executivo de marketing da Google, assumiu-se como autor e administrador da página. Além dele, também eram seus administradores Ahmed Saleh e Nadine Wahab²⁴.

Ghonim, que nasceu no Cairo, Egito, em 23 de Dezembro de 1980, vivia confortavelmente nos Emirados Árabes Unidos e juntou-se aos manifestantes no Egito em virtude do seu profundo amor ao país em que nasceu e cresceu. Na véspera de 25 de Janeiro de 2011, informou à Google sua ausência e alegou ter de resolver assuntos pessoais. Três dias depois foi preso pela segurança de Hosni Mubarak.

Sua página no Facebook, uma plataforma livre, um ambiente aberto, mostrou à população que havia um caminho e a Internet era esse caminho. A vida virtual mostrou-se diferente da vida real. Wael Ghonim soube envolver as pessoas.

²³ Inside the Egyptian Revolution. Página acessada em 10 de Junho de 2014. Disponível em: http://www.ted.com/talks/wael_ghonim_inside_the_egyptian_revolution, Também: Egypt activist Wael Ghonim tells TV station: 'I am no hero' – vídeo. Página acessada em 10 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/video/2011/feb/08/egypt-activist-wael-ghonim-google-video>

²⁴ We are all Khaled Said. An Interview with the Administrators of the Facebook Page that Fueled the Egyptian Revolution. 03 de Novembro de 2011. Página acessada em 22 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.bostonreview.net/khaled-said-facebook-egypt-revolution-interview>

CAPÍTULO II PRIMAVERA ÁRABE

2.1 Apresentação

Uma série de protestos de rua ocorreram nos países árabes do Norte da África e no Oriente Médio em dezembro de 2010, compreendendo os países que “compartilham a língua árabe e a religião islâmica, apesar de etnicamente diversos” (DUTRA, 2013), e foram reconhecidos como um movimento democrático pela maioria dos meios de comunicação. Iniciados na Tunísia, tais protestos acabaram influenciando, por conta da oposição às péssimas condições de vida impostas pelos regimes ditatoriais, outros países do mundo árabe, como Argélia, Líbia, Jordânia, Iêmen, Egito, Síria, Iraque e Bahrein, além de pequenos incidentes na Mauritânia, Omã, Arábia Saudita, Líbano, Sudão e Marrocos.

Na Tunísia, mais precisamente em Sidi Bouzid, a morte de Mohamed Bouazizi, um vendedor ambulante que ateou fogo ao próprio corpo em 17 de Dezembro de 2010 como forma de protestar contra o confisco de seus bens de trabalho pelas autoridades, reuniu em seu funeral mais de 5.000 pessoas (DUTRA, 2013), e marcou o início das manifestações, ampliadas pela indignação da população contra a corrupção do governo (BEAS, 2011). O ditador Zine El Abidin Ben Ali, não resistindo à revolta popular, deixou o poder depois de mais de duas décadas. Da Tunísia, a revolta espalhou-se pelos países vizinhos, dando origem a uma onda revolucionária em grande parte do Oriente Médio.

Esses movimentos, marcados por um cenário político extremamente repressivo e por reivindicações populares contra os altos níveis de desemprego, pobreza, corrupção, injustiça e desrespeito aos Direitos Humanos, ficaram conhecidos no Brasil como **Primavera Árabe**.

No quadro a seguir, pode-se ver um resumo dos principais protestos:

Quadro 2: resumo dos principais protestos que deram origem à Primavera Árabe

País	Fato deflagrador	Data	Consequência	Tempo no poder	Designação da manifestação	Desdobramento
Tunísia	Autoimolação de Mohamed Bouazizi, como forma de protesto contra o confisco de seus bens de trabalho pelas autoridades	17/12/2010	Deposição do ditador Zine El Abidin Ben Ali	Desde 1990	Revolução de Jasmin (flor símbolo da Tunísia)	El Abidin Ben Ali foi condenado a 35 anos de prisão. Eleição presidencial prevista para ser realizada até o fim de 2014.
Egito	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin, influenciada pela tortura, espancamento e morte do jovem Khaled Said pela polícia egípcia.	25/01/2011	Deposição do ditador Hosni Mubarak	Desde 1981	Dias de Fúria, Revolução de Lótus (flor símbolo do Egito), Revolução do Nilo	Hosni Mubarak responde a processos criminais no Egito. Dois presidentes eleitos pós-Mubarak foram depostos. O governo provisório está nas mãos do novo presidente Abdel Fatah Sisi.
Líbia	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	02/2011	Deposição do Muammar Kadhafi (Kadafi; Gaddafi)	Desde 1969	Guerra Civil Líbia ou Revolução Líbia	Muammar Kadhafi foi capturado e morto no fim de 2011, cedendo o poder ao Congresso Nacional Geral
Síria	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	03/2011	Tentativa de deposição do ditador Bashar al-Assad	Desde 2000	Guerra Civil Síria	Os protestos ainda estão acontecendo no país.
Iêmen	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	02/2011	Derrube de Ali Abdullah Saleh	Desde 1990	Revolução Iemenita, Revolta no Iêmen 2011-2012	Após ser gravemente ferido em um atentado contra o seu palácio, em Junho de 2011, Ali Abdullah Saleh anunciou três meses depois a sua saída.
Bahreim	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	02/2011	Tentativa de deposição de Hamad bin Isa al-Khalifa	Desde 1999	Revolta no Barein	O governo respondeu às manifestações com violência e mantém o poder.

Argélia	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	01/2011	Tentativa de deposição de Abdelaziz Bouteflika	Desde 2001	Protestos na Argélia 2011	Bouteflika organizou a realização de novas eleições no país, mas venceu devido a um elevado número de abstenções.
Marrocos	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	02/2011	Lutas por diminuição do poder do rei	Desde 2001	Protestos no Marrocos	Sem exigência do fim do poder do rei Mohammed VI, que convocou eleições para Primeiro Ministro. No entanto, seus poderes ainda são amplos e a insatisfação popular é grande
Omã	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	02/2011	Lutas por melhores condições de vida, reforma política e aumento de salários	Desde 1961	Protestos em Omã	Sem exigência do fim do regime monárquico de Qaboos bin Said, que definiu as primeiras eleições municipais em 2012.
Jordânia	Protestos motivados pela Revolução de Jasmin	07/2012	Tentativa de deposição do rei Abdullah II	Desde 1999	Protestos na Jordânia	O rei convocou a realização de novas eleições em 2013, mas foi boicotada pelo partido da Irmandade Muçulmana.

Fonte: estadão.com.br²⁵

Em comum ainda há o modo virtual da disseminação da informação, promovendo uma agremiação impraticável por meios tradicionais, já que os regimes totalitários impostos nesses países impõem a censura e não permitem à população a livre manifestação de opiniões.

Por um novo meio de comunicação, o digital, por intermédio da Internet, a população pode ter um amplo acesso à informação, em termos mundiais, e o uso dessa tecnologia foi relevante na mobilização por legítimos anseios populares.

Por sua expressividade, esta pesquisa concentrou a análise nos protestos ocorridos no Egito, estrategicamente espelhados nos acontecimentos da Tunísia.

²⁵ Um ano de Primavera Árabe, a primavera inacabada. Página visitada em 23 de Junho de 2014. Disponível em: <http://topicos.estadao.com.br/primavera-arabe>

2.2 Oriente Médio

Olhar geograficamente a região do Sudoeste da Ásia, estrategicamente localizada entre três continentes, Europa, Ásia e África, não revela desse modo o intercambiante acontecimento de fatos históricos que fizeram desse espaço uma área complexa e de influência mundial.

Ao consultarem-se os mapas, a cartografia do Oriente Médio revela apenas uma parte da realidade desse espaço. As informações dadas a esse respeito são confusas e inconsistentes.

Segundo Archela (2010), a orientação geográfica considera os seguintes países constituindo o Oriente Médio: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Chipre, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Síria (países da península arábica); Chipre (país insular que ocupa grande parte de uma ilha no Mediterrâneo); Turquia (embora tenha uma parte de seu território na Europa, é considerado um país asiático) e pela parte asiática do Egito (país predominantemente africano).

O Egito considera-se ligado ao Oriente Médio, onde predomina a população árabe e islâmica, por questões geopolíticas. Desta mesma maneira, juntam-se à região Marrocos, Argélia, Líbia e Tunísia.

Historicamente, o Oriente Médio – de 2.000 a. C aos dias atuais – foi constituído por povos e culturas diferentes entre si, porém com uma essência unificadora capaz de manter sua existência. Árabes, judeus, turcos, curdos, gregos, persas, afegãos e palestinos constituem a sua população, convergindo a três grandes e importantes religiões: cristianismo, judaísmo e islamismo. Avaliar parte dos fatos antecedentes permite compreender essa essência.

No início da era cristã, o mapa político da região era diferente do que vemos hoje. As designações dos países, suas extensões territoriais, as línguas faladas, as religiões professadas eram outras.

Um império, o poder, uma nova religião são âmbitos reconhecidos ao fim do século VII, cujas conquistas estendiam-se para além do leste da Ásia, alcançando as fronteiras da Índia, da China, indo a oeste, da costa sul do Mediterrâneo ao Atlântico; indo ao sul, à África e ao norte, à Europa. O domínio do islamismo e da língua árabe penetrava no mundo e com ele o poder dos califas. Hoje, apesar de sua longa e gloriosa história, o império dos califas não conseguiu manter sua autoridade e há muito desapareceu. No entanto, a fé islâmica e a língua

falada pelo povo árabe mantêm-se coesas como instrumento de unidade identitária, como evidenciado pelo acadêmico e orientalista Bernard Lewis:

Mas em todos os países conquistados pelos árabes, com exceção apenas da Europa, no Ocidente, e do Irã e Ásia Central, no Oriente, o árabe coloquial, em uma grande variedade de formas, continua a ser a língua falada pelo povo e o árabe literário permanece como instrumento principal do comércio, da cultura e do governo. Como língua da religião – da escritura, da teologia e da lei divina – o idioma árabe espalhou-se muito além das terras de fala árabe e, mais tarde, além dos limites da conquista, penetrando em numerosas regiões da Ásia e da África que jamais conheceram o domínio árabe. (LEWIS, 1996).

Sob o ponto de vista etimológico, o termo Oriente Médio designava as margens mais à leste do Mar Egeu. Nomes como Ásia, ou Ásia Menor, e Anatólia também foram utilizados para caracterizar essa região, nos primeiros séculos da era cristã. Lewis (1996) analisa que assim como Anatólia, do grego ‘alvorecer’, adveio Oriente, do latim, e Levante, do italiano, expressões que caracterizavam a visão dos limites marcados pelas terras mediterrâneas a leste do mundo até então conhecido.

Aos poucos, essa visão estendeu-se a áreas mais vastas do que as do leste. Da Ásia, ampliada, derivou a Ásia Menor. Muitos séculos à frente, essa mesma noção fez derivar do Oriente ampliado o ‘Oriente Próximo’ e o ‘Médio’, quando “um Oriente mais distante despontou no horizonte ocidental” (LEWIS, 1996).

Esse alongamento deu espaço a um Oriente Médio mais complexo étnica, linguística e religiosamente. O cristianismo e o islamismo originaram-se como formas de adoração monoteísta surgidas com as conquistas e transmigração, suplantando antigos cultos.

Conceitualmente, contudo, há uma construção imaginária não sem propósito de Oriente, que proporcionou ao mundo estabelecer um contraste, um oposto, o Ocidente. Uma divisão imaginária que representa a sociedade árabe pluricultural afastada de sua constituição histórica concreta e conduzida ao campo subjetivo da ideologia. Nesse aspecto, sobressaem imagens que, politicamente, vão determinar uma personalidade afastada da realidade do que é essa sociedade, como esclarece Said:

Seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente “real” a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser. (SAID, 2007).

Um descuidado e limitado pensamento conceitual, ou conceituoso, a respeito do Orientalismo, superficialmente contextualizado no sentido de terrorismo e fundamentalismo islâmico “sem a menor preocupação com confiabilidade ou reflexão ou autêntico

conhecimento” (SAID, 2007) foi fomentado por mídias que não conseguiram representar adequadamente a sua cultura. Terrorismo, fundamentalismo e islamismo postos no mesmo centro de significação redutora. A religiosidade por vezes é vinculada, de modo genérico, a interesses políticos e estritamente sob o viés ditatorial.

Vale uma reflexão a propósito da diferença a ser considerada entre o que se passa na vida real das pessoas desses lugares, compreendido pelo sentimento de coexistência “sectária” desses povos (BAYAT, 2010), e o que está na transmediação às avessas, em que história, língua e cultura correm o risco de ser desqualificadas ou ignoradas, como Said defende:

A leviandade estarrecedora dos publicistas inconsequentes que falam em nome da política externa e que não têm a menor noção da vida real nesses lugares (nem nenhum conhecimento da língua ou do que as pessoas reais efetivamente falam) (SAID, 2007).

Por essa lógica de coexistência, que Resende (2011) credita à geografia de região, e que Said (2007) amplia à história e à cultura desse povo, não cabe o pensamento analítico de viés estritamente político.

Em outras palavras, a ideia geopolítica de modernidade atribuída ao Ocidente e utilizada como comparação ao falar do Oriente, descontextualizada da temporalidade histórica deste último, verte à relevância as questões relativas “à mídia, à linguagem, ao discurso, aos estudos dos gêneros e às formas de apreender as práticas do cotidiano no mundo árabe” (RESENDE, 2011), em que se faz prevalecer uma eficiência comunicativa, ainda que distorcida, cuja produção textual enfatiza a força de pensamentos coletivos, sentimentos compartilhados e promove generalizações e lugares comuns.

As disputas que se quer evidenciar com este estudo dizem respeito a questões identitárias, mais do que territoriais, embora ambas estejam relacionadas. É um Oriente mais recente – que tem sido cenário de importantes revoltas advindas de sentidos, desejos e demandas por mudanças, que dizem respeito à falta de democracia e da supressão de direitos humanos básicos, que extrapola a dimensão espacial e as particularidades locais, mas que se levanta contra a desigualdade - que este estudo considera notável.

2.2.1 Egito

O dia do *Shamm el-Nessim* (شمّ النسيم), que em árabe literalmente poderia ser traduzido como “cheirar o ar” (LANE, 1908), é considerado uma celebração nacional mais do que religiosa no Egito que representa o ‘Dia da Criação’, da colheita, da renovação da vida.

Festeja-se o início da primavera. Não há um modo mais significativo do que este para enfatizar a importância da colheita, das cheias às vazantes do Nilo, do solo fértil, do plantio ao Shemu²⁶. Da riqueza ao isolamento, o Egito é considerado uma das maiores civilizações do mundo, que floresceu e prosperou graças aos abundantes recursos do Nilo. Novo bastião da língua árabe e do islamismo a partir da chegada dos árabes no século VII, o Egito foi alvo de conquistas e dominações que lhe saquearam muito de sua história, edificada sobre o controle do império. Os tempos recentes ficaram marcados pela retomada desse sentimento de prosperidade perdida e subjugada pelo domínio de governos tirânicos, pela retomada da consciência e pelo ditame da mudança.

De Gamal Abdel Nasser, que liderou a Revolução dos Oficiais Livres na década de 1950, substituído por Anwar Sadat, até Hosni Mubarak, o Egito viu-se entre intervalos de nacionalismo estatizante e subserviência ao capital internacional, de ascensão e queda do impulso de seguir em frente.

A capital, o Cairo (القاهرة) al-Qahirah, literalmente ‘a Conquistadora’ é a maior cidade do Oriente Médio em dimensão e população. A “mãe das cidades” como escreveu, no século XIV, Ibn Battuta:

Cheguei finalmente ao Cairo, mãe das cidades e sede do Faraó, o tirano, senhor de vastas regiões e campos frutíferos, ilimitada na multiplicação dos seus edifícios, ímpar na beleza e no esplendor, lugar de encontro de quem vem e vai, paragem dos frágeis e dos poderosos, onde as multidões se levantam como as ondas do mar e dificilmente podem ser contidas, apesar de todo o seu tamanho e capacidade.” (Ibn Battuta, apud COELHO, 2011).

O Cairo é a décima maior área urbana do mundo. Sua contagem populacional é de mais de 9 milhões de habitantes na cidade (dados de 2013). Com uma extensão territorial de 214 km², é a maior cidade do Egito, é a maior da África e a maior de todo o mundo árabe²⁷. Em seus arredores, vivem mais de 10 milhões de pessoas em uma área metropolitana formada por uma malha urbana. A língua mais falada é o árabe e, além dele, usam-se ainda o inglês e o francês.

²⁶ Época de colheita no antigo Egito. LANE, Edward William. *Manners and Customs of the Modern Egyptians*. NY: London, J. M., 1908. Página acessada em 19 de Abril de 2014. Disponível em: <https://archive.org/details/mannerscustomsm00lanegoog>

²⁷ Cairo Population 2013. World Population Statistics. 13 de Novembro de 2013. Página visitada em 10 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.worldpopulationstatistics.com/cairo-population-2013>; Site oficial da cidade. Página visitada em 10 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.cairo.gov.eg>. Publifolha. Guia Passo a Passo: Cairo. Gallimard, 2010

A religião islâmica é predominante e os seus praticantes se definem, em sua maioria, como muçulmanos sunitas, mas há também uma forte presença de cristãos coptas, que outrora preponderavam na cidade.

O Cairo é o centro econômico, político e cultural do Egito. Cerca de 67% do PIB (Produto Interno Bruto) egípcio provém da área metropolitana do Cairo. Suas indústrias são predominantemente têxteis, de algodão e de processamento de alimentos, sendo o setor de serviços e atividades em torno do turismo as principais fontes de emprego.

Lá tudo remonta ao passado. O Cairo possui as maiores e mais antigas indústrias de cinema e música do mundo, assim como a instituição de ensino superior mais antiga do mundo, a Al-Azhar University. No entanto, sua população é considerada jovem. Pelo senso demográfico de 2011, 36% da população estava abaixo de 15 anos. Uma juventude convivendo em um crescente descontentamento devido aos problemas econômicos.

2.2.2 A Praça Tahrir (ميدان التحرير)

Um círculo de terra arborizada em meio a buzinas e um tráfego intenso cruzando entre norte e sul; entre oriente e ocidente. Uma rosa dos ventos rodeada por espaços abertos e edifícios, dois deles política e culturalmente imponentes. Ao norte, o Museu Egípcio, que abriga os milenares tesouros faraônicos; ao sul, o Mogamma (المجمع) com seus vinte andares, no qual se estabelecia o “colosso temível da burocracia egípcia” (COELHO, 2011). Ao leste, orienta-se a construção do século XIX da Universidade Americana do Cairo, grande responsável pela vida intelectual do Egito. A oeste, aparecia-se a sede do Partido Nacional Democrático (PND), em seu moderno complexo de escritórios. O prédio da Liga Árabe, importante que foi por seu movimento de reunir os países de língua e civilização árabe em uma só comunidade, fica a sudoeste; e a sudeste localiza-se a mesquita Omar Makram, que serve aos funerais do Estado, tendo a calçada que a envolve transformada em milhares de pedras, servido de munição aos manifestantes.

Figura 2: Praça Tahrir

Fonte: efe.com²⁸

Prosaica, a Praça Tahrir tomou sua forma atual apenas no final do século XIX. Originalmente, outro nome de batismo, Maidan Ismailia, assentava-lhe o início de sua modernização arquitetônica, no reinado de Ismail Pasha, o Magnífico, de 1863 a 1879. Após a Revolução Egípcia de 1952, em que o Egito assumiu a República como forma de governo no lugar da monarquia constitucional, a praça adotou em 1954 o nome Maidan al-Tahrir, ‘Praça da Libertação’ em árabe.

O processo de modernização contribuiu para que esse espaço público tenha sido o local de coexistência, uma “unidade polivalente” (RESENDE, 2011). A praça Tahrir, assim como a cidade do Cairo, e ainda como muitas grandes cidades do Oriente Médio, assume uma característica de espacialidade em que as pessoas se socializam no seu cotidiano. Uma característica geográfica das cidades árabes, como Resende descreve neste trecho:

[...] práticas que devem ser estendidas às vielas tortas, ao mercado El Khalili, por exemplo, às grandes ruas e aos bairros da cidade do Cairo. E essas práticas de partilha – que neste caso específico podem ser abordadas a partir da ideia de uma diluição das fronteiras público/privado – são marcas de um ‘cotidiano cosmopolita’ (RESENDE, 2011).

Por sua significação, a Praça Tahrir tem sido o local de grandes protestos e manifestações, dentre elas uma sem precedentes. No dia 25 de Janeiro de 2011, foi palco do maior movimento popular da história do Egito, movimento este que recebeu designações tão discrepantes quanto a credulidade de que ele realmente pudesse acontecer. Termos como

²⁸ NOUJAIM, 2013. *The Square*. O documentário mostra Tahrir como uma praça com vida própria. Página acessada em 23 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.efe.com/efe/noticias/brasil/cultura/the-square-mostra-tahrir-como-uma-pra-com-vida-propria/3/19/2229884>

“revolução”, “revolta”, “tumulto”, “golpe”, “manifestação” foram lançados pela mídia em geral, de acordo com cada interpretação dos fatos.

Entre 2010 e 2011, jovens egípcios usaram as redes sociais para pedir o fim do regime de Hosni Mubarak, dando início a um evento que viria a mudar a história do Egito. O cerne dessa manifestação estava no clamor da população pelo fim da pobreza opressiva, da corrupção, do desemprego, da injustiça, dos abusos policiais que assolavam o país e provenientes do regime autoritário de Mohammed Hosni Mubarak, havia 30 anos no poder. O povo estava dizendo não a tudo isso; não ao seu regime político. Queria de volta seus direitos fundamentais. Queria de volta a sua dignidade.

Os protestos iniciados em 2010 se expandiram. Centenas de greves eclodiram no país. As lojas fecharam. Não havia trabalho. As pessoas trocavam de emprego o tempo todo. Não havia hospitais, nem escolas. Não havia esperanças de um futuro melhor para o país. Irritada, a nação perdeu o medo.

Pela sua relevância para este estudo, destacam-se os meios de comunicação utilizados pela população para conseguir essa mobilização. Através de redes sociais, em sites de relacionamento como Facebook e Twitter, os manifestantes convocaram a nação egípcia para mudar a história de seu país. Como afirma Viana (2011), sabe-se que essas novas mídias, mais do que deflagrar as revoluções, potencializaram o desejo de mudança na população insatisfeita com “os rumos da política e da situação socioeconômica”. Como ferramentas de relacionamento digital na Internet, os sites de redes sociais tiveram importante papel ao propagar as ideias e as notícias sobre os acontecimentos das revoltas ocorridas na Tunísia, um dos estopins da Primavera Árabe, porém de forma coadjuvante, já que as imagens que deflagraram as revoltas, como a autoimolação do tunisiano Mohamad Buazizi, foram difundidas primeiramente pela televisão.

Como aspecto de reflexão à visão predominante na mídia, o evento Primavera Árabe destacou-se por ter manifestantes jovens em sua maioria, sem qualquer influência fundamentalista religiosa, que conseguiram fomentar, articular e propagar os protestos pelo mundo afora. Trata-se, portanto, de um âmbito além da tecnologia, mas das classes urbanas atingidas pelo desemprego, preponderantemente de jovens, parcela representativa da população árabe.

As novas tecnologias, sem dúvida, colaboram para dar voz à população já que, em um regime ditatorial, os meios de expressão ou não existem ou são restritos. No entanto, a voz que se pronunciou foi a da retomada do sentido de coexistência.

CAPÍTULO III ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)

3.1 Apresentação

A linguagem, como mostra Fairclough (2002), é parte inerente da vida em sociedade, já que é através dos textos escritos ou falados que ocorrem as interações entre indivíduos (FONSECA, 2011). Considerar seu uso como forma de prática social é a essência da Análise de Discurso Crítica (ADC), uma abordagem teórico-metodológica, que investiga o discurso sob dois âmbitos: social (relações de poder) e linguístico (recursos linguísticos), ambos indissociáveis. Por ser um dos ramos “mais ativos e influentes” da Análise de Discurso (BLOMMAERT & BULCAEN, 2000), a ADC tem por objetivo tornar “visíveis as relações entre prática social e linguagem”, pois admite efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença podem estar aparentemente submersos (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, quando se busca uma reflexão a respeito do processo de construção de sentido no texto escrito, considerado como uma forma de interação entre os indivíduos (KOCH, 2005), é conveniente fazê-la por intermédio da aplicação de mecanismos propostos pela ADC, de forma que esses elementos possam ser revelados.

Entretanto, a complexidade existente no âmbito da abordagem da ADC levou este estudo ao enquadre da Teoria Social do Discurso (TSD), sua vertente desenvolvida por Norman Fairclough, que considera três fases em sua produção: (1) um modelo tridimensional para a ADC, (2) uma fundamentação da Ciência Social Crítica (CSC) na ADC e (3) uma adequação do sistema funcionalista da Linguística Sistêmica Funcional (LSF) à análise textual em pesquisas sociais.

A TSD compreende o discurso como sendo um “momento de práticas sociais” (RESENDE, 2011), critério básico da CSC que dá origem à dimensão da análise da prática discursiva; é concebido como “modo de ação historicamente situado” (FAIRCLOUGH, 2001), dimensão da prática discursiva, e interligado a sistemas internos da linguagem, orientação da LSF, suscitando a dimensão textual.

Os estudos funcionalistas da LSF estabelecem princípios de investigação dos sistemas internos da linguagem a partir das funções sociais, que Halliday (1991) classifica como três macrofunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual.

A função ideacional consiste na representação da expressão da realidade por meio da atividade humana, considerando eventos, ações, estados, entre outros processos, sob a forma de conteúdo. Trata, portanto, da “expressão linguística do conteúdo ideacional presente em todos os usos da linguagem” (RESENDE, 2011).

A função interpessoal considera a língua relacionada à sua capacidade de gerar significado no processo de interação social. Trata, assim, “dos usos da língua para expressar relações sociais e pessoais” (Ibid.).

A função textual analisa os textos a partir de seus aspectos semânticos, gramaticais e estruturais, sendo a gramática “o mecanismo linguístico que opera ligações entre as seleções significativas derivadas das funções linguísticas, realizando-as em estrutura unificada” (Ibid.).

A TSD incorpora essas macrofunções como princípios de investigação dos sistemas internos da linguagem, mas atualizadas em uma relação de “condição e efeito” (FAIRCLOUGH, 2001) entre discurso como prática social e estrutura social. Ele reconstitui o conceito de discurso voltado à exterioridade linguística, mas dialético entre linguagem e estrutura social, uma relação interna, em que o discurso é “socialmente constitutivo” [como resultado de] e “constituído socialmente” [tem efeito em] (RAMALHO, 2011). Por exemplo, partindo-se da função textual da LSF, a contribuição de Fairclough vem no sentido de demonstrar que um texto visto como resultado de um evento discursivo tem efeito na vida social (condição e efeito). Ou seja, se a ADC pautar-se apenas pelo aspecto discursivo das práticas sociais, arrisca-se a perder o foco dessa relação dialética. Por isso, propõe em sua teoria que a análise de discurso seja realizada sob um modelo tridimensional: (1) a prática social, (2) o texto e, de modo intermediário, (3) a prática discursiva.

Aqui neste projeto, a partir da abordagem TSD, serão avaliadas, no capítulo seguinte, as estratégias textuais discursivas de um conjunto de textos escritos retirado da página **We Are All Khaled Said**, uma comunidade virtual desenvolvida no site de relacionamento Facebook, que fomentou a campanha de engajamento popular para o evento Revolução do Egito 2011, dentro da Primavera Árabe.

Nesta pesquisa, portanto, serão levadas em conta as três dimensões da TSD como suporte analítico e metodológico, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 3: categorias analíticas

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário gramática coesão estrutura textual	produção distribuição consumo contexto força coerência intertextualidade	ideologia sentidos pressuposições metáforas hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas.

Fonte: categorias analíticas propostas no modelo tridimensional de Fairclough (2001), adaptado de Resende & Ramalho (2011).

A separação modular do modelo tridimensional de Fairclough serve apenas ao propósito de organização analítica. Para a análise do texto pode-se considerar uma escala ascendente, em que o vocabulário relaciona-se às palavras individuais (significado); a gramática relaciona-se às combinações das palavras nas orações (atribuição de significados à frase); a coesão refere-se à ligação entre as orações (interpretação de frases coerentemente conectadas) e, por fim, a estrutura textual irá tratar das categorizações organizacionais de larga escala dos textos. Para a prática discursiva, deverão ser avaliadas as condições sociocognitivas de produção (autor), distribuição (troca/interação) e consumo (interpretação) do texto, em que se verificam os processos sociais relacionados; contexto (situacional da construção textual, cujo efeito reduz possíveis ambivalências de interpretação e age na formação do sentido), força (componente acional que está em oposição ao ideacional/representacional), coerência (relações de sentido no texto inferidas na interpretação) e intertextualidade (presença de outros textos, outros discursos no texto).

A prática social situa o discurso em relação à capacidade de liderança intelectual do falante para com os seus interlocutores, concebida em termos hegemônicos de ideologia e poder mais na construção de acordos entre eles do que dominação. Trata-se da estratégia de articular e desarticular as ordens do discurso em prol destas alianças. Um dinamismo que será abordado a seguir.

3.2 Discurso como prática social

Pelo uso da linguagem, através do discurso, as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, ou ainda sobre a sociedade. Este pensamento reitera a argumentação de Fairclough (2001) de que linguagem e sociedade são elementos dialéticos, confirmando a existência de uma relação externa entre linguagem e sociedade, proveniente de que o discurso é delineado por uma estrutura social, e também de uma relação interna, da qual provém que o discurso é constitutivo da estrutura social. Discurso é uma prática social e não uma atividade individual e unilateral, mas dialética, já que para ele a estrutura social é tanto uma condição da prática social como um efeito dela (FAIRCLOUGH, 2001).

O discurso, portanto, refere-se a uma forma de representação que se desdobra em prática social, ou ainda, uma prática de significação do mundo através da linguagem:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que a moldam e a restringem direta ou indiretamente: suas normas e convenções, assim como as relações, identidades e instituições que se encontram por trás destas. O discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo e construindo o mundo com base em significados. (FAIRCLOUGH, 1992: 64)

Sob essa perspectiva, Halliday aponta que, para significar, a linguagem – que é um sistema aberto e passível de mudanças – precisa ser mantida por recursos internos (lexicais, gramaticais e semânticos) e externos, estes respaldados pelo “dinamismo das ordens do discurso de cada campo social” (RAMALHO & RESENDE, 2011), servindo-se deles tanto dentro do sistema como por novas possibilidades de articulações de discursos. Para significar e, conseqüentemente, gerar sentido, a linguagem deve considerar combinações particulares de gêneros e estilos. Assim, gêneros, estilos e discursos ligam o texto às relações internas e externas da linguagem (HALLIDAY, 2004).

Ao reconsiderar que, por meio do discurso, as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros (ação e interação), isso assume um caráter acional. O discurso refere-se ainda a uma forma de representação que se desdobra em prática social, ou seja, uma prática de significação do mundo através da linguagem. Desta forma, apontam-se também a sua característica representacional e a sua característica identificacional.

Disso conclui-se que o discurso, como prática social, considera três maneiras de interação: como modo de agir (acional), como modo de representar (representacional) e como modo de ser (identificacional), correspondendo a cada modo um significado: acional,

representacional e identificacional, como visto em Fairclough (2003). Estes três significados vão atuar simultaneamente na relação entre os textos e o evento, contextualizando a noção multifuncional presente na LSF, como pode ser visto na síntese de Viviane Resende:

O significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional pois a ação legítima/ questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional; o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária. (RESENDE, 2011: 60).

Quadro 4: contextualização da LSF na ADC

LSF (Halliday, 1991)		ADC (Fairclough, 2003)
Função Ideacional	→	Significado Representacional
Função Interpessoal	→	Significado Identificacional
Função Textual	→	Significado Acional

Fonte: adaptado de Resende, 2011: 61

Para poder compreender na íntegra o potencial de significados da linguagem, há ainda outra relação, além do sistema semiótico, que necessita ser considerada no modelo triádico de Fairclough: reconhecer o sistema social de ordens do discurso, originadas nos estudos de Foucault (1994), que implica nas “combinações particulares de gêneros, discursos e estilos, constituindo o aspecto discursivo de redes de práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2003: 220), ou seja, a prática discursiva, intermediária entre prática social e o texto.

3.3 Estilo e gênero

Na perspectiva da interação social, a linguagem é um diálogo cujo objetivo é constituir a comunicação entre um emissor e receptor(es), como concebe Bakhtin (1992b). O texto escrito, como produto das trocas sociais dessa interação, está ligado a uma diversidade de atos sociais, pois são diversos os grupos sociais, e há diferentes condições de vida e diferentes atividades dos participantes desses grupos. Portanto, a produção textual será discrepante e vai exigir gêneros discursivos diferentes e específicos.

Assim, consideram-se gêneros como “tipos de enunciados relativamente estáveis” quanto ao seu “conteúdo, à construção composicional e ao estilo” (BAKHTIN, 1992b). Estilo

e gêneros do discurso estão ligados entre si e são dialéticos em relação ao discurso e seus três tipos de significados. O significado acional está relacionado a gêneros, o significado representacional a discursos e o identificacional a estilos.

Quadro 5: relações entre os significados do discurso, de Fairclough (2003) e os elementos de ordens do discurso

Significados (Fairclough, 2003)		Elementos de ordens do discurso
Significado Acional	Modos de (inter)agir discursivamente	Gêneros
Significado Representacional	Modos particulares de representar aspectos do mundo	Discursos
Significado Identificacional	Maneiras de identificar (-se)	Estilos

Fonte: adaptado de Ramalho, 2011: 51

O enunciado, concebido aqui como texto escrito, é o objeto de subjetividade do emissor, comporta sua expressividade, ou seja, é o modo emotivo e valorativo de comunicação e interação com o receptor e tem um fim em si mesmo, como explica Bakhtin:

O enunciado apresenta um acabamento específico através do qual se percebe “que o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. E é também pelo acabamento que, ao ouvir ou ao ler um enunciado, sentimos claramente que ele se apresenta como finalizado, concluído (BAKHTIN, 1992b).

A expressividade do enunciado citada define o estilo do emissor e considera sua escolha dos recursos internos da linguagem (lexicais, gramaticais e semânticos), que vai determinar suas intenções específicas quanto ao gênero do discurso.

A escolha lexical durante o processo de construção de um enunciado, por exemplo, vai indicar essa expressividade e considera a correspondência entre a significação da palavra e a realidade concreta no contexto do uso, ou seja, emissor e receptor devem compartilhar “os mesmos propósitos (razões) comunicativos” (SWALES, 1990).

Portanto, para que haja compreensão do gênero e do estilo, em níveis de análise do discurso, a seleção do gênero do enunciado, a seleção da estrutura composicional dos textos concernentes ao gênero e a seleção dos recursos linguísticos, que diz respeito ao estilo e às escolhas de sequências que vão compor o texto, necessitam da relação do sujeito discursivo

com o outro, o olhar sobre o destinatário, sem o qual não pode haver enunciado. A análise não pode considerar uma oração isolada, mas a cadeia comunicativa de todo o enunciado. Apenas a palavra ou a oração, como unidades significantes da língua, obstantes de dirigirem-se a alguém, vistas isoladamente e fora do seu contexto, não terão relação alguma com o enunciado.

As estratégias textuais discursivas, a flexibilidade de uso das formas criativas e capacidade de fazer emergir os sentidos dos enunciados estão condicionadas ao receptor, ou seja, “é sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita” (BAKHTIN, 1992). Uma atitude responsiva que transforma em ativa a passividade do receptor, no processo de comunicação:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. [...] toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor. (BAKHITIN, 1992).

Na troca de papéis, a produção e consumo de informações ficam a cargo do revezamento dos participantes da realização comunicativa. Emissor e receptor da mensagem alternam-se e cada um é um sujeito ativo na ordem do discurso.

3.4 O sujeito no discurso

Para que se processe uma análise social do discurso, é preciso entender o modo como o sujeito entra no mundo social. O sujeito foucaultiano é o sujeito da “ordem do discurso” e ocupa uma posição enquanto enunciator, isto é, consiste “em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 1996). Na CMC, mais especificamente em sites de redes sociais virtuais como o Facebook, a alternância do posicionamento entre os diversos sujeitos do discurso, referindo-se aqui aos participantes da atividade interativa no momento da troca informacional, é ainda mais ágil, devido ao seu caráter colaborativo. A comunicação digital, diferentemente da analógica, “fundamenta-se na dimensão do coletivo, mesmo que não seja tão simples precisar esse coletivo” (CANECACCI, 2009). Não há apenas um enunciator da palavra, mas vários, que produzem novos enunciados.

Outro aspecto é a maneira como acontece a atitude responsiva, que desloca a ordem do sujeito no discurso. Nos diferentes modos de transferência de informação, sejam sincrônicos

ou assíncronos, a mensagem da CMC por ser escrita²⁹ é entregue na sua totalidade, em um único “ato eletrônico de atualização” (JUNGBLUT, 2004), e permite uma atitude de “compreensão responsiva de ação retardada” (BAKHTIN, 1992) do receptor no momento da comunicação, já que ele tem à sua disposição, para consulta e reflexão, o texto escrito, possibilitando-o a dar respostas com teor qualitativo maior. Essa qualidade de resposta pode ser ampliada se for considerada a não-presença física dos agentes conversacionais (independente da instantaneidade da resposta), ou seja, o fato de não estarem face a face desmonta um possível constrangimento e dá ao receptor maior liberdade de expressão.

As mensagens escritas na CMC possibilitam, portanto, maior controle de produção de textos, tanto entre o emissor quanto o receptor, e maior compreensão por parte deste último. A resposta quirográfica, aquela editada no computador, enviada quando já está na forma satisfatória, teria a expectativa de ser mais facilmente compreendida, como sensatamente considera Jungblut:

Dito de outra forma, a natureza quirográfica desse tipo de comunicação afeta de uma forma especial tanto o ato de tomar posse dos conteúdos da interpelação do emissor quanto o ato de construção da resposta do receptor. No segundo caso, pois o primeiro já recebeu atenção, isso se traduz objetivamente nas possibilidades de compor, com recursos inexistentes na fala oral, um texto-resposta mais de acordo possível com o que autoriza a compreensão responsiva. Essa por sua vez também é retroalimentada pelas reflexões que surgem das dificuldades de composição do texto-resposta. [...] mas o uso desses recursos da fala normal, efetivamente, tem custos maiores para a qualidade da resposta oral do que aqueles utilizados pela resposta escrita, editada no computador. (2004).

Em suma, a comunicação digital, por seu cunho colaborativo, tem uma elaboração textual deslocada do sujeito-autor, individual, assumindo os múltiplos autores que alternam sua posição de sujeito quando este assume sua função ora como enunciador, ora como produtor, ora como consumidor responsivo.

O texto eletrônico escrito possibilita refletir sobre ele e dá condições de resposta tardia e de recomposição textual, como destaca Roger Chartier:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. [...] Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nesse processo, desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica. (CHARTIER, 2002).

Para avaliar o conjunto de textos que representa o *corpus* documental desta pesquisa, foi levada em consideração a construção textual produzida na página de relacionamento digital

²⁹ Embora se saiba que a CMC permite a comunicação verbal falada (como por exemplo o aplicativo Skype, a comunicação por vídeo e outros), este projeto centraliza sua pesquisa na comunicação verbal escrita.

do site Facebook, cuja autoria foi assumida por Wael Ghonim, criador e administrador da página denominada **We Are All Khaled Said**, que entrou em vigor em 19 de Julho de 2010. Do conteúdo produzido, que consta em parte anexa deste trabalho, percebe-se a presença do autor-emissor e as alternâncias de papel entre os sujeitos enunciativos, que atuam na construção de forma colaborativa. No entanto, por um critério de recorte da pesquisa, apenas os textos provenientes do autor-emissor serão avaliados. O material da análise será delineado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV METODOLOGIA

4.1 Abordagem de Norman Fairclough

Viver em sociedade, que é uma estrutura social, permite ao indivíduo agir sobre o mundo e interagir com a própria sociedade, transformando-a, da mesma maneira que a essa estrutura lhe impõe regras e determina recursos para a regulação de suas ações. O modo recorrente dessas ações e interações, contextualizado tempo e espacialmente, Chouliaraki & Fairclough (1999) chamam-no de prática social.

Nas práticas sociais, a linguagem é representada pelo discurso. Por meio dela, os indivíduos de uma estrutura social agem, interagem, representam e identificam o mundo, a si próprios e aos demais.

Os textos constituem discursos que, contextualizados em eventos discursivos, podem ser analisados para detectar pistas que ajudam a compreender as práticas sociais.

Assim, dentro de uma sociedade, cada pessoa vive sua vida cotidianamente, de modo particular e contextualizada histórica, política e culturalmente (como por exemplo suas crenças, atitudes, valores). Ao fazer uso da linguagem, recorre a modos próprios de representar, agir, interagir e identificar o mundo, a si e aos outros. A linguagem está presente na vida de cada pessoa desde o ponto de vista da estrutura social, nível mais fixo e que considera as “opções lexicais, gramaticais, semânticas, e outras”, até a perspectiva dos eventos sociais, mais flexível, no qual “a linguagem se manifesta como textos particulares, produzidos em contextos e situações específicas por indivíduos particulares”, passando pelas práticas sociais, nível intermediário, que constituem “ponto de conexão entre estruturas abstratas, com seus mecanismos, e eventos concretos” (RESENDE, 2011).

Um fluxo de vida (abstrato) em dada situação social (concreto), que faz uso do discurso, de gêneros e estilos específicos para agir e interagir em sociedade, e que fundamenta uma perspectiva sociodiscursiva, ou linguagem-sociedade, aponta a linguagem como um “momento irreduzível da vida social” (FAIRCLOUGH, 2003).

Como potencial, seguindo as estratificações de Bhaskar³⁰ (1998, apud RESENDE 2011: 33) sobre o Realismo Crítico, tem-se a compreensão das estruturas, seus mecanismos e poderes de causa; como realizado, tem-se o evento, aquilo que esses poderes podem fazer e o

³⁰ RESENDE, F. (Est)ética da praça: rua, mídia e partilha. USRGS, 2011. Página acessada em: 14/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF91w2>.

que acontece quando são ativados; e no domínio empírico, tem-se a própria experiência, o procedimento.

Para este estudo, que parte da perspectiva linguagem-sociedade, cabe relacionar ao domínio do potencial a competência de fazer significar que tem o sistema semiótico formado por diferentes categorias (lexicais, gramaticais e semânticos); ao domínio do realizado, o significado dos textos e sua capacidade em gerar sentido; e ao domínio do empírico, a avaliação da experiência efetiva, considerando parte do potencial e parte do realizado experimentados nos textos escritos “por atores sociais específicos” (RESENDE, 2011). Eis aqui o caráter ontológico desta pesquisa.

Em Janeiro de 2011, a Praça Tahrir sediou uma das manifestações populares mais importantes da história egípcia, culminando na Revolução do Egito, em que houve a derrubada de Hosni Mubarak após três décadas à frente de um governo autoritário e ditatorial. Espelhando-se em um evento similar, iniciado na Tunísia em 2010, a população, em sua maioria jovens, foi às ruas solicitar o fim desse regime, cujo ápice reuniu mais de um milhão de pessoas. O modo como essas pessoas foram motivadas a participar desse movimento, similar também ao modo utilizado pelos manifestantes tunisianos, chama atenção. Ao utilizar a comunicação digital, por meio de um site de relacionamento na rede social, o Facebook, Wael Ghonim promoveu o encontro dessas pessoas em hora e local determinados, acontecimento inimaginável em um contexto histórico (e analógico) de vida pública, já que o regime impedia reuniões. Um pequeno grupo reunido significava uma dura intervenção policial. As pessoas não se conheciam. Muitas, nunca tinham ido à praça Tahrir. Foram convocadas pela comunicação digital: “Décadas de medo, e de máscaras. Mahumud não conheceu outro Egito. Mas a brecha na Internet se alastrou como uma raiz, partindo o chão em todas as direções.” (COELHO, 2011: 21).

Ao criar e administrar a campanha **We Are All Khaled Said**, propaganda e alimentada no site da rede social Facebook, Wael Ghonim deu voz ao povo egípcio e os fez sujeitos de suas ações, motivando-os à transformação da estrutura social por meio de um evento. No entanto, até que ponto as informações contidas nos textos escritos nesse meio digital motivaram e mobilizaram as pessoas ao evento?

Esta questão envolve a problemática desta pesquisa e espera-se respondê-la por meio da análise dos mecanismos textuais, ou seja, dos recursos linguísticos sob sua potencialidade de significar, por meio da condição de construção de sentido realizada pelos significados dos textos, avaliados em traços lexicais (vocabulário), gramaticais e semânticos (relações

semânticas), experimentada no conjunto discursivo que constitui o *corpus* documental deste projeto. Espera-se verificar na análise o “como” foi dito pela identidade discursiva, mapeando-se a organização dos enunciados, e se essa organização reproduz um efeito social de engajamento, que possibilitou a adesão dos participantes na mobilização referenciada.

Em termos epistemológicos, para que seja realizado o processo de análise textual, este estudo pauta-se na Teoria Social do Discurso, de Norman Fairclough (1995). A TSC verte da ADC, que está inserida na tradição da ciência social crítica, e consequentemente atém-se aos efeitos de sentidos dos textos sobre as relações sociais (ações e interações), e configura-se em uma “abordagem científica interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social” (RESENDE, 2011). Desta forma, a TSD credencia-se para ser utilizada como método de um estudo, situado em tempo e espaço, do funcionamento da linguagem na sociedade.

Metodologicamente, a análise irá organizar-se de acordo com o modelo tridimensional de análise de discurso da TSC, que compreende a análise da prática discursiva, do texto e da prática social (vide Quadro 1). Desta forma, a pesquisa documental levará em conta, na dimensão do texto, uma análise feita tomando-se por base o vocabulário (que abarca as palavras unitariamente), a gramática (que incorpora as palavras combinadas em orações e frases), a coesão (que trata da ligação entre orações e frases) e a estrutura textual (que se refere à organização dos textos).

Na dimensão da prática discursiva, serão verificados os processos de produção, distribuição e interpretação textual (consumo), o contexto que situa o discurso em tempo e espaço, e a análise de elementos “sociocognitivos, como a força, a coerência e a intertextualidade” (FAIRCLOUGH, 2001).

Na prática social, devem ser observadas as presenças do que Fairclough chama de “circunstâncias institucionais e organizacionais do discurso” (1995). Sendo o objetivo desta etapa a avaliação dos efeitos da linguagem na produção de sentido.

4.2 *Corpus* da pesquisa documental

Será considerado como *corpus* para efeito de análise discursiva desta pesquisa o conjunto de textos escritos produzidos na página de relacionamento social do site Facebook denominada **We are all Khaled Said**³¹. A página, que foi criada em 19 de Julho de 2010, recebeu mais de 300.000 adesões. A produção de textos desde a criação foi intensa,

³¹ <http://www.elshaheed.co.uk/tag/wael-ghonim/>

principalmente no ápice da manifestação na Praça Tahrir, dia 25 de Janeiro, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 6: mapeamento da produção e da circulação dos enunciados

Data	Quantidade de enunciados*	Quantidade de ‘like’ ou ‘curtir’	Média de ‘like’ ou ‘curtir’ por enunciado
25/01/2011	80	3017	37,7
26/01/2011	74	3694	49,9
27/01/2011	28	1488	53,1
28/01/2011	80	7010	87,6
29/01/2011	22	3308	150,3
30/01/2011	17	275	160,8
31/01/2011	5	1156	231,2

(*) enunciados exclusivamente textuais

É importante ressaltar que a página originalmente foi criada em sua versão árabe, que foi bloqueada pelo governo egípcio. Em seguida, foi desenvolvida a sua versão em inglês, que é aqui analisada.

Por sua dimensão não factível aos procedimentos de uma análise de discurso, foi estabelecido o seguinte critério a título de recorte do *corpus* documental:

- O período considerado foi de 25 a 31 de janeiro de 2011.
- Por ser o botão ‘like’ (ou ‘curtir’) a maneira de controlar a interatividade, o envolvimento e o grau de compartilhamento da mensagem, foram selecionados – do período mencionado acima - os enunciados que obtiveram 300 ou mais *likes*.
- Foi considerada a tradução livre para o português para a realização da análise.
- A análise foi centralizada em enunciados exclusivamente textuais. Os conteúdos mistos de linguagem verbal e não-verbal, que consideram imagens fotográficas, ilustrativas ou audiovisuais, foram descartados.

Dessa forma, foram selecionados os seis textos a seguir para compor o *corpus* documental da análise:

Quadro 7: *corpus* textual da análise

Data	Likes	Texto na versão original em inglês	Textos em português
28/01/11 (Texto 1)	626	Rumours spread after police withdrew very quickly that the Egyptian museum (which has 1/3 of world's monuments) was about to get robbed. All TV channels were talking about attempts to enter to steal the museum. Once the rumour was spread, thousands and thousands of Egyptians have now made human chains all around the museum to make sure NO one enters. I'm so PROUD of you Egyptians.	Rumores espalharam-se depois que a polícia retirou rapidamente que o museu Egípcio (que tem 1/3 dos monumentos do mundo) estava prestes a ser assaltado. Todos os canais de TV estavam falando sobre tentativas de entrar para roubar o museu. Uma vez que o rumor se espalhou, milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse. Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios.
29/01/11 (Texto 2)	348	Please rest assured that NO protesters of the Egyptian people is destroying or looting anything. It's the government, police & their agents. Please help in anyway. Speak to your Leaders, government & Representatives. Protest peacefully in every country. Egyptians are being slaughtered by the dictatorship. Never thought they were that evil. I now have more determination for the regime to fall.	Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada. É o governo, a polícia e seus agentes. Por favor, ajudem de qualquer maneira. Falem com os seus líderes, governo e representantes. Protestem em paz em todos os países. Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura. Nunca pensei que eles fossem tão maus assim. Agora eu estou mais determinado para que o regime caia.

30/01/11 (Texto 3)	419	I was just looking at the page statistic and I have just realized that 8000 members of our page (25%) are actually from USA. Just wanted to say many thanks to you all and all the great brave people in the world who are standing up with Egyptians. We will return the favour back in your time of revolution.	Eu estava olhando para a estatística da nossa página e eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA. Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios. Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução.
30/01/11 (Texto 4)	393	Funny comment from someone[e] ³² in Cairo: I don't know why did we have police in the 1st place. We seem to be taking good care of each other, organizing traffic, cleaning streets & everything else without the need to have Egyptian police.	Comentário engraçado de alguém no Cairo: Em primeiro lugar, eu não sei por que nós temos policiais. Parece que nós estamos cuidando bem uns dos outros, organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais, sem a necessidade de ter a polícia egípcia.
31/01/11 (Texto 5)	356	Mubarak switched off communications, Internet, Mobile Cellphone networks, cancelled all national railway services, stopped petrol supplies to petrol stations, stopped food supplies to shops, ordered police agents to loot & start chaos & got police to fire at protesters yet he couldn't stop protesters.	Mubarak desligou as comunicações, Internet, redes de telefonia móvel, cancelou todos os serviços ferroviários nacionais, parou o abastecimento de gasolina aos postos, parou o abastecimento de alimentos às lojas, ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos e tem a polícia a disparar contra os manifestantes, ainda que não possa parar os manifestantes.

³² Foram mantidos os erros ortográficos do texto original, como pode ser observado nos documentos que constam anexos nesta pesquisa.

31/01/11 (Texto 6)	326	BBC Arabic reporter in Alexandria says he saw Muslims protecting Churches as part of the newly formed up public protection <i>legans</i> (groups). He says there is an amazing unity amongst all Egyptians both Muslims & Christians against the regime.	Mubarak desligou as comunicações, Internet, redes de telefonia móvel, cancelou todos os serviços ferroviários nacionais, parou o abastecimento de gasolina aos postos, parou o abastecimento de alimentos às lojas, ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos e tem a polícia a disparar contra os manifestantes, ainda que não possa parar os manifestantes.
-----------------------	-----	--	--

A reprodução das páginas originais das quais foram extraídos os textos selecionados acima encontram-se anexas a esta pesquisa.

4.3 Aspectos conjunturais da Revolução do Egito 2011

Os acontecimentos aqui considerados, mais do que explicá-los sob o ponto de vista do processo revolucionário, servem para retratar a reflexão na qual se debruça este estudo, a propósito dos sentidos evocados na população, provenientes de uma motivação coletiva. Um recorte temporal que evidencia a semana entre 25 a 31 de Janeiro de 2011, tendo sido o dia 25 o ápice do evento e os seis dias seguintes considerados apenas para efeito de fazer correspondência ao *corpus* de análise deste estudo. Cabe ressaltar que o movimento teve início muito antes dessa data.

Hosni M Mubarak assumiu o governo do Egito sob o sistema de república semipresidencialista, em 1981, quando Anwar El Sadat foi assassinado, prosseguindo por 30 anos um regime unipartidário, autoritarista e sob contínuo (e absolutamente não temporário) estado de emergência, evidenciado pela extensão dos poderes policiais, legalização da censura e suspensão de direitos e garantias constitucionais da população.

Apoiado pelo Ocidente e com ajuda permanente dos Estados Unidos para reprimir a ação dos militantes islâmicos, Mubarak exerceu o governo mais longo do Egito e, como descreveu a mídia, o mais tirânico³³.

Os contrastes são evidenciados. Espaço e tempo entrecruzados para igualar diferenças e identidades, passado e presente, interior e exterior, oriente e ocidente. Aproximadamente

³³ SLACKMAN, Michael. Hosni Mubarak. *The New York Times*, 8 March 2010. Página visitada em 06 de Junho de 2014. Disponível em: <http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/people>

metade dos 80 milhões de egípcios vive abaixo da linha de pobreza, segundo a ONU, sobrevivendo com US\$ 2 por dia. Em contrapartida, Mubarak tem participação de 20% nas empresas estrangeiras, inclusive no monopólio da indústria siderúrgica, com uma fortuna pessoal está estimada em US\$ 70 bilhões³⁴.

A praça Tahrir configura-se como o espaço de partilha, em que se misturam conflitos de desejos e necessidades. Sob um cenário árabe pós-colonialista, ressaltado pelos chamados “Estudos Culturais Árabes”, a rua assume o sentido de prática política, cujo compartilhamento “não exclui o conflito e não nega a necessidade de se encontrar formas de convivência” (RESENDE, 2011b).

Da história (estrutura social) ao fato (evento), busca-se compreender o todo pela parte, ou o que Deleuze e Guattari (1992) chamam de devir revolucionário: o que ocorreu na Praça Tahrir como sendo parte do que hoje se passa no Oriente Médio. O sentido está no próprio conjunto. Tahrir faz parte desse conjunto de vivências, experiências e sentidos. A ocupação da praça constitui a entidade de uma prática social, que promoveu uma revolução, alterando a estrutura social egípcia, motivada pela insatisfação da nação em relação ao seu sistema de administração política.

Os fatos cronológicos a seguir mostram o ápice da Revolução do Egito de 2011 e os acontecimentos da semana que o sucede. Os dados que seguem foram retirados de diversas leituras de noticiários e também baseados no conteúdo em especial de dois documentários, produzidos a partir dos fatos ocorridos no momento da revolução, que são: *18 Days of Egypt's Unfinished Revolution*³⁵ e *The Square*³⁶.

³⁴ CNN Mubarak: ¿Más rico que Slim? 11 de Fevereiro de 2011. Página visitada em 06 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.cnnexpansion.com/economia/2011/02/11/egitpo-mubarak-fortuna-slim-cnnexpansion>.

The Huffington Post, Egyptians Rise Against Their Pharaoh. 28 de Janeiro de 2011. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/aladdin-elaasar/egyptians-rise-against-th_b_815520.html.

ABC News: Egypt's Mubarak Likely to Retain Vast Wealth. 02 de Fevereiro de 2011. Página visitada em 06 de junho de 2014. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/aladdin-elaasar/egyptians-rise-against-th_b_815520.html

³⁵ Em tradução livre do inglês, Na Praça Tahrir, 18 dias de revolução inacabada no Egito, um documentário da HBO Documentary Films, produzido por Jon Alpert, Matthew O'Neill e Jacqueline Soohen e dirigido por Jon Alpert e Matthew O'Neill (2012). Tradução nossa.

³⁶ Em tradução livre do inglês, A Praça, um documentário de Jehane Noujaim (2013).

4.4 Cronologia

Cairo, terça-feira, 25/01/2011

O povo egípcio foi às ruas. Inspirados pela iniciativa tunisiana, centenas de milhares de pessoas³⁷ tomaram as ruas do Cairo, capital do Egito, para protestar em grande escala contra a pobreza, o desemprego, a corrupção do governo e da governança autocrática de três décadas do presidente Hosni Mubarak. A luta era pela derrubada da ditadura e sua substituição por uma liderança baseada em princípios de justiça social. Alexandria e Suez, duas outras grandes cidades egípcias, também reuniram protestantes.

Conhecido como o “Dia da Ira”³⁸, foi a data estabelecida para a grande manifestação popular, marcada para concentrar-se na praça Tahrir. O que se via, no entanto, era um sentimento de serenidade e energia de todos os ocupantes da praça. Um misto de tensão e esperança. “Sem violência!” era o grito de guerra. Pela primeira vez tantos egípcios estavam juntos. Mais de 15 mil homens reunidos em um espaço público, e não era para um jogo de futebol, proibido pela lei de Mubarak. Eles estavam juntos para clamar pelo fim da pobreza opressiva e por sua liberdade.

Quarta-feira, 26/01/2011

Houve um aumento da violência. Os manifestantes, progressivamente em maior número, desafiaram a proibição oficial de protestos, determinada pelo presidente Mubarak e passaram a incendiar prédios e automóveis. As forças policiais nacionais, incluindo o exército chamado para auxílio dos policiais, usaram gás lacrimogêneo, iniciaram os espancamentos, em um esforço para dispersar os protestos em massa, encenado para derrubar o presidente Hosni Mubarak do cargo. As primeiras mortes começaram.

³⁷ COELHO, Alexandra Lucas. Tahrir: Os dias da revolução no Egito, p: 5. Tradução nossa.

³⁸ ZAYAN, J. (2011). Egypt braces for nationwide protests. Página visitada em 02/03/2013. Disponível em: <http://www.google.com/hos-tednews/afp/article/ALeqM5hP30nA0bbEaHZKjlpUKhdHxoN8Cg?hl=en>

Quinta-feira, 27/01/2011

A população foi massivamente aderindo à manifestação. A violência uniu as pessoas. Nesse dia, centenas de milhares de pessoas reuniram-se na praça Tahrir. As informações eram compartilhadas instantaneamente pela população. No entanto, minutos após a divulgação de um vídeo de um manifestante egípcio sendo baleado, Mubarak impôs que a Internet, alguns serviços de telefonia celular e de SMS (Short Message Service) fossem desligados³⁹. As leis de Mubarak permitiam o bloqueio dos serviços e os provedores de Internet foram obrigados a cumprir. Cada empresa, banco, salas de Internet, websites, escola, embaixadas, enfim, o Egito ficou isolado do resto do mundo.

Sexta-feira, 28/01/2011

No quarto dia, Mubarak intensificou o montante de sua polícia e as forças armadas, embora desarmada, para defenderem o local. Centenas de protestantes foram presos, incluindo membros da Irmandade Muçulmana. O presidente Mubarak anunciou à população em rede nacional em sua TV estatal que, reconhecendo o descontentamento dos cidadãos, estaria nomeando um novo governo em uma tentativa de acalmá-los, porém sua renúncia não foi cogitada. Ele nomeou o seu chefe de inteligência e assessor mais próximo, Omar Suleiman, como vice-presidente e o ex-general da Força Aérea, Ahmed Shafiq, como primeiro-ministro. Manteve o ministro da Defesa de longa data, o marechal Hussein Tantawi, e deu-lhe um título de adicional de vice-primeiro-ministro. Manteve também seu ministro das Relações Exteriores, Ahmed Aboul Gheit.

Sábado, 29/01/2011

Apesar da população ter ficado sem comunicação digital, usuários de tecnologia de informação anônimos uniram-se para ajudar a população, fornecendo outras ferramentas, tais como rádio amador, salas de conversação coletiva (*chats*), entre outros. A tentativa do governo em limitar a comunicação no país provocou uma onda ativista de grupos

³⁹ Ben Wedeman, repórter da CNN, por meio da rede social Twitter: "Sem internet, sem SMS, qual será o próximo? Telefones celulares e linhas fixas? Tanto para a estabilidade. # Jan25 # Egypt". 27/01/2011. (<https://twitter.com/bencnn/status/30759361454276608>). Página visitada em 06 de Junho de 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2011/01/25/egypt-protests-mubarak>

internacionais de liberdade de expressão, como a Telecomix⁴⁰, que uniram-se para cooperar com os manifestantes. Assim que os serviços de Internet e de celular foram bloqueados, restando apenas os telefones fixos em funcionamento, os membros da Telecomix e outros grupos anônimos começaram imediatamente a trabalhar para enviar informações por fax, rádio, *chats* e *wikis* (software colaborativo que permite edição coletiva). O importante era que a população passara a ter comunicação entre si, burlando a imposição do governo, instruída pelos membros dos grupos a operacionalizar modems e rádios amadores, em frequências recomendadas por eles.

Foi instaurado o toque de recolher às 18 horas no Egito (13 horas, horário de Brasília), mas a população desobedeceu. Mubarak nomeou um vice-presidente pela primeira vez em mais de 30 anos.

Domingo, 30/01/2011

O governo mandou fechar a TV Al Jazeera, que estava relatando os acontecimentos para o mundo todo, 24 horas por dia. Na troca de sua equipe de governo, Mubarak tentou prestigiar os militares, nomeando-os a altos cargos em seu novo gabinete. Ao mesmo tempo, o exército colocou tanques dispostos como uma coluna e aviões deram voos rasantes.

Segunda-feira, 31/01/2011

A praça estava repleta. Mais de um milhão de pessoas reuniram-se lá. Grupos contra e pró-Mubarak enfrentaram-se e os conflitos estenderam-se até a madrugada. Os defensores de Mubarak, armados com coquetéis Molotov e armas automáticas, atiraram e mataram cinco pessoas. Com a intervenção do exército, a situação voltou a ser pacífica e festiva: “Nossas palavras serão como balas nesta guerra⁴¹.”

Os manifestantes rejeitaram o movimento de dissolução governamental elaborada por Mubarak e convocaram uma greve geral no país.

⁴⁰ Telecomix: tech support for the Arab spring. 07 de Julho de 2011. Página visitada em 06 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/technology/2011/jul/07/telecomix-arab-spring>

⁴¹ COELHO, 2011.

O Dia da Vitória

No dia 10 de Fevereiro, décimo sétimo dia da revolução, rumores sobre sua renúncia circulavam na praça. A multidão, unida e ainda mais confiante, ouviu em silêncio absoluto o pronunciamento de Mubarak proferido às 22h45, horário local:

Cidadão do Egito, hoje dirijo-me a vós e aos jovens na praça Tahrir. Falo a todos vocês com meu coração. Como um pai com seus filhos e filhas. Tenho orgulho de vocês, como símbolo de uma nova geração egípcia, determinada a realizar mudanças. O Egito enfrenta tempos difíceis. Receio pelo resultado desta situação e que a juventude que pede mudanças seja a primeira a sofrer as consequências [...] (NOUJAIM, 2013).

A imagem de milhares de homens erguendo sua mão direita e expondo no alto o solado de seu calçado⁴², simbolicamente representa a rejeição ao homem que lhes falara, às suas palavras, ao seu regime. Eles queriam sua renúncia. Dez mil pessoas bloquearam o prédio da TV estatal.

Após duas semanas de protestos, Mubarak não conseguiu retirar o povo da Praça Tahrir. Dezoito dias após um grupo de pessoas ter iniciado um protesto, em 11 de Fevereiro de 2011, mais de um milhão de pessoas uniram-se à revolução na praça. O pronunciamento de Mubarak, no dia anterior, ampliou ainda mais o descontentamento da população. Mais pessoas foram ao local, juntar-se, encorpar o protesto, convictas de ficarem ali até que houvesse mudança. Não havia uma população enfurecida, mas determinada. O vice-presidente, então, fez um anúncio imprevisto na TV:

“Sob as difíceis circunstâncias que o país enfrenta, o Presidente Mohammed Hosni Mubarak decidiu renunciar à sua posição como Presidente, confiando às Forças Armadas a administração da Nação. Todos entendemos a magnitude de sua decisão. O Conselho Supremo das Forças Armadas saúda entusiasticamente os revolucionários que perderam suas vidas.” (ALPERT, 2012).

⁴² Na cultura árabe, mostrar a sola do sapato a um outro homem representa um ato grosseiro, já que por sua tradição os sapatos são considerados imundos. Nota da autora.

Feita a renúncia, o dia 11 de Fevereiro ficou conhecido como o Dia da Vitória, transmitido assim por Resende:

No dia 11 de fevereiro de 2011, a Al Jazeera anuncia a queda de Hosni Mubarak e produz uma imagem muito eloquente⁴³. Numa tomada de 11 minutos e 58 segundos, logo após ouvirmos o anúncio oficial da derrocada do ditador egípcio, assistimos a uma multidão celebrar o acontecimento. A imagem, ao vivo, é muito impactante não somente pelo conteúdo histórico que ela carrega, como também pela sua tessitura, pelo que inscreve como potência de sentido acerca do que ali se passa. Diante de um silêncio absoluto do repórter e com o foco fechado na Praça, assistimos a uma festa e ouvimos gritos e cantos de pessoas que celebram uma conquista: terem colocado abaixo uma ditadura que durara cerca de 30 anos.” (RESENDE, 2011b).

Mubarak deixou a capital, Cairo. Um momento histórico que marcou a força da multidão, da união na conquista de um objetivo, a coexistência das comunidades religiosas que ocupavam o mesmo lugar, que compartilharam da mesma vitória. Não foi uma luta religiosa. Foi uma das revoltas populares mais surpreendentes dos últimos tempos, que naquele momento tornou o Egito livre. A multidão venceu.

4.5 Dados quantitativos: análise lexical

Há uma vantagem para a ADC ao se trabalhar com um recorte do material de pesquisa, visto que produtivamente demanda-se um trabalho analítico intenso, que aplicado a textos muito longos, não traria resultados tão expressivos. Outro fator atenuante é observar a própria fundamentação de Fairclough (2003: 6), que considera o texto como a unidade mínima de análise, em que mais uma vez instaura-se a necessidade de recorte, porém desde que seja mantido um critério seletivo de trechos significativos em seu conjunto (RAMALHO, 2011: 90). O material adotado como *corpus* desta análise, já apontado anteriormente, atende a esse critério.

O procedimento metodológico que se inicia corresponde à primeira etapa do modelo tridimensional da TSD de Fairclough (2001), apontado no Capítulo III, Quadro 3. Este autor propõe um método que compreende três etapas entre os processos discursivos (produtivos e interpretativos) e o texto e, por fim, a explicação da relação entre os processos discursivos e

⁴³ Esta imagem, em tempo reduzido, pode ser vista em: <http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/02/20112118020759495.html> e está também completa (11'58") em <http://www.youtube.com/watch?v=l6IGxpp2rqE> (ambos os acessos em 08/04/2013).

os processos sociais. A principal abordagem é que a ligação entre o texto e a prática sociocultural é mediada pela prática discursiva. (FAIRCLOUGH, 1997: 83)

O elemento categórico TEXTO, pautado na análise lexical, tem o objetivo de buscar no discurso a significação compreendida em constituir a realidade social, a reprodução e reestruturação dos sistemas de conhecimentos e crenças, que coadunam com os sentidos ideacionais (função ideacional do discurso). Os tópicos analisados giram em torno de observar o significado de palavras, criação de palavras e metáforas como escolhas apresentadas como estratégias de construção do produtor do texto, que vão orientar o receptor na construção do sentido. No entanto, deve-se observar o que Fairclough (2001: 230) chama de uma relação de “muitos-para-um” e não de “um-para-muitos”, no sentido de que a relação palavra-significado está condicionada a como os intérpretes irão atribuir valor a ela, ou seja, o foco está mais na interpretação (dos interlocutores) do que na escolha particular, na estratégia feita pelo produtor em usar uma determinada palavra e não outra para expressar um significado.

Outro ponto que deve ser esclarecido é que as palavras não possuem o sentido específico, pressuposto da Lógica clássica e da Semântica formal, mas impregnam-se de sentidos em suas relações entre signos, significados e referentes apoiados em “eventos cognitivos situados social e historicamente” (FONSECA, 2011). Assim, a análise focaliza a lexicalização como construção de conhecimento, tanto das palavras quanto do conjunto de regras que propicia ao usuário da língua relacionar os itens lexicais entre si, analisando sua estrutura interna para poder formar novas palavras e novos significados, que são constituídos no potencial da classe das palavras.

Para melhor observar a atuação das palavras na formação de sentidos, ponderando-as isoladamente, mas sem perder a noção do conjunto, esta etapa da pesquisa considerou separá-las por classificação dos termos. Além da avaliação dos recursos linguísticos utilizados pelo autor, como a repetição da palavra, deslocamentos das classes, reiteração com mudança de significados, por exemplo, há ainda a possibilidade de verificar a frequência de uso dessas classes, conforme segue.

Classes das palavras

TEXTO 1 (T1) (28/01/2011)

Rumores espalharam-se depois que a polícia retirou rapidamente que o museu Egípcio (que tem 1/3 dos monumentos do mundo) estava prestes a ser assaltado. Todos os canais de TV estavam falando sobre tentativas de entrar para roubar o museu. Uma vez que o rumor se espalhou, milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse. Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome	Artigo definido
rumores	espalharam	Egípcio	eu	a
polícia	retirou	prestes	se	o
museu	tem	assaltado	todos	os
monumentos	estava	humanas	uma	o
mundo	ser	orgulhoso	se	os
canais	estavam	egípcios	todo	o
TV	falando		ninguém	o
tentativas	entrar		vocês	o
museu	roubar			
vez	espalhou			
milhares	fizeram			
milhares	garantir			
egípcios	entrasse			
correntes	estou			
museu				
T: 15	T: 14	T: 6	T: 8	T: 8

(T: total)

Preposição	Conjunção	Advérbio	Numeral
de	que	depois	1/3
de	que	rapidamente	
a (para)	que	sobre	
de	que	tão	
de	e		
para	que		
de			
em			
para			
de			
de			
T: 11	T: 6	T: 4	T: 1

(T: total)

A construção textual escrita aponta-se menos rigorosa quanto à forma de linguagem, aproximando-se da linguagem oral. Note a supressão do termo [*a informação de*] que daria sentido à expressão “... *retirou rapidamente [a informação de] que o museu*”, sendo seu objeto direto. Essa característica tende a diminuir a distância entre o autor/falante e o leitor/interlocutor e possibilita a ocorrência da modalização (SALGADO, 2012: 156). Neste aspecto, percebe-se uma tomada de atitude do sujeito colocando-se à frente na defesa da ideia que pretende expor. Na sequência, o advérbio ‘*rapidamente*’ (que na versão original o autor usa *very quickly*, dando ênfase à ação) vem como reforço de sentido, modificando o verbo ‘*retirou*’, denotando sua concepção a respeito da intensificação da ação policial.

Essa ênfase acional também fica evidente com o uso da voz passiva em ‘*rumores espalhados*’ (no original *Rumours [were] spread*), porém com a omissão do verbo originando outras interpretações (*rumores [foram] espalhados = espalharam-se*) que variam entre as vozes passiva e reflexiva. O termo ‘rumores’ age e sofre a ação simultaneamente, destacando-

se o ato mais do que o agente, predominando o significado acional e o modo como o autor interage discursivamente.

Da perspectiva representacional, o texto apresenta uma alternância entre a generalização e o particular, quando o mesmo substantivo (rumor) é apresentado primeiro na forma do plural e na sequência do enunciado assume sua forma no singular (*Rumours spread/rumour was spread*) e no uso formal, com o verbo: ‘*Uma vez que o rumor se espalhou*’, da qual segue uma afirmação avaliativa do autor: ‘*milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse*’, um aspecto apreciativo dele. A repetição de ‘*milhares*’ demonstra uma pressuposição de valor, em que o autor avalia positivamente a união da população em torno da proteção de uma instância pública. Pode-se aferir aqui uma construção particular e estratégica, que denota seu estilo e molda-se ao princípio do significado identificacional. Um valor ideológico reforçado pelo uso da metáfora ‘*correntes humanas*’, em que o autor compreende a realidade (visão do mundo) através de uma construção particularizada de semelhanças e diferenças. Inicia-se um pensamento dele sobre proteção, em que há uma espécie de transferência do público ao privado; ‘retirada’ da polícia e ‘espalhada’ às correntes humanas. E o fechamento do enunciado se dá com a proposição ‘*tão orgulhoso*’, um traço que sugere um processo sociocognitivo de produção e consumo, interação entre os sujeitos discursivos.

TEXTO 2 (T2) (29/01/2011)

Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada. É o governo, a polícia e seus agentes. Por favor, ajudem de qualquer maneira. Falem com os seus líderes, governo e representantes. Protestem em paz em todos os países. Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura. Nunca pensei que eles fossem tão maus assim. Agora eu estou mais determinado para que o regime caia.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome	Artigo definido
certeza	tenha	egípcio	nenhum	a
manifestante	está	massacrados	seus	o
povo	destruindo	maus	qualquer	o
nada	saqueando	determinado	seus	a
governo	é		todos	os
polícia	ajudem		eles	os
agentes	falem		eu	a
maneira	protestem			o
líderes	estão			
governo	sendo			
representantes	pensei			
paz	fossem			
países	estou			
Egípcios	caia			
ditadura				
regime				
T: 16	T: 14	T: 4	T: 7	T: 8

(T: total)

Preposição	Conjunção	Advérbio	Interjeição
de	que	nunca	por favor
de	ou	tão	
de	e	assim	
com	e	agora	
em	que	mais	
em	que		
por			
para			
T: 8	T: 6	T: 5	T: 1

(T: total)

A categorização substantiva agrupa duas sequências ideológicas de dominação, alternando o novo (1) e o antigo (2); o bem (1) e o mal (2); quem está no poder (2) e quem deve estar (1):

(1) certeza, manifestante, povo;

(2) nada, governo, polícia, agentes, maneira, líderes, representantes

(1) paz, países, Egípcios;

(2) ditadura, regime.

Novamente, pela metáfora o escritor manifesta sua visão centrípeta do dominador ao dominado. Assim, os significados baseados na situação externa (poder, força política) transferem-se a significados baseados na situação interna (estrutura social): *‘Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura’*, ideia reforçada pela pronominalização do substantivo, em que ‘ditadura’ foi substituída por ‘eles’, não apenas como classe de palavra, mas como mudança de sentido: *‘eles’* são a *‘ditadura’*: *‘Nunca pensei que eles fossem tão maus assim.’*

Os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação. A análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo à qual há um (re)arranjo das categorias conceituais: PESSOAS>SISTEMAS, confirmada no uso reiterado do pronome *‘seus’* (seus agentes/seus líderes), substituindo a pessoa ou tornando-a desconhecida ou ainda insignificante, e *‘que o regime caia’* (2) e a certeza (1) prevaleça.

A avaliação negativa do autor diante da situação vem expressa por uma sequência de advérbios, empregados como reforço de sentido: ‘*nunca*’ = aparece com o sentido de negação = não intensificado; ‘*tão*’ = intensidade de quantidade; ‘*mais*’ = intensidade de quantidade; ‘*nada*’ (‘*saqueando nada*’) aparece como substantivo, mas pode ser classificado como advérbio de intensidade. A interjeição ‘*Por Favor*’ confirma esse estado de espírito, uma maneira de expressar sua emoção.

A representação dos atores sociais vem marcada neste enunciado por ‘*governo*’, ‘*polícia*’ e “*seus agentes*” e ainda pelos ‘*manifestantes*’, relativizados mediante o uso do conectivo ‘de’ na sequência ‘*manifestante do povo egípcio*’, que marca a separação entre os manifestantes (quaisquer) dos manifestantes egípcios, posicionando os egípcios em grau superior. Note que ao descrever a atividade acional dos sujeitos, há uma associação hierárquica entre estratégia e tática, representantes e representados, quem manda e quem faz:

‘*É o governo (1), a polícia (2) e seus agentes (3)*’

‘*Falem com os seus líderes (1), governos (2) e representantes (3)*’

O significado acional é marcado por uma sucessão verbal de ordem crescente que estabelece também uma graduação de sentido: ‘*ajudem*’, ‘*falem*’, ‘*protestem*’, que denotam a representação do autor no gerenciamento de pessoas.

TEXTO 3 (T3) 30/01/2011

Eu estava olhando para a estatística da nossa página e eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA. Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios. Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome	Numeral
estatística	estava	obrigado	eu	8000
página	olhando	corajosas	nossa	25%
membros	percebi	egípcios	eu	
EUA	são		ela	
pessoas	queria		todos	
mundo	dizer		vocês	
favor	estão		todas	
tempo	levantando		se	
revolução	vamos		seu	
piada	retribuir		nós	
T: 10	T: 10	T: 3	T: 10	T: 2

(T: total)

Artigo definido	Preposição	Conjunção	Advérbio
a	para	e	realmente
a	de	que	só
os	de	e	muito
o	de	que	tão
os	a (para)		
o	a		
	as		
	em		
	com		
	em		
	de		
T: 6	T: 11	T: 4	T: 4

(T: total)

O uso do numeral para descrever o percentual do apoio americano é uma estratégia de elaboração do texto, já que sua função é gerar sentido de ordenamento, resultando em impacto discursivo que afeta na interpretação do leitor, posicionando o referente em uma ordem de grandeza na mente do receptor.

Os advérbios *‘realmente’* e *‘só’*, estrategicamente posicionados entremeando o termo *‘EUA’*, intensificam sua caracterização, associando-o à verdade e à exclusividade: *‘são realmente dos EUA. Só queria...’*. O efeito de sentido de exclusivo é reforçado com o uso do conectivo *‘e’* que afasta *‘todos vocês’* do conjunto de *‘todas as pessoas tão corajosas no mundo’*. Aqui é possível notar um outro sentido de divisão, imaginária e subliminar, em que de um lado estão *‘todos vocês’* e do outro *‘todas as pessoas tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios’*; um Ocidente que se opõe ao Levante, Oriente; o nascente de pessoas corajosas; uma divisão que surge estimulada pelo verbo e por toda a construção textual de um autor que marca sua presença e a fortalece com uma promessa, ao mesmo tempo em que se identifica posicionado de um desses lados, mas resta ao leitor descobrir qual: *‘Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução’*. O pronome *‘seu’*, substantivado, assume a ambivalência quantitativa ou qualitativa desse posicionamento: na

soma, o autor junta-se à quantidade dos que não estão na revolução, mas aos 8.000 membros da ‘nossa’ página; na divisão, ele está na qualidade de quem tem de ‘retribuir o favor’. Retribuir o favor a quem? Uma questão ideológica que aponta quem domina e quem é dominado, restando ao leitor interpretá-la.

TEXTO 4 (T4) 30/01/2011

Comentário engraçado de alguém no Cairo: Em primeiro lugar, eu não sei por que nós temos policiais. Parece que nós estamos cuidando bem uns dos outros, organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais, sem a necessidade de ter a polícia egípcia.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome	Numeral	Artigo definido
comentário	sei	engraçado	alguém	primeiro	o
Cairo	temos	egípcia	outros		os
lugar	parece		tudo		o
policiais	estamos		eu		as
tráfego	cuidando		nós		a
limpeza	organizando		nós		a
ruas	ter				
necessidade					
polícia					
T: 9	T: 7	T: 2	T: 6	T: 1	T: 6

(T: total)

Preposição	Conjunção	Advérbio	Locução adverbial
De	que	não	por que
Em	e	bem	
Em		mais	
De			
De			
sem			
De			
T: 7	T: 2	T: 3	T: 1

(T: total)

A noção de certo e errado torna a vingar com a atitude da inversão de papéis. Os policiais não realizam o que deveriam ‘*em primeiro lugar*’ (‘*1st place*’), na ordem natural das coisas apontada pelo uso do numeral. A polícia, um substantivo semântica e universalmente ligado à segurança pública, aparece na construção textual do autor cognitivamente relacionada à ideia de saneamento, limpeza, em que o deslocamento de sentido metaforizado propõe uma avaliação dele referente ao papel da polícia egípcia, representado pela força bruta e extermínio, e assume um novo significado.

A insegurança pública, na inversão das coisas, requer então que o privado assuma o papel do público. Instaure-se uma micro-organização das instituições públicas assumidas pela população e a proteção ressurgue no verbo ‘*cuidando*’, com uma relação resolutiva positiva: ‘*bem uns dos outros*’, em que o uso do conectivo ‘*de*’ assume a função de determinante dessa relação a princípio desconhecida, reiterado na expressão ‘*alguém no Cairo*’. ‘*Alguém*’ é um pronome indeterminado, mas ‘*no Cairo*’ é o seu determinante. A engraçada e insignificante ‘*necessidade de ter a polícia egípcia*’ também é um valor avaliativo do falante, expresso em ‘*não sei por que*’; o ‘eu’ - sujeito que fala - aparece, torna-se determinado e assume o lugar desse ‘*alguém*’ que está ‘*no Cairo*’.

TEXTO 5 (T5) 31/01/2011

Mubarak desligou as comunicações, Internet, redes de telefonia móvel, cancelou todos os serviços ferroviários nacionais, parou o abastecimento de gasolina aos postos, parou o abastecimento de alimentos às lojas, ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos e tem a polícia a disparar contra os manifestantes, ainda que não possa parar os manifestantes.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome
Mubarak	desligou	móvel	todos
comunicações	cancelou	ferroviários	
Internet	parou	nacionais	
redes	parou	policiais	
telefonia	ordenou		
serviços	saquearem		
abastecimento	iniciarem		
gasolina	tem		
postos	disparar		
abastecimento	possa		
lojas	parar		
agentes			
caos			
polícia			
manifestantes			
manifestantes			
T: 16	T: 11	T: 3	T: 1

(T: total)

Artigo definido	Preposição	Conjunção	Advérbio
as	de	e	ainda
os	de	e	não
o	para	que	
o	para		
o	para		
as	a		
o	contra		
a			
os			
os			
T: 10	T: 7	T: 3	T: 2

(T: total)

A sequência verbal localiza o leitor primitivamente na ideia de suspensão, de privação de direitos e funções: ‘desligou’, ‘cancelou’, ‘parou’, ‘ordenou’. Um passado em que algo foi interrompido, anulado, eliminado. A imobilidade de uma ação represada, por imposição, pela ordem, pela privação, mas prestes a ‘disparar’. Assemelha-se a um roteiro. O ‘iniciar’ de um presente sendo reescrito, ‘ainda que não possa parar’. Não há como invalidar a atitude dos manifestantes.

Tempos opostos, apontando para dois momentos. Na repetição do substantivo ‘manifestantes’ nota-se que a relação da palavra com as demais na formação discursiva difere nos dois usos e, conseqüentemente, diferem os sentidos, sugerindo essa ambivalência tempo-espacial: um pertence ao passado (‘tem a polícia a disparar contra os manifestantes’) e outro ao presente (‘ainda que não possa parar os manifestantes’).

TEXTO 6 (T6) (31/01/2011):

Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu os muçulmanos protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos legans. Ele diz que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime.

Substantivo	Verbo	Adjetivo	Pronome
repórter	diz	árabe	ele
BBC	viu	recém-formada	todos
Alexandria	protegerem	parte	ambos
muçulmanos	diz	pública	
igrejas	há	impressionante	
proteção		Muçulmanos	
<i>legans</i>		Cristãos	
unidade			
Egípcios			
regime			
T: 10	T: 5	T: 7	T: 3

(T: total)

Artigo definido	Artigo indefinido	Preposição	Conjunção
os	um	da	como
os	uma	em	que
os		da	que
o		de	
		entre	
		contra	
T: 4	T: 2	T: 6	T: 3

(T: total)

O enunciado retoma a ideia de proteção, que assume categorias ambivalentes nos textos analisados, alternando da instância pública à privada. No entanto, nasce aqui uma *‘recém-formada’* relação de unidade, de coexistência entre duas formações culturalmente diversificadas e a conjunção *‘como’* realiza a função de criar a igualdade (*‘como parte da’* = *‘as part of’*). Um acontecimento que se distancia do que caracteriza-se como comum, adjetivado como *‘impressionante’*, um marcador de força interpessoal, de interação entre as partes envolvidas no discurso.

Há uma noção de conjunto caracterizada pelo elenco de palavras na mesma categoria de substantivos: *‘muçulmanos’*, *‘igrejas’*, *‘proteção’*, *‘unidade’*, porém ambíguo, marcado pelo uso dos pronomes *‘todos’* (*‘all’*) e *‘ambos’* (*‘both’*) na formação *‘uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime’*, que reforça o sentido de união das diferenças.

No quadro a seguir, os termos constitutivos das classes de palavras foram sintetizados para melhor expressar a frequência de uso desses termos e do qual deriva-se um gráfico analítico.

Quadro 8: frequência dos termos

	texto 1	texto 2	texto 3	texto 4	texto 5	texto 6	TOTAL
Substantivo	15	16	10	9	16	10	76
Verbo	14	14	10	7	11	5	61
Adjetivo	6	4	3	2	3	7	25
Pronome	8	7	10	6	1	3	35
Numeral	1	0	2	1	0	0	4
Artigo definido	8	8	6	6	10	4	42
Artigo indefinido	0	0	0	1	0	2	3
Preposição	11	8	11	7	7	6	50
Conjunção	6	6	4	2	3	3	24
Advérbio	4	5	4	3	2	0	18
Interjeição	0	1	0	0	0	0	1
Locução adverbial	0	0	0	1	0	0	1

Gráfico 1: percentual da frequência de uso dos termos nas classes de palavras

É interessante notar a representativa presença de substantivos, que corresponde a 23% do total de palavras do *corpus* pesquisado. Por uma leitura lógica de Jespersen (1975b), ao hierarquizar os termos que se relacionam sintaticamente, o substantivo coloca-se em posição superior, vindo em seguida o adjetivo e o verbo e, subordinando-se a ambos, o advérbio. Por lógica, a gramática tradicional infere que cronologicamente o sujeito é pensado com antecedência, por ser o “já conhecido” (CARONE, 1994a: 60). Este pensamento lógico poderia ancorar a hipótese de os enunciados, em seu conjunto, carregam em si a predominância das palavras substantivas. No entanto, a linguística – que tem por objeto a linguagem verbal – preocupa-se em estudar o sistema de articulação das unidades para gerar sentidos. Neste aspecto, o verbo seria a unidade pela qual orbitam as demais, sendo o centro gramatical da oração (Tesnière, 1994b; Hjelmslev, 1975a), conectado imediatamente pelos actantes, os substantivos. Os demais termos viriam em ordem sucessiva, com os adjetivos articulando-se com os substantivos e os advérbios, com os verbos. Os valores adverbiais ampliam o foco do verbo; já os adjetivos ampliam o foco do substantivo. A ordem lógica (nominal) utilizada, mais do que linguística (verbal), assume no conjunto textual em análise desta pesquisa um comportamento situado na construção da identidade social do falante, como será discutido mais a diante.

Tem-se substantivos (23%), verbos (18%) e adjetivos (7%) compondo mais da metade das palavras utilizadas, evidenciando um recurso gramatical que permite o crescimento da possibilidade de expressão subjetiva do autor, marcando sua presença na construção discursiva.

4.6 Dados qualitativos: análise sintática

A segunda das três dimensões da TSD trata de verificar as relações gramaticais entre as orações e períodos, de forma a investigar o discurso estruturalmente e buscar pistas que digam respeito aos significados interpessoais/identificacionais, com foco sobre as modalidades, de como as relações sociais e as identidades sociais são marcadas na oração.

As classes gramaticais representam as análises sintáticas dos períodos e das orações desses períodos, conforme seguem:

Texto 1:

Rumores espalharam-se depois que a polícia retirou rapidamente [a informação de] que o museu Egípcio (que tem 1/3 dos monumentos do mundo) estava prestes a ser assaltado. Todos os canais de TV estavam falando sobre tentativas de entrar para roubar o museu. Uma vez que o rumor se espalhou, milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse. Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios.

Período 1:

Rumores espalharam-se depois que a polícia retirou rapidamente [a informação de] que o museu Egípcio (que tem 1/3 dos monumentos do mundo) estava prestes a ser assaltado.

Oração 1, principal:

Rumores espalharam-se

Sujeito simples: *rumores*; predicado verbal: *espalharam-se*; verbo intransitivo na voz reflexiva: *espalharam-se*

Oração 2:

Depois que a polícia retirou rapidamente [a informação de] que o museu Egípcio

Oração subordinada adverbial

Sujeito simples: *a polícia*; predicado verbal: *retirou rapidamente* [a informação de] *que o museu Egípcio*; verbo transitivo direto: *retirou*; objeto direto elíptico: [a informação de]

Oração 3:

O museu Egípcio estava prestes a ser assaltado

Oração subordinada substantiva subjetiva

Sujeito: *o museu Egípcio*; núcleo do sujeito: *museu*; adjunto adnominal: *o*; complemento nominal: *Egípcio*; predicado nominal: *estava prestes a ser assaltado*; predicativo do sujeito: *prestes a ser assaltado*; verbo de ligação: *estava*; verbo auxiliar: *ser*

Oração 4:

Que tem 1/3 dos monumentos do mundo

oração subordinada adjetiva explicativa circunstancial (tem valor aproximado do aposto e exprime uma matiz circunstancial de concessão)

Sujeito: pronome relativo '*que*'; predicado verbal: *tem 1/3 dos monumentos do mundo*; verbo transitivo direto: *tem*; objeto direto: *1/3 dos monumentos do mundo*

Período 2:

Todos os canais de TV estavam falando sobre tentativas de entrar para roubar o museu.

Oração 1, principal:

Todos os canais de TV estavam falando

Sujeito: *todos os canais de TV*; núcleo do sujeito: *canais*; adjunto adnominal: *todos/os*; complemento nominal: *de TV*; predicado verbal: *estavam falando*; verbo principal, transitivo direto, no gerúndio: *falando*; verbo auxiliar: *estavam*; objeto direto: *sobre tentativas de entrar para roubar o museu*

Oração 2:

Tentativas de entrar para roubar o museu.

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Sujeito: *tentativas de* (palavra substantivada); predicado verbal: *entrar*, verbo intransitivo

Oração 3:

Para roubar o museu.

Oração coordenada explicativa

Sujeito indeterminado; predicado verbal: *roubar o museu*; verbo transitivo direto: *roubar*; objeto direto: *o museu*; adjunto adverbial de finalidade: *para*

Período 3:

Período composto por coordenação e subordinação

Uma vez que o rumor se espalhou, milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse.

Oração 1, principal:

Milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu

Sujeito: *milhares e milhares de egípcios*; núcleo do sujeito: *egípcios*; adjunto adnominal: *milhares e milhares de*; predicado verbal: *fizeram correntes humanas em todo o museu*; verbo transitivo direto: *fizeram*; objeto direto: *correntes humanas*; adjunto adverbial de lugar: *em todo o museu*

Oração 2:*Uma vez que o rumor se espalhou*

Oração subordinada adverbial causal

Sujeito: *rumor*; locução conjuntiva causal: *uma vez que*; predicado verbal: *se espalhou*; verbo intransitivo na voz reflexiva: *se espalhou***Oração 3:***Para garantir que ninguém entrasse*

Oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo

Sujeito indeterminado; predicado verbal: *garantir que ninguém entrasse*; verbo transitivo direto: *garantir*; objeto direto: *que ninguém entrasse*; adjunto adverbial de finalidade: *para***Oração 4:***Que ninguém entrasse*

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Sujeito: *ninguém*; predicado verbal: *entrasse*, verbo intransitivo**Período 4:***Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios*

Período simples; oração absoluta

Sujeito simples: *eu*; predicado nominal: *toda a oração*; verbo de ligação: *estou*; predicativo do sujeito: *tão orgulhoso de vocês egípcios***Texto 2:**

Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada. É o governo, a polícia e seus agentes. Por favor, ajudem de qualquer maneira. Falem com os seus líderes, governo e representantes. Protestem em paz em todos os países. Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura. Nunca pensei que eles fossem tão maus assim. Agora eu estou mais determinado para que o regime caia.

Período 1:

Período composto por coordenação e subordinação

*Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada.***Oração 1, principal:***Tenha a certeza*Sujeito oculto: *você*; predicado verbal: *toda a oração*. O verbo 'ter' é transitivo direto; objeto direto: *a certeza*; complemento nominal: *é a oração seguinte: de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada*.

Oração 2:

De que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo

Oração subordinada substantiva completiva nominal

Sujeito: *nenhum manifestante do povo egípcio*; adjunto adnominal do sujeito: *nenhum*; complemento nominal do sujeito: *do povo egípcio*; predicado verbal: *está destruindo*; locução verbal: *está destruindo*; verbo principal: *destruindo* (no gerúndio), que assume a semântica de intransitivo; verbo auxiliar: *está*

Oração 3:

Ou saqueando nada

Oração coordenada sindética alternativa.

Sujeito oculto: *nenhum manifestante do povo egípcio*; predicado verbal no gerúndio: *saqueando* (intransitivo); adjunto adverbial de intensidade: *nada*; conjunção coordenativa alternativa: *ou*

Período 2:

É o governo, a polícia e seus agentes

Período simples; oração absoluta

Sujeito oculto: [*quem está destruindo ou saqueando*]; predicado nominal; predicativo do sujeito: *o governo, a polícia e seus agentes*; verbo de ligação: *é*

Período 3:

Por favor, ajudem de qualquer maneira

Período simples; oração absoluta

Sujeito indeterminado; predicado verbal: *ajudem de qualquer maneira*; verbo ‘ajudar’ é transitivo direto, mas assume aqui a semântica de intransitivo; adjunto adverbial de modo: *de qualquer maneira*; vocativo: *por favor*

Período 4:

Falem com os seus líderes, governo e representantes

Período simples; oração absoluta

Sujeito indeterminado; predicado verbal: toda a oração; verbo intransitivo: *falem*; adjunto adverbial de companhia: *com os seus líderes, governo e representantes*

Período 5:

Protestem em paz em todos os países

Período simples; oração absoluta

Sujeito indeterminado; predicado verbal: toda a oração; verbo intransitivo: *protestem*; adjunto adverbial de modo: *em paz em todos os países*

Período 6:

Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura

Período simples; oração absoluta

Sujeito simples: *egípcios*; verbo de ligação: *estão sendo*; locução verbal: verbo auxiliar: *estão*; verbo principal: *sendo*; predicado nominal; predicativo do sujeito composto: *massacrados pela ditadura*; objeto indireto de referência: *pela ditadura*; Adjunto adnominal de *ditadura*: *a*

Período 7:

Nunca pensei que eles fossem tão maus assim

Oração 1, principal:

Nunca pensei.

Sujeito oculto: *eu*; predicado verbal: *nunca pensei*; adjunto adverbial de negação: *nunca*.

Oração 2:

Que eles fossem tão maus assim

Oração subordinada substantiva predicativa

Sujeito simples: *eles*; predicado nominal; verbo de ligação: *fossem*; predicativo do sujeito: *tão maus assim*; adjuntos adnominais de *maus*: *tão/assim*

Período 8:

Agora eu estou mais determinado para que o regime caia

Período composto por subordinação; trata-se de uma oração complexa

Análise da oração complexa:

Agora eu estou mais determinado para que o regime caia

Sujeito simples: *eu*; predicado nominal; verbo de ligação: *estou*; predicativo do sujeito composto: *determinado para que o regime caia*; objeto indireto de referência: *determinado para que o regime caia*

Oração 2:

Que o regime caia

Oração subordinada substantiva objetiva indireta [não considera-se o conectivo 'que']; Sujeito simples: *o regime*; adjunto adnominal: *o*; predicado verbal: *caia* (verbo intransitivo).

Texto 3:

Eu estava olhando para a estatística da nossa página e eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA. Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios. Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução.

Período 1:

Eu estava olhando para a estatística da nossa página e eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA

Período composto por coordenação. Possui 2 orações independentes, coordenadas entre si sinteticamente.

Oração 1, principal:

Eu estava olhando para a estatística da nossa página

Sujeito simples: *eu*; predicado verbal: *estava olhando para a estatística da nossa página*; locução verbal: *estava olhando*; verbo principal no gerúndio: *olhando*. Olhar é um verbo transitivo direto; objeto direto: *para a estatística da nossa página*; complemento nominal: *da nossa página*.

Oração 2:

E eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA

Oração coordenada sindética aditiva

Sujeito simples: *eu*; predicado verbal: *percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA*. Perceber é um verbo transitivo direto e seu objeto direto é a frase seguinte: *que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA*

Oração 3:

8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Sujeito: *8000 membros dela* [da página]; predicado nominal; predicativo do sujeito: *realmente dos EUA*; verbo de ligação: *são*

Período 2

Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas [que são] tão corajosas no mundo [e] que estão se levantando com os egípcios

Oração 1, principal:

Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas tão corajosas no mundo

Sujeito oculto: *eu*; predicado verbal: *toda a oração*; locução verbal: *queria dizer*; verbo auxiliar: *queria*; verbo principal: *dizer* (verbo transitivo direto); objeto direto: *muito obrigado*; adjunto adverbial de destino: *a todos vocês e a todas as pessoas [que são] tão corajosas no mundo*

Oração 2

E a todas as pessoas [que são] tão corajosas no mundo

Oração coordenada sindética aditiva

Sujeito: *todas as pessoas*; predicado nominal: [verbo elíptico: *são*] *tão corajosas no mundo*; predicativo do sujeito: *tão corajosas no mundo*; verbo de ligação elíptico: *são*

Adjunto adnominal: *tão*; complemento nominal: *no mundo*

Oração 3:

[E] que estão se levantando com os egípcios

Oração coordenada assindética aditiva [conjunção aditiva elíptica]

Sujeito oculto: *todas as pessoas*; predicado verbal: *estão se levantando com os egípcios*; locução verbal: *estão levantando*; verbo principal no gerúndio, na voz ativa com pronome 'se': *levantando* (verbo transitivo direto); objeto direto: *com os egípcios*.

Período 3

Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução

Oração independente

Sujeito simples: *nós*; predicado verbal: *toda a oração*; locução verbal: *vamos retribuir*; verbo auxiliar: *vamos*; verbo principal no infinitivo pessoal: *retribuir*; 'retribuir' é um verbo transitivo direto; objeto direto: *o favor*; adjunto adverbial de tempo: *em seu tempo de revolução*.

Texto 4:

Comentário engraçado de alguém no Cairo: Em primeiro lugar, eu não sei por que nós temos policiais. Parece que nós estamos cuidando bem uns dos outros, organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais, sem a necessidade de ter a polícia egípcia.

Período 1

Comentário engraçado de alguém no Cairo:

Oração independente; frase nominal

Sujeito simples: *comentário*; adjunto adnominal: *engraçado/de alguém* (locução adjetiva de especificação)/*no Cairo* (locução adjetiva de especificação).

Período 2:

Em primeiro lugar, eu não sei por que nós temos policiais.

Oração 1, independente; frase verbal

Eu não sei

Sujeito simples: eu; predicado verbal: *não sei*; adjunto adverbial de negação: *não*; Neste caso, o verbo “saber” pede um complemento (o quê?), cujo integrante objeto direto é a frase seguinte: *por que nós temos policiais*

Oração 2:

Por que nós temos policiais

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Sujeito simples: nós; predicado verbal: *temos policiais*; ter é verbo transitivo direto; objeto direto: *policiais*; adjunto adverbial causal: *por que*

Período 3:

Parece que nós estamos cuidando bem uns dos outros, organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais, sem a necessidade de ter a polícia egípcia

Período composto por subordinação; trata-se de uma oração complexa.

Oração 1:

Análise da oração complexa: sujeito: *que nós estamos cuidando bem uns dos outros*; predicado verbal: *parece*; verbo intransitivo: *parece*

Oração 2:

Análise da oração subordinada substantiva subjetiva: [não considera-se o conectivo ‘que’]; sujeito simples: nós; predicado verbal: *estamos cuidando bem uns dos outros*; locução verbal: verbo auxiliar: *estamos*; verbo principal no gerúndio: *cuidando*; adjunto adverbial de modo: *bem*; ‘cuidar’ é um verbo transitivo direto e indireto; objeto direto: *uns*; objeto indireto: *dos outros*.

Oração 3:

[‘Estamos’ está elíptico] *organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais*

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: nós; predicado verbal: [estamos] *organizando o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais*; locução verbal: verbo auxiliar: *estamos*; verbo principal no gerúndio: *organizando*; ‘organizar’ é um verbo transitivo direto; objeto direto: *o tráfego, limpeza das ruas e tudo mais*; aposto resumidor: *e tudo mais*

Oração 4:

sem a necessidade de ter a polícia egípcia.

Oração subordinada adverbial concessiva

Sujeito: inexistente; predicado verbal: *ter a polícia egípcia*; ter é um verbo transitivo direto; objeto direto: *a polícia egípcia*; adjunto adverbial de concessão: *sem a necessidade de* (sem [ter] a necessidade da polícia egípcia)

Texto 5:

Mubarak desligou as comunicações, Internet, redes de telefonia móvel, cancelou todos os serviços ferroviários nacionais, parou o abastecimento de gasolina aos postos, parou o abastecimento de alimentos às lojas, ordenou a agentes policiais saquearem e iniciarem o caos e tem a polícia a disparar contra os manifestantes, ainda que não possa parar os manifestantes.

Período composto por coordenação e subordinação.

Oração 1, principal:

Mubarak desligou as comunicações

Oração independente.

Sujeito simples determinado: *Mubarak*; predicado verbal: *desligou as comunicações*; núcleo do predicado verbal: *desligou*; verbo transitivo direto: *desligar*; objeto direto: *as comunicações*.

Oração 2:

[Desligou a] *Internet*

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: [desligou, verbo elíptico] [a, adjunto adnominal elíptico] *Internet*. verbo transitivo direto: *desligar*; objeto direto: *Internet*.

Oração 3:

[Desligou; verbo elíptico] *redes de telefonia móvel*

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: [desligou] *redes de telefonia móvel*; *desligar* é um verbo transitivo direto; objeto direto: *redes de telefonia móvel*; núcleo do objeto direto: *redes*; complemento nominal: *de telefonia móvel*

Oração 4:

Cancelou todos os serviços ferroviários nacionais

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *cancelou todos os serviços ferroviários nacionais*; cancelar é um verbo transitivo direto; objeto direto: *todos os serviços ferroviários nacionais*; núcleo do objeto direto: *serviços*; adjunto adnominal: *todos/ os*; complemento nominal: *ferroviário/s nacionais*.

Oração 5:

Parou o abastecimento de gasolina aos postos

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *parou o abastecimento de gasolina aos postos*; parar é transitivo direto; objeto direto: *o abastecimento de gasolina aos postos*; adjunto adnominal do objeto direto: *o*; complemento nominal do objeto direto: *de gasolina/ aos postos*

Oração 6:

Parou o abastecimento de alimentos às lojas

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *o abastecimento de alimentos às lojas*; parar é transitivo direto; objeto direto: *o abastecimento de alimentos às lojas*; adjunto adnominal do objeto direto: *o*; complemento nominal do objeto direto: *de alimentos/ às lojas*

Oração 7:

Ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos

Oração coordenada assindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos*; ordenar tem valor de verbo transitivo direto (o quê?) e indireto (a quem?); objeto indireto: *a agentes policiais*; objeto direto: *saquearem e iniciarem o caos*

Oração 8:

A agentes policiais saquearem

Oração subordinada substantiva objetiva direta;

Sujeito simples determinado: *agentes policiais*

Predicado verbal: *saquearem* (verbo intransitivo)

Oração 9:

E iniciarem o caos

Oração coordenada sindética aditiva

Sujeito oculto: eles (agentes policiais)

Predicado verbal: *iniciarem o caos*; verbo transitivo direto: *iniciarem*; objeto direto: *o caos*.

Oração 10:

E tem a polícia a disparar contra os manifestantes

Oração coordenada sindética aditiva

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *tem a polícia a disparar contra os manifestantes*; ter é verbo transitivo direto; objeto direto: é a oração seguinte: *a polícia a disparar contra os manifestantes*;

Oração 11:

A polícia [que está] a disparar contra os manifestantes

Oração subordinada substantiva completiva nominal

Sujeito simples: *a polícia*; predicado verbal: *[que está] a disparar contra os manifestantes*;

locução verbal: *[está; elíptico] a disparar*; verbo principal: *disparar* (transitivo direto); verbo

auxiliar: *está*; objeto direto: *contra os manifestantes*; adjunto adverbial: *contra*.

Oração 12:

Ainda que não possa parar os manifestantes

Oração subordinada adverbial concessiva.

Sujeito simples: *ela (a polícia)*; predicado verbal: *não possa parar os manifestantes*; locução

verbal: *possa parar*; verbo principal: *parar*; verbo auxiliar: *possa*; parar é transitivo direto;

objeto direto: *os manifestantes*; locução conjuntiva: *ainda que*

Texto 6:

Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu os Muçulmanos protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos *legans*. Ele diz que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime.

Período 1:

Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu os muçulmanos protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos *legans*.

Período composto por subordinação. É uma oração complexa.

Oração complexa:

Sujeito: *que viu os muçulmanos*; predicado verbal: *diz*

Oração 1, principal:

Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu os muçulmanos

Sujeito simples determinado: *Um repórter árabe da BBC, em Alexandria*; núcleo do sujeito:

repórter; adjuntos adnominais *um / árabe / da BBC* (locução adjetiva de especificação);

aposto explicativo: *em Alexandria*; predicado verbal: *diz* (verbo transitivo direto); objeto

direto: é a oração seguinte: *que viu os muçulmanos*

Oração 2:

Que viu os muçulmanos

Oração subordinada substantiva objetiva direta; é principal da seguinte

Sujeito oculto: *ele (repórter)*; predicado verbal: *viu os muçulmanos*; *ver* é verbo transitivo

direto; objeto direto: *os muçulmanos*.

Oração 3:

Protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos legans

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Sujeito simples: *os muçulmanos*; núcleo: *muçulmanos*; adjunto adnominal: *os*; predicado verbal: *protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos legans*; proteger é verbo transitivo direto; objeto direto: *Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos legans*; adjunto adnominal do objeto direto: *como parte da recém-formada proteção pública dos legans*

Período 2:

Ele diz que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime.

Período composto por subordinação.

Oração 1, principal:

Ele diz [que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime]

Sujeito simples determinado: *ele*; predicado verbal: *diz que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime*; dizer é um verbo transitivo direto, sendo seu objeto direto a oração seguinte: *que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime*.

Oração 2:

Oração subordinada substantiva objetiva direta

Há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime

Sujeito: inexistente; predicado verbal: toda a oração; verbo transitivo direto; *há*; objeto direto: *uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos, contra o regime*; adjunto adnominal: *uma/ impressionante/ entre todos os Egípcios/ contra o regime*; aposto: *ambos Muçulmanos e Cristãos*

Para melhor visualização dos dados obtidos, segue uma síntese da análise sintática dos períodos, e suas orações, e das classes gramaticais obtidas. Dela derivam-se os gráficos que demonstram a estrutura da construção discursiva quanto ao tipo e frequência de uso de sujeito, predicado e verbo.

Quadro 9: resultado da análise sintática dos períodos e orações

			texto 6	texto 5	texto 4	texto 3	texto 2	texto 1	TOTAL
período simples			0	0	0	0	5	2	7
período composto			2	1	3	3	3	3	15
	coordenação		0	8	1	3	1	1	14
	subordinação		3	3	3	1	3	6	19
orações			5	12	7	7	12	12	55
	principal		2	1	0	2	2	3	10
	absoluta		0	0	0	0	5	1	6
	independente		0	0	2	1	0	0	3
	complexa		0	0	1	0	1	0	2
	coordenadas		0	8	1	3	1	1	14
	assindética	aditiva	0	6	1	1	0	0	8
	sindética		0	2	0	2	0	0	4
		aditiva	0	2	0	2	0	0	4
		alternativa	0	0	0	0	1	0	1
	explicativa		0	0	0	0	0	1	1
	subordinadas		3	3	3	1	3	6	19
	substantiva		3	2	2	1	3	3	14
		subjativa	0	0	1	0	0	1	2
		objetiva direta	3	1	1	1	0	2	8
		objetiva indireta	0	0	0	0	1	0	1
		completiva nominal	0	1	0	0	1	0	2
		predicativa	0	0	0	0	1	0	1
	adverbial		0	1	1	0	0	3	5
		concessiva	0	1	1	0	0	0	2
		causal	0	0	0	0	0	1	1
		final	0	0	0	0	0	1	1
	adjetiva							1	1
		explicativa circunstancial						1	1

Quadro 10: síntese das classes gramaticais

sujeito		56
	simples	26
	pronome	1
	indeterminado	5
	oculto	22
	inexistente	2
predicado		56
	nominal	10
	verbal	46
predicativo do sujeito		10
verbo		58
	transitivo direto	32
	transitivo indireto	3
	intransitivo	12
	Transitivo direto e indireto	1
	de ligação	10
	elíptico	4
	infinitivo	9
	gerúndio	8
	voz ativa	3
	subjuntivo	2
	imperativo	1
	passado	18
	presente	16
	futuro	0
locução verbal		12
objeto		37
	direto	33
	indireto	4
adjuntos		33
	adnominais	18
	adverbiais	15
locução	adjetiva de especificação	2
	conjuntiva	1
aposto		3
vocativo		1
complemento	nominal	10

Gráfico 2: tipos de sujeitos e sua frequência de uso

Gráfico 3: tipos de predicados e sua frequência de uso

Gráfico 4: tipos de verbos e sua frequência de uso

A análise estrutural possibilita avaliar um modo particular de construção de textos, observado sob o aspecto semiótico de uma ordem social, ao que se pode chamar de ordem do discurso, como propõe Foucault (1996). É pela ordem do discurso que se verifica o interdito, as diferentes presenças do autor, um sistema anônimo que assume uma identidade conformada na individualidade, e ainda o que ele escreve e o que ele não escreve, mas poderia ter escrito. Por entender o caráter descontínuo e plural em tomadas de posição e função do sujeito que escreve, a análise busca uma unidade, um traço de similaridade ao estabelecer relações entre esta descontinuidade, revelando um conjunto de sinais manifestados por quem escreve e dirigido a quem lê, e sobre o qual gera efeito de sentido, numa contínua reciprocidade que os liga entre si.

Do caráter descontínuo surgem as mudanças discursivas que deixam suas marcas nos textos, modos, maneiras, estilos expressos a partir das formas linguísticas selecionadas pelo autor, o que lhe atribui uma identidade.

Portanto, nesta etapa analítica procura-se destacar os processos de modalidade (função interpessoal e significado identificacional), transitividade (função ideacional e significado

representacional) e escolhas temáticas (função textual da linguagem e seu significado acional), ainda pertinentes à fase dimensional de texto, proposta pela TSD.

No geral, a análise demonstra um processo gramatical formulado na ordem convencional de sujeito, verbo, predicado, o qual não apresenta um problema interpretativo, como aponta Fairclough (2001).

Os enunciados apresentam processos sintáticos de coordenação e subordinação, este último sutilmente mais proeminente. As orações coordenadas exprimem o pensamento do autor em sua integridade, reverberando uma estratégia argumentativa no âmbito das emoções, prevalecendo o uso de uma linguagem afetiva, apropriada para a transmissão de informação e estados emocionais, com sentido próprio, independente (ROCHA LIMA, 1996: 260), que pode ser percebida neste enunciado (texto 3) em que os três períodos são compostos por orações coordenadas e independentes:

Período 1:

Eu estava olhando para a estatística da nossa página e eu percebi que 8000 membros dela (25%) são realmente dos EUA.

Período 2

Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas [que são] tão corajosas no mundo [e] que estão se levantando com os egípcios.

Período 3

Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução

Já a subordinação cumpre a função de estabelecer uma dependência da ação aos seus objetos, que vão complementar o sentido dessa ação, deslocando o foco do autor para outras vozes. Este mecanismo reproduz mudanças de vozes que podem ser notadas com o recurso argumentativo que alterna coordenação e subordinação no mesmo período. Neste trecho (texto 5), o autor se serve de uma sequência de 10 orações coordenadas para narrar as atividades autoritárias de Mubarak, representando a voz de um outro sujeito discursivo. O rompimento é marcado pela alternância da subordinação, em que sua voz é reassumida:

(A)

[1] *Mubarak desligou as comunicações*[2] *Internet*[3] *redes de telefonia móvel*[4] *cancelou todos os serviços ferroviários nacionais*[5] *parou o abastecimento de gasolina aos postos*[6] *parou o abastecimento de alimentos às lojas*[7] *ordenou agentes policiais a*[8] *saquearem*[9] *e iniciarem o caos*[10] *e tem a polícia a*

(B)

[1] *disparar contra os manifestantes*[2] *ainda que não possa parar os manifestantes.*

Neste outro trecho do texto 5, ressalta-se um deslocamento preposicional cujo recurso direciona o receptor a olhar para outras vozes, que não a de Mubarak, representada agora pelos agentes policiais:

ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos

O deslocamento aparece ressaltando o sentido do verbo ‘ordenar’, que em sua forma bitransitiva exige o objeto indireto (a quem?) e o objeto direto (o quê?). A frase em sua ordem natural seria ‘ordenou a agentes policiais saquearem e iniciarem o caos’. Este recurso aparece inclusive na sua versão original, em inglês: *ordered police agents to loot & start chaos & got police to fire at protesters.*

Nesta oração, o enfoque acional evidencia a atividade policial mais do que as atividades de Mubarak, que aparece como sujeito oculto:

Sujeito oculto: ele (Mubarak); predicado verbal: *ordenou* [a] *agentes policiais saquearem e iniciarem o caos*; ordenar tem valor de verbo transitivo direto (o quê?) e indireto (a quem?); objeto indireto: [a] *agentes policiais*; objeto direto: *saquearem e iniciarem o caos*.

Uma outra sequência de orações subordinadas substantivas faz referência à representação de um outro ator social, vista no texto 6, cujo recurso argumentativo do autor apoia-se em um discurso indireto livre para relatar os enunciados do repórter da BBC ao invés de apresentá-los em sua própria voz (discurso direto) ou de informar o leitor de forma objetiva o que poderia ser ou teria dito (discurso indireto):

Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu os Muçulmanos protegerem Igrejas como parte da recém-formada proteção pública dos legans. Ele diz que há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime.

Fica evidente o poder declarativo do enunciado em que o locutor dá voz indireta ao repórter e marca para si uma postura de neutralidade em relação à fala dele (*‘diz que viu’*, *‘diz que há’*), porém usa suas próprias palavras declarar o dito do outro. Esteticamente, a tentativa de anulamento do sujeito/autor pelo sujeito/falante gera uma narrativa hesitante, percebida pela falta de contextualização (*‘Um repórter árabe da BBC, em Alexandria’* requer saber exatamente onde? exatamente quando?), e não fluida, com o uso do pronome relativo *‘que’* sugerindo manter as palavras e as frases da pessoa que detém a voz. Na sucessão de orações subordinadas substantivas, o efeito de sentido expressa um narrador que subordina a si a personagem. Outro elemento que reforça essa ligação é o fato de que as orações subordinadas substantivas assumem a função do sujeito (ROCHA LIMA, 1996), reafirmando a condição de sujeito/falante/autor.

A análise sintática oferece ainda a possibilidade de observar a constituição do sujeito (no sentido gramatical) das ações, já que predominam predicados verbais, que são proeminentemente indefinidos, sendo 39% ocultos, 9% indeterminados e 4% inexistentes, perfazendo mais da metade da sua frequência de uso. Os trechos a seguir exemplificam estas considerações, levando-se em conta inclusive o que consta no texto original, em inglês, e apontam a natureza da indefinição, baseando-se em Cunha (1985), Cegalla (1978), Infante (1995) e Said Ali (1966).

(A) - Sujeito indeterminado⁴⁴, demonstrando um desinteresse em identificar o referente e marca a generalização quando o sujeito pode referir-se às duas pessoas do discurso (eu e ele):

(T1):

Para roubar o museu

Para garantir que ninguém entrasse

⁴⁴ Cegalla (1978) afirma que a indeterminação do sujeito é assinalada usando-se o verbo na terceira pessoa do plural, usando-se o verbo ativo na terceira pessoa do singular acompanhado do pronome *se* e deixando-se o verbo no infinitivo pessoal.

(B) - Sujeito oculto ou elíptico, especificamente em que se omite a primeira pessoa do singular, ou seja, quando o ‘eu’ não está expresso:

(T2):

Nunca pensei que eles fossem tão maus assim.

(T3):

Só queria dizer muito obrigado a todos vocês e a todas as pessoas tão corajosas no mundo.

(C) – Sujeito oculto ou elíptico, cujo referente é a terceira pessoa do singular (você, ele, ela):
inexistência de sujeito com verbos de estado, sem necessidade de referir-se a um sujeito

(T2):

Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada.

É o governo, a polícia e seus agentes.

Sujeito oculto: [*quem está destruindo ou saqueando*]; predicado nominal; predicativo do sujeito: *o governo, a polícia e seus agentes*; verbo de ligação: *é*

(*[Quem está destruindo ou saqueando] é o governo, a polícia e seus agentes*).

(D) - Sujeito oculto ou elíptico, marcado pelo uso da terceira pessoa do plural⁴⁵, enfatizando o caráter impessoal e genérico que o autor quer dar ao sujeito:

(T2):

Por favor, ajudem de qualquer maneira

Falem com os seus líderes, governo e representantes

Protestem em paz em todos os países

O pressuposto que a indeterminação (A) e a omissão (B/C/D) reflete a não presença do sujeito e implica em um recurso estilístico em que o verbo assume a condição de sujeito mental (SAID ALI, 1966), deixando aos interlocutores a consciência de quem está falando. Em um sentido figurado, a ênfase recai ao verbo, com base em que o sujeito, sintaticamente, é o elemento com o qual o verbo concorda; semanticamente, é o ser que realiza a ação e discursivamente, é sobre o qual se faz uma declaração.

⁴⁵ Cunha (1985) propõe que o emprego do verbo na terceira pessoa do plural evidencia uma indeterminação do sujeito.

A possibilidade de o ouvinte assemelhar-se nas representações genéricas de sujeitos propiciam um envolvimento, articulada ao modo manipulativo do autor, já que as frases assumem a forma imperativa.

A forma verbal é um outro elemento que pode ser abordado com a análise sintática. O pretérito passado e o presente do indicativo são as formas verbais mais utilizadas nos textos analisados. Esses tempos representam uma espécie de polaridade (passado/presente, assim como positivo/negativo). Observe como isto se comporta no texto analisado:

(T1):

*Rumores espalharam-se depois que a polícia **retirou** rapidamente que o museu Egípcio (que tem 1/3 dos monumentos do mundo) estava prestes a ser assaltado. Uma vez que o rumor se **espalhou**, milhares e milhares de egípcios **fizeram** correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse. Eu **estou** tão orgulhoso de vocês egípcios.*

A mudança de tempo verbal na última oração coloca o ouvinte a escutar atentamente o que o falante diz.

Em uma situação inversa, o autor intercala uma oração no passado para validar sua avaliação, marcada pela polaridade positivo/negativo (*é/nunca*). Para Halliday (1985: 85-89), os verbos auxiliares modais, que expressam um processo mental afetivo, são modos de formalizar o comprometimento do autor, sem hesitação. O tempo verbal ‘é’, no presente do indicativo, realiza essa modalidade categórica.

*Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio **está** destruindo ou saqueando nada. **É** o governo, a polícia e seus agentes. Por favor, **ajudem** de qualquer maneira. **Falem** com os seus líderes, governo e representantes. **Protestem** em paz em todos os países. Egípcios **estão** sendo massacrados pela ditadura. Nunca **pensei** que eles fossem tão maus assim. Agora eu **estou** mais determinado para que o regime caia.*

Uma última observação recai sobre a predominância dos verbos transitivos direto. A transitividade aponta a um processo relacional em que o verbo marca uma relação do sujeito/agente com o interlocutor. O agente age em direção a um objetivo e incute um caráter complementar ao discurso. De acordo com Fairclough (2001: 104), as orações transitivas representam “um processo de um indivíduo particular agindo sobre uma entidade”. A

transitividade requer uma complementação de uma ideia, manifestada em um ato contínuo de sentidos, motivado na intenção discursiva do autor. Há uma intenção causal por parte do escritor em provocar uma mudança de estado em um objeto particularizado.

(T5):

Ainda que não possa parar os manifestantes.

(T6):

Há uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime.

A transitividade segundo McCleary (1982) assume uma dimensão perceptual (função cognitiva) de eventos sociais, e está associada à forma como um interlocutor vai interpretar esses eventos.

4.7 CONCLUSÃO:

O material extraído da análise textual possibilita a continuidade às segunda e terceiras etapas do modelo tridimensional da TSD de Fairclough. Na análise textual, o conjunto textual que se refere ao *corpus* documental desta pesquisa foi compreendido em termos de constituição de conhecimento do sujeito e das formas sociais do ‘eu’, das relações sociais e das estruturas conceituais.

Na segunda etapa, a ênfase será no estudo da interdependência das práticas discursivas de uma estrutura social, verificando qual é a prática discursiva da identidade social. A terceira e última etapa recomenda uma explicação da relação entre os processos discursivos e os processos sociais, verificando como a prática discursiva pode ter afetado um processo social, provocando uma mudança.

Para melhor apontamento e reflexão sobre os dados, as sínteses conclusivas foram reunidas em três quadros, cada um referindo-se respectivamente às três dimensões do modelo da TSD.

Quadro 11: análise do texto = descrição

ELEMENTOS DE ANÁLISE	TÓPICOS	SÍNTESE CONCLUSIVA
Vocabulário	Significado de palavras	<p>Os campos semânticos e as escolhas lexicais por vezes alteram o comportamento da palavra. Ao impor seu ponto de vista sobre as instituições públicas (policiais, governo) no contexto da situação que ocorre no momento em que os textos são escritos, e ainda no seu contexto sequencial, o autor estabelece um apagamento de significados, que são baseados então na atitude subjetiva dele diante da situação.</p> <p>Um exemplo disso tem-se na substituição do valor semântico tido como universal (estabelecido historicamente por crenças e culturalmente aceito) de que a polícia pública realiza a segurança e a proteção da população é ressignificado à noção de insegurança, de 'limpeza e saneamento' por associação ao extermínio.</p> <p>Esse (re)arranjo dos conceitos institucionais, avaliados negativamente pelo escritor ('nunca', 'tão', 'mais', 'nada'), pressupõe uma substituição: PESSOAS>SISTEMAS>PESSOAS, que pode ser observada no uso reiterado do pronome 'seus' (seus agentes / seus líderes), substituindo as pessoas pelo sistema, no sentido de torná-lo insignificante. A expressão 'que o regime caia' reafirma o sentido de troca do sistema pelas pessoas. O poder mudando de mãos: do governo ao povo.</p>
	Metáfora	<p>As construções metafóricas analisadas nos textos apontam a um valor ideológico e reiteram o desejo de troca, de mudança. Na expressão '<i>peças tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios</i>' (<i>who are standing up with Egyptians</i>), a palavra 'levantando' assume uma função ideacional no contexto de situação e sequência do texto de 'levantar', 'orientar', cujo deslocamento de sentido assume um significado baseado na situação externa (poder, força política) transferido a um significado baseado na situação interna (estrutura social), concepção que pode ser notada também na oração '<i>Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura</i>' (<i>Egyptians are being slaughtered by the dictatorship</i>).</p>

Gramática	Transitividade	<p>A transitividade é marcada por um processo relacional entre o escritor e seus leitores, que requer uma complementação de ideias, um ato contínuo de sentidos, sob uma dimensão perceptual (função cognitiva) sucessiva de eventos sociais.</p> <p>A presença do autor no texto não é de distanciamento, ao contrário, já que a predominância dos verbos transitivos direto referencia a sua dependência, exigindo do leitor essa complementariedade. Na interação, há uma relação autor-leitor que é entre alguém dizendo o que está acontecendo e alguém que recebe e interpreta a informação, evidenciando duas proposições de sujeitos.</p> <p>O agente atua em direção a um objetivo e incute um caráter complementar ao discurso, de modo a provocar no leitor uma mudança de estado.</p> <p>As ‘correntes humanas’ garantem uma ‘unidade’ de pessoas que estão se ‘levantando’ para que o ‘regime caia’, de forma organizada e institucionalizada; não há como ‘parar os manifestantes’. O escritor age orientando, governando, controlando os membros da estrutura social, transmutada da praça pelo Estado. A Praça é o governo. A organização da praça é melhor do que a organização do governo, com uma intenção causal que está associada à forma como um interlocutor vai interpretar essa intenção.</p>
	Tema	<p>Os tópicos dos enunciados giram em torno dos sujeitos discursivos: polícia, egípcios, governo, os membros da comunidade, Mubarak, havendo um rompimento quando o escritor assume o discurso do repórter.</p>
	Modalidade	<p>O gênero do digital adquire uma característica peculiar em termos de modalidade, uma vez que os textos para publicação na internet são construídos de modo menos rigoroso quanto à forma da linguagem, ficando próxima da oralidade, aproximando ainda mais o escritor de seu leitor pelo grau de intimidade que o tom conversacional dá à construção.</p> <p>As elipses que ocorrem nos textos denotam essa informalidade com a língua escrita e possibilita a maior ocorrência da modalização.</p> <p>Outro elemento modal está na utilização de verbos mentais (<i>‘Nunca pensei que eles fossem tão mal assim’</i>), que assinala a subjetividade e aponta um escritor não categórico.</p> <p>As diferentes formações discursivas retratam um sujeito contraditório: ao mesmo tempo em que se mostra capaz de conclamar seus leitores à mudança, é levado ao apagamento de si mesmo. O sujeito que fala dá voz direta a si e se coloca como fonte de referência pessoal (verbos em primeira pessoa do singular, o ‘eu’ que estabelece alta afinidade com o outro) e também se esconde no seu co-enunciador (<i>Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu [...]. Ele diz que há [...]</i>), indicando a impessoalidade do discurso indireto livre, uma falta de determinação e segurança que marcam a baixa afinidade com o leitor.</p>

	Geral	<p>A função ideacional da linguagem e seu significado representacional realizam-se através da linguagem metafórica, em como o autor impõe sua visão ideológica sugerindo uma liderança que conduzirá o leitor à uma mudança efetiva: [<i>eu não sei por que nós temos policiais</i>] para que precisamos deles? [<i>estamos cuidando bem uns dos outros</i>]; as pessoas <i>estão se levantando com os egípcios</i>. Reitera-se o conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo.</p> <p>A função interpessoal e seu significado identificacional (identitário e relacional), alusivos ao conceito de estilo, ocorrem quando as identidades construídas nas diferentes formações discursivas alternam-se ora como legitimadora (<i>Agora eu estou mais determinado para que o regime caia</i>), ora como resistência (<i>Egípcios estão sendo massacrados pela ditadura</i>) e ora como projeto⁴⁶ (<i>Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução</i>).</p> <p>A função textual e seu significado acional reforça a maneira como a página do site promove a integração entre o escritor e seus membros leitores, legitimando o gênero textual digital a promover a relação de cumplicidade e aproximação entre eles, e ainda pelo fato de o discurso ser planejado transitivamente para dar continuidade à ideia de que a ação não pode parar, portanto, deve uma causa que deve ser apoiada.</p> <p>Por meio dos aspectos de força e polidez, o autor evidencia o vínculo de dependência estabelecido com os interlocutores: <i>Estou orgulhoso</i>, <i>Estou determinado</i>, evidenciando também o significado de ação social que as expressões realizam.</p>
--	-------	---

⁴⁶ RESENDE, 2011: 78

Coesão		<p>Cronologicamente, o conjunto de textos analisados foram produzidos em momentos diferentes, fator que limita avaliar a coesão apenas entre os períodos de cada texto e não pelo conjunto como um todo. Os recursos que denotam a coesão entre as orações e os períodos são conectivos realizados por repetições de palavras (rumores, rumor; museu Egípcio/museu;) sinônimos (manifestantes/povo; polícia/agentes; agentes/representantes; ditadura/regime); pronominalização de substantivos (governo/seus agentes; nossa página/membros dela); elipses de sintagmas repetidos, mas que conservam o sentido da frase e a argumentação; manutenção do tempo verbal (<i>Mubarak desligou as comunicações, Internet, redes de telefonia móvel, cancelou todos os serviços ferroviários nacionais, parou o abastecimento de gasolina aos postos, parou o abastecimento de alimentos às lojas, ordenou agentes policiais a saquearem e iniciarem o caos [...]</i>).</p> <p>Outros elementos corroboram para manter a coesão textual, como as locuções conjuntivas <i>Uma vez que</i> [o rumor se espalhou] e <i>‘ainda que’</i> [não possa parar os manifestantes], em que ambas retomam o tópico frasal.</p>
Estrutura textual		<p>A construção textual não chega a ser frouxa, mas a sintaxe estabelece uma estrutura próxima da linguagem oral, assemelhando-se à uma roda de conversa entre amigos. Frases com termos elipsados, alternância entre o modo formal e informal da escrita (<i>‘1st place’</i>; <i>‘loot & start chaos & got police’</i>) garantem esse aspecto de proximidade do falante com o interlocutor.</p>

Quadro 12: análise da prática discursiva = interpretação

ELEMENTOS DE ANÁLISE	SÍNTESE CONCLUSIVA
Produção	<p>O conjunto textual apresenta um interdiscurso materializado nas práticas do saber, do poder e da subjetividade, a tríade foucaultiana. O tradicionalismo árabe, cujo discurso vem atravessado de saberes instituídos de regras e convenções culturais historicamente demarcadas, estabelece o jogo de poder do qual faz parte a relação dominação/subordinação, que é explorada ao longo dos textos, cujas fagulhas saltam quando surgem os atritos. Eis o jogo do poder. A estrutura social (história/sociedade) insere-se interdiscursivamente nos textos e este insere-se na história, dialeticamente. Elementos como limitação, restrição, condicionamento sociais estabelecem relações de poder.</p> <p>Os sujeitos discursivos posicionam-se nos vetores dessa relação, alternando oposições e equiparações estabelecidas pelas diferentes formas de apresentação das personalidades, ora categórica (dominante) ora hesitante (subordinante). No texto, podem ser notadas duas marcações linguísticas que caracterizam a polaridade do autor: o tempo verbal presente e passado, que luta contra um regime tradicionalista massacrante e a favor de uma democracia libertária.</p> <p>Outro ponto destacável são as diferentes marcações do sujeito no discurso. Ativo juntamente com o verbo na primeira pessoa quando toma partido e solta a sua voz e oculto, na terceira pessoa, ou inexistente quando representa a voz dos demais sujeitos do discurso: devemos? nós quem? A artimanha da subjetividade que envolve o leitor, do qual fica o encargo da descoberta.</p>

Distribuição	<p>As cadeias intertextuais promovem um movimento dos textos, cujas mudanças discursivas apontam diferentes parâmetros de distribuição. As sequências interdiscursivas transitam entre linhas de relacionamento simples e complexas. A simplicidade está quando a distribuição refere-se aos seus receptores (aqueles para quem o texto se dirige diretamente). Neste caso, a entrega está à vista, de forma superficial no texto (<i>Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios</i>). Em termos mais complexos, quando referem-se aos ouvintes ou aqueles que são indiretamente incluídos como leitores em suposições encaixadas (<i>eu percebi que 8000 membros dela [da página social] (25%) são realmente dos EUA. Só queria dizer muito obrigado a todos vocês [ouvintes] e a todas as pessoas [receptores] tão corajosas no mundo que estão se levantando com os egípcios. Nós vamos retribuir o favor em seu tempo de revolução</i>). Um terceiro tipo de distribuição atende aos consumidores de fato, os destinatários⁴⁷ (<i>Nunca pensei que eles fossem tão maus assim / [...] ainda que não possa parar os manifestantes / Um repórter árabe da BBC, em Alexandria, diz que viu[...]</i>). Há, portanto, diferentes consumidores para os quais o autor emprega um estilo discursivo.</p>
Consumo	<p>A ordem convencional da construção textual (sujeito/verbo/predicado) favorece o consumo. As orações coordenadas exprimem o pensamento do autor em sua integridade, reverberando uma estratégia argumentativa no âmbito das emoções, prevalecendo o uso de uma linguagem afetiva, apropriada para a transmissão de informação e estados emocionais, com sentido próprio, independente.</p> <p>As formas verbais entre o pretérito passado e o presente do indicativo representam mudanças discursivas que colocam o ouvinte em estado de atenção ao que o falante diz.</p> <p>O uso dos verbos na terceira pessoa (singular e plural) torna-se um recurso que não apenas distancia o escritor de agência, mas inclui automática e forçadamente do leitor na produção e reforça a ideia de compartilhamento (<i>Nós vamos retribuir o favor [...]</i>).</p>
Contexto	<p>Os textos foram produzidos simultaneamente aos acontecimentos na Praça Tahrir, como visto cronologicamente neste projeto. Como realce da relação contextual com o engajamento dos membros da página virtual de relacionamento social aos textos, comparam-se os trechos do discurso pautados no evento social, coincidentemente ocorridos no mesmo dia, 31/01/2011:</p> <p><i>‘ainda que não possa parar os manifestantes’</i> (Texto 5, com 356 likes) e <i>‘uma unidade impressionante entre todos os Egípcios, ambos Muçulmanos e Cristãos contra o regime’</i> (Texto 6, com 326 likes).</p> <p>Foram enunciados produzidos no dia em que a praça agrupava mais de um milhão de pessoas, o maior índice de adesão da população até este dia.</p> <p>Por este exemplo, aponta-se que o contexto situacional tem uma relação preponderante ao engajamento do contexto sequencial. O escritor, ao agir em cada uma dessas dimensões contextuais, imprime sentido à sua ação e busca um consenso com os demais membros.</p>

⁴⁷ FAIRCLOUGH, 2001: 108

Força	<p>A capitalização, que trata do uso de palavras em letras maiúsculas (<i>that NO protesters/I'm so PROUD of you Egyptians</i>) é um recurso que atrai a atenção do leitor e enfatiza o comprometimento do falante com os ouvintes.</p> <p>Outro elemento de força em um enunciado, por exemplo, é a inserção de frase nominal em uma sequência verbal, que além de atrair a atenção do leitor amplia a presença e preserva a face do falante, um valor social positivo delineado de acordo com certos atributos sociais⁴⁸ (<i>Eu estou tão orgulhoso de vocês egípcios</i>). A expressão funciona como uma frase declarativa e contém uma forma verbal do presente do indicativo, que é categoricamente autoritária. Ao lançar mão deste modo de interação, o autor conseguiu obter em um dos textos (Texto 1, do dia 28/01/2011) uma aclamação de 626 'likes', considerado entre os textos analisados o que mais obteve interação dos membros da comunidade virtual.</p> <p>O significado acional é marcado por uma sucessão verbal de ordem crescente que estabelece também uma graduação de sentido: 'ajudem', 'falem', 'protestem', que denotam a representação do autor no gerenciamento de pessoas.</p>
Coerência	<p>O pressuposto de que a indeterminação e a omissão do sujeito gramatical refletem a não presença do sujeito implica em um recurso estilístico em que o verbo assume a condição de sujeito mental, deixando aos interlocutores a consciência de quem está falando. Em um sentido figurado, a ênfase recai ao verbo, com base em que o sujeito, sintaticamente, é o elemento com o qual o verbo concorda; semanticamente, é o ser que realiza a ação e discursivamente, é sobre o qual se faz uma declaração.</p>
Intertextualidade	<p>Nas mudanças discursivas que ocorrem nos enunciados, o autor adota um estilo de distanciamento em relação aos seus ditos por meio da impessoalidade (indeterminação do sujeito gramatical). Suas afirmações escapam à autoria e dá vazão à coletivização.</p> <p>Em outras formações discursivas, o sujeito se posiciona em monitoração, vigilância (<i>Tenha a certeza de que nenhum manifestante do povo egípcio está destruindo ou saqueando nada. É o governo, a polícia e seus agentes.</i>)</p> <p>Os discursos direto e indireto formam a construção dialógica de maneira quase análoga.</p> <p>Da perspectiva representacional, a identidade social é construída tanto com o produtor do texto quanto com o reproduzidor da fala de um outro sujeito, atribuindo uma a si e outra para esse locutor. Como construção particular, estratégica e que denota o estilo do falante, traça-se um aspecto apreciativo dele (<i>Uma vez que o rumor se espalhou, milhares e milhares de egípcios fizeram correntes humanas em todo o museu para garantir que ninguém entrasse.</i>) A repetição do termo 'milhares' demonstra uma pressuposição de valor, em que o autor avalia positivamente a união da população em torno da proteção de uma instância pública.</p> <p>O texto apresenta uma alternância entre a generalização e o particular, quando o mesmo substantivo (rumor) vem marcado primeiro na forma do plural e na sequência do enunciado assume sua forma no singular (<i>Rumours spread / rumour was spread</i>).</p> <p>A representação dos atores sociais vem marcada no enunciado por 'governo', 'polícia' e "seus agentes" e ainda pelos 'manifestantes', relativizados mediante</p>

⁴⁸ FAIRCLOUGH, 2001

	<p>o uso do conectivo ‘de’ na sequência: <i>‘manifestante do povo egípcio’</i>, que marca a separação entre os manifestantes (quaisquer) dos manifestantes egípcios, posicionando os egípcios em grau superior. Note que ao descrever a atividade acional dos sujeitos, há uma associação hierárquica entre estratégia e tática, representantes e representados, quem manda e quem faz: <i>‘É o governo (1), a polícia (2) e seus agentes (3)’</i>. <i>‘Falem com os seus líderes (1), governos (2) e representantes (3)’</i>.</p> <p>A subordinação cumpre a função de estabelecer uma dependência da ação aos seus objetos, que vão complementar o sentido dessa ação, deslocando o foco do autor para outras vozes. Este mecanismo reproduz mudanças de vozes que podem ser notadas com o recurso argumentativo que alterna coordenação (A) e subordinação (2) num mesmo período.</p> <p>Uma outra sequência de orações subordinadas substantivas faz referência à representação de um outro ator social, vista no texto 6, cujo recurso argumentativo do autor apoia-se em um discurso indireto livre para relatar os enunciados do repórter da BBC ao invés de apresentá-los em sua própria voz (discurso direto) ou de informar o leitor de forma objetiva o que poderia ser ou teria dito (discurso indireto).</p> <p>Fica evidente o poder declarativo do enunciado em que o locutor dá voz indireta ao repórter e marca para si uma postura de neutralidade em relação à fala dele (<i>‘diz que viu’</i>, <i>‘diz que há’</i>), porém usa suas próprias palavras para declarar o dito do outro. Esteticamente, a tentativa de anulamento do sujeito/autor pelo sujeito/falante gera uma narrativa hesitante, percebida pela falta de contextualização (<i>‘Um repórter árabe da BBC, em Alexandria’</i> requer saber exatamente onde? exatamente quando?), e não fluida, com o uso do pronome relativo ‘que’ sugerindo manter as palavras e as frases da pessoa que detém a voz. Na sucessão de orações subordinadas substantivas, o efeito de sentido expressa um narrador que subordina a si a personagem. Outro elemento que reforça essa ligação é o fato de que as orações subordinadas substantivas assumem a função do sujeito, reafirmando a condição de sujeito/falante/autor.</p>
--	--

Quadro 13: análise da prática social = interpretação

ELEMENTOS DE ANÁLISE	SÍNTESE CONCLUSIVA
Matriz social do discurso	<p>O cenário contextual foi incisivo para promover a adesão de tantos membros aos textos produzidos na página digital que promoveu a campanha anti-Mubarak. A população há anos oprimida via um lampejo de liberdade e de retomada de seus direitos, incitados em textos significativamente marcados por motivações ideológicas de um autor que, a princípio de maneira indireta, se julgava parte dela. E se uniu a essas pessoas. Entender a história e fazer parte dela são duas considerações relevantes que atuam sobre a identidade do autor, porém a última legítima e dá força e credibilidade ao discurso dele. O recorte textual expõe apenas uma parte da extensa produção discursiva da campanha, iniciada meses antes das datas apontadas no <i>corpus</i> documental, porém credencia a investigação sobre a atuação da prática discursiva na prática social, de forma a concluir que as mudanças promovidas na estrutura social, contextualizada no tempo da revolução e espaço focalizado na Praça Tahrir, estavam em grande parte relacionadas ao discurso gerado nesse ambiente. Cronológica e sinergicamente, o dia a dia da revolução tomou amplitude física e virtual, e a população manifestante via-se representada nas vozes do discurso em pauta. Fato de importante relevância e favorável à imensa adesão dos membros da página digital à campanha e, conseqüentemente, à revolução.</p> <p>As visões de mundo historicamente representadas em gêneros, discursos e estilos, na ordem do discurso, não apresentam apenas a realidade, mas contribuíram para criar a realidade.</p> <p>O passado e o presente identificaram os atores sociais potencializados por um poder simbólico, constituído histórica e socialmente e constitutivo dessas identidade sociais, verbalizados no discurso cuja linguagem vem interconectada à prática social.</p> <p>De um passado em que algo foi interrompido, anulado, eliminado e do qual surge a imobilidade da ação represada, por imposição, pela ordem, pela privação, a um presente prestes a ‘<i>disparar</i>’; o ‘<i>iniciar</i>’ sendo reescrito, o ‘<i>levantar</i>’ das pessoas corajosas ‘<i>ainda que não possa parar</i>’ essas pessoas. Não há como invalidar a transformação da atitude dos manifestantes dada pela enunciação.</p>
Ordens do discurso	<p>A “palavra interdita”, um dos três grandes sistemas de exclusão da ordem do discurso de Foucault (1971), concedeu à comunidade discursiva a condição de estabelecer por si mesma procedimentos internos (inerentes ao próprio discurso) e uma unidade de práticas (social e discursiva) favorecidas por um léxico, uma gramática e uma estrutura textual que propiciaram a adesão e o compartilhamento dos textos por seus membros.</p> <p>Os objetivos primeiros de socialização e solidariedade da comunidade social (e virtual) promoveram o estatuto de um conjunto de membros com relacionamento interpessoal e afetivo, que de modo organizado e por meio do canal de comunicação digital fez-se a produção, distribuição e o consumo informacional, inserindo-se assim na ordem do discurso.</p> <p>Por esse canal, os atores sociais puderam manifestar o pensar de forma democrática, partilhar seus valores, compartilhar seus objetivos na comunidade e realizar práticas sociais, desenvolvendo objetos textuais de interesse do grupo, que se efetivam em gêneros que constituem e mantêm a comunidade sob um sistema de “autoalimentação”, assumindo assim o regime de comunidade discursiva.</p>

Efeitos ideológicos; Efeitos de sentidos	<p>A noção da polaridade, expressa por ordem do certo e errado, do passado e presente, da repressão e liberdade, vingou com a atitude da inversão de papéis: PESSOAS>SISTEMA>PESSOAS. O significado mudou de posição e mudou as posições. O poder mudou de mãos. A insegurança pública, na inversão das coisas, diligenciou então que o privado assumisse o papel do público.</p> <p>‘Alguém’ no Cairo redimensionou a praça, instaurando-se uma micro-organização das instituições públicas, assumidas e identificadas pela população.</p> <p>A proteção ressurgiu na ação do ‘cuidar’, com uma relação resolutiva positiva: <i>‘bem uns dos outros’</i>, com função determinante e categórica.</p>
---	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um discurso é um modo particular de construir um assunto. Assim surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa. Da proliferação que alguns assuntos tomam nas redes sociais, muitos construídos em páginas de relacionamento digital, assumindo proporções cujo comportamento de instantaneidade temporal e espacialmente dimensionado não se pode considerar no ambiente físico, ao fato revolucionário de transformação que o assunto é capaz de promover, há um vácuo proficiente de estudo e investigação. Entender como a trama se move, engaja, promove e revoluciona; como é produzida, distribuída e consumida; como é criada (inserindo aqui o caráter criativo), recriada, reproduzida e interpretada são elementos que materializam esse vácuo.

Não se trata somente de relacionar o assunto à perspectiva do prazer comunicacional, como aquele que surge nas rodas de conversa com os amigos, mas de trazer à luz a sua capacidade de mudar o conhecimento das pessoas sobre as coisas do mundo. É sobre esse caráter inerente à linguagem que esta pesquisa se debruçou. É sobre a perspectiva sociocognitiva de produção e interpretação textual, que está além do argumento, mas se constrói nele e se constitui dele que fundamentou a concepção deste estudo. O assunto, visto como prática discursiva, insere-se na vida das pessoas (estrutura social) e nasce dela, em suas práticas sociais.

A Teoria Social do Discurso, vertente da Análise de Discurso Crítica, foi desenvolvida por Norman Fairclough com o intuito de modelar uma possibilidade de desenvolver estudos como o proposto aqui, de investigar multidimensionalmente, multifuncionalmente e historicamente as relações do discurso com a prática social, em que as propriedades particularizadas de textos estão associadas às propriedades sociais de eventos discursivos. Postas em analogia, essas propriedades – historicamente orientadas – contribuem à mudança

do conhecimento, das relações e das identidades sociais (o mundo físico) e afetam a estrutura social, um fenômeno promovido por processos de articulação linguística na construção discursiva, que constituem dimensões de sentidos provenientes das significações (construções da realidade). Assim, o uso dos recursos da linguagem articulados de forma a gerar sentido contribuem à produção, reprodução ou transformação das relações na estrutura social, uma forma simbólica de dominação e poder que Fairclough entende como ideologia (2001: 117). Naturalizada ao senso comum, essa forma de dominação posiciona a palavra como arma:

Alguns textos conduzem a guerras ou à destruição de armas nucleares; outros levam as pessoas a perder o emprego ou a obtê-lo; outros ainda modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas. (FAIRCLOUGH, 2001).

Da teoria à prática, um conjunto textual demarcou esse processo de produção, reprodução e transformação e levou à queda de um regime autoritário, promovida por uma impressionante adesão de pessoas aquiescentes a esse construto textual e engajadas por significativas motivações. Nascido para publicar os fatos relativos à morte do jovem Khaled Said, o conjunto textual definiu a campanha egípcia anti-Mubarak, que culminou em sua saída do governo. É nesse ínterim, do nascedouro ao derrube, que espelha uma estratégia de escolhas representacionais, identificacionais e acionais do idealizador da página e autor dos textos, Wael Ghonim, cuja investigação do modo construtivo deu corpo à análise.

A página **We Are All Khaled Said** organizou a agremiação de membros de uma rede social virtual de relacionamento, desenvolvida no site Facebook, sob um processo social de trocas hegemonicamente estabelecidas pelo comum interesse desses membros ou dessa comunidade virtual, e nesse ambiente digital fez circular práticas sociais e discursivas.

Simbolicamente, a dinâmica que fundamenta a hegemonia, o consentimento, vem informalmente representado na atitude do ‘curtir’ (o botão *like* do Facebook), um sinal de que o participante compreende os princípios do grupo como estrutura social e compartilha deles, constituindo elementos que são culturalmente aceitos e estão de acordo com suas crenças e valores, estabelecendo uma noção de realidade, de coexistência e coesão social e cujo comportamento credencia seu envolvimento no grupo, dá a ele a sensação de pertencimento e consequentemente instauram-se os laços sociais.

A alta afinidade estabelecida pelos laços afetivos e que caracterizou a expressiva adesão dos membros à campanha reafirma a identificação dos membros à página, e ao construto discursivo, como modo de identificação de si mesmos. Metaforicamente, a página deu voz à comunidade, a página era a sua voz.

No intermeio, voz e texto misturados configuravam um gênero de discurso constituído por diversas vozes de sujeitos, que alternavam seus papéis de emissor e receptor da mensagem e entravam na ordem do discurso, modo como os diferentes sujeitos e suas variedades discursivas foram postas juntas na rede e comporam enunciados potencializados na expressividade definida por um estilo marcado por escolhas lexicais, gramaticais e semânticas do autor/escritor/falante. Um estilo que liga os participantes do discurso a certos tipos de enunciação e não a outros, e os liga entre si e os diferencia.

Quanto aos aspectos analisados sob à abordagem metodológica da TSD, pode-se examinar a articulação dos recursos de linguagem – provenientes dessas escolhas – e seus efeitos de sentido e compreender o seu papel na transformação social que motivou, mobilizou e legitimou a Revolução Egípcia de 2011, um evento social do movimento popular Primavera Árabe. Desta forma, a par das sínteses conclusivas da análise, depreende-se que os efeitos de sentido provenientes dos textos escritos produzidos de modo particular e construídos de modo criativo pelo autor da página **We Are All Khaled Said**, em um ambiente digital, foram favoráveis ao movimento de engajamento dos membros dessa comunidade virtual, na medida em que se considera a historicidade e o contexto situacional como princípio regulador da geração de sentidos, ou seja, na medida em que o evento social (acontecimento) seguia em consonância com o evento discursivo (construção textual). A sequência de fatos (série) apoiando a unificação (unidade). A contingência da circunstância como condição de possibilidade e significação.

Ao mapear a organização dos enunciados escolhidos ao *corpus* de análise, estritamente se quis investigar o “como” foi dito mais do que “o que” foi dito pela identidade discursiva, através de mecanismos textuais de construção de sentido, realizados em traços semânticos (relações semânticas), gramaticais e lexicais (vocabulário).

Resgata-se aqui o modo alegado como fenômeno inerente ao sujeito que, subjetivamente, se põe como referência (pessoal, temporal e espacial) e age ao dizer por si e por seu coenunciador, manifestando-se – escrita ou oralmente – nos mais variados contextos. Ao modo de ‘como foi dito’, alude-se ao sujeito o controle tópico e interacional, a estrutura de troca, a intertextualidade, a coerência e a coesão da administração da agência, a modalidade, a polidez (força). A todos esses elementos analíticos foram dadas respostas que satisfazem à problemática apontada no início deste projeto.

A construção de sentido, capaz de agir e transformar o comportamento do receptor, em grande parte deve ao sistema semiótico e aos recursos linguísticos, mas vai além deles, pois

considera o imbricamento de saberes e conhecimento formado na interação dos sujeitos sociais. No âmbito da comunicação, o texto se forma nas interações entre os sujeitos, e deles com o mundo, e é delas que emergem os sentidos.

No âmbito da comunicação mediada por computador, a interação entre os sujeitos se dá eminentemente de modo subjetivo, já que não há contato físico entre os participantes. Assim, ela corre mais fluida, descomprometida com a formalidade e evidenciando um novo gênero. A Internet reascendeu a cultura escrita, favorecida pela possibilidade de compor e recompor o texto editado, mas dela emergiu um estilo que permeia a oralidade e assinala um comportamento entre os participantes muito próximo às rodas de conversa entre amigos. A não-presença física dos participantes comunicativos elimina uma provável inibição, favorece a multiplicação dos ‘eus’ e desenvolve identidades fluidas e plurais. Um aspecto facilitador importante a ser considerado no que diz respeito ao processo de engajamento é o sincronismo na interação entre escritor/leitor e seu cunho de instantaneidade, que demarca uma interconectividade potencialmente binária: quem escreve espera uma reação à escrita; quem lê deseja reagir. Assim, os sujeitos digitais produzem sentido e há uma disputa pelos sentidos em torno dos acontecimentos.

Outro fator importante é que, embora toda essa pluralidade identitária possa estar conectada em diferentes espaços e ao mesmo tempo, no mesmo momento, o meio digital é caracterizado por formar “metrópoles comunicacionais” (CANEVACCI, 2009), caracterizadas pela participação dos jovens, que são culturalmente pluralizados, mas fragmentados.

Dessas metrópoles a um país inteiro, os jovens foram decisivos no movimento revolucionário iniciado na Internet e esparramado por todo o Egito. A Praça Tahrir mudou totalmente o Egito. Os jovens não foram silenciados. O sonho de que todo o Egito fosse como a praça Tahrir teve seu começo em uma página digital e, em dado tempo e espaço, tornou-se uma realidade. Um desejo que não dizia respeito apenas à renúncia de Mubarak, mas em estabelecer uma sociedade egípcia verdadeiramente justa, democrática e livre. Em Tahrir, eram todos iguais; eram reflexos uns dos outros. Viam-se amando uns aos outros sem perceber Um sentimento compartilhado, que uniu as diferenças. Juntos, tinham a convicção de ser ali uma sociedade, organizada de acordo com seus ideais, com respeito, justiça e dignidade.

A Primavera Árabe caracterizou-se por uma comum ‘unidade’, por uma prática de partilha, prática da coexistência das diferenças; do real e o imaginário; da multidão e o

singular; do coletivo e o indivíduo; da impessoalidade à personalidade, do contrato à liberdade, do cosmopolita ao urbano, do particular e o comum; do público e o privado. Um estreitamento qualitativo que em tempos como os atuais incorpora o viver seguros e confiantes.

A Primavera Árabe sinestesticamente transpôs o espaço digital, o Cyberespaço. O cheiro da primavera, o dia do Sham el-Nessim, invadiu a Praça Tahrir. Assim afirmou quem lá esteve: “Posso sentir o cheiro da liberdade, finalmente. Posso sentir seu cheiro no ar.” (COELHO, 2011: 40).

Particularmente, penso que há uma energia positiva na interatividade e nos modos de conhecimento advindos dessa interatividade. Algo próximo a um metassistema que organiza uma população de indivíduos em um único organismo e dele se quantifica o seu estado emocional. Uma entidade única definida pela soma de suas partes. A linguagem transforma-se no instrumento pelo qual esse organismo modela seus pensamentos, emoções, sentimentos, desejos, esforços e atos. Pela linguagem, o indivíduo influencia e é influenciado, como base última e mais profunda da sociedade.

Do resultado desta pesquisa abrem-se espaços a novas investigações. Curiosamente, a Revolução do Egito de 2011 fez parte de um evento maior, a Primavera Árabe, que ficou conhecida pela similaridade motivacional dos movimentos populares de rua. No entanto, alguns não foram bem-sucedidos. Por que o sentimento libertário não contagiou outras comunidades a ponto de propiciar às manifestações uma adesão popular massiva? Apreendida pelo viés da densidade, uma proposição seria por faltar a elas o que sobrou no Egito: a força eminentemente coletiva do desejo de ser livre.

BIBLIOGRAFIA

ALPERT, J.; O'NEILL, M.; SOOHEN, J. (2012) (Dir.). *18 Days of Egypt's Unfinished Revolution*. HBO Documentary Films.

ARANHA, S. (1996). *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____. (2009). *Projeto Teletandem Brasil: algumas questões sobre comunidades discursivas*. Unesp. Página acessada em: 21/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF4gCz.pdf>

ARAÚJO, J. P. (2003). *Caracterização do cibergênero home page corporativa ou institucional*. Linguagem em Estudo. Tubarão: Editora UNISUL.

ARCHELA, R. S. (2010). *Cartografia do Oriente Médio*. Portal da Cartografia, Londrina v. 3 nº 1. Página acessada em: 13/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF6HFd>.

ARMSTRONG, K. (2001). *Islã*. RJ: Objetiva.

BAKHTIN, M. M. (1999) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. SP: Editora Hucitec.

_____. (1992) *Estética da criação verbal*. SP: Martins Fontes.

_____. (1992b). *Gêneros do discurso*. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BARBOSA, S. (2007) (org.). *Jornalismo digital de terceira geração*. Universidade da Beira Interior.

BARROS, D. L. P. (1988) *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. SP: Atual.

BAYAT, A. (2010). *Life as politics – how ordinary people change the Middle East*. Amsterdam: Amsterdam University Press

BEAS, D. (2011). *A rua conectada com a rede*. Jornal O Globo: 12 de fevereiro.

BENVENISTE, E. (1989). *Semiologia da língua: O aparelho formal da enunciação*. IN: Problemas de linguística geral II. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (1991). *Natureza do signo linguístico. A natureza dos pronomes: da subjetividade da linguagem*. In: *Problemas da linguística geral I*. Campinas: Pontes/Unicamp, pp. 53-59.

BHABHA, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

BLAKE, W. (2011). *Canções da Inocência e da Experiência*. Página acessada em 13/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF7AxC>.

BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (2000). *Critical Discourse Analysis*. Annual Reviews Anthropology.

BRAIT, B. (1997). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____. (org.) (2008). *Bakhtin - Conceitos-chave*. SP: Contexto.

BRANDÃO, H. H. N. (1998). *Introdução à análise do Discurso*. Campinas – SP: Editora da Unicamp.

_____. (2005). *Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas*. Texto apresentado no III Seminário da Análise do Discurso, Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA outubro/2005.

BHASKAR, R.; COLLIER, A.; LAWSON, T.; NORRIE, A. (1998). *Critical realism: essential readings*. London: New York: Routledge, pp. 16-47.

BRÉAL, M. (1992). *Ensaio de semântica: ciências das significações*. SP: Educ.

BRITO, L. A. N. (2011). *Discurso, leitura e produção textual: uma análise discursiva da escrita de pré-universitários*. Tese de doutorado FFLCH USP.

BUCCI, E. (2005). *O espetáculo e a mercadoria como signo*. In: NOVAES, A. (org.). *Muito além do espetáculo*. SP: Senac.

CANAVILHAS, J. (2012) *Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Página acessada em 20 de junho de 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1rMsw05.pdf>

CANAGARAJAH, A. S. (2005). *Critical Academic Writing and Multilingual Students*. The University of Michigan Press

CANEVACCI, M. A (2009). *Comunicação entre corpos e metrópoles*. Revista Signos do Consumo – V. 1, N. 1. P. 8-20

CARONE, F. B. (1994). *Morfossintaxe*. SP: Ática.

CAVALCANTE, M. S. A. O. (2009). *Análise do discurso – Fundamentos e Prática*. Maceió: Edufal.

CEGALLA, D. P. (1978). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. SP: Ed. Nacional.

CERTEAU, M. (2000). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

CHARAUDEAU, P. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. SP: Contexto.

CHARTIER, R. (2002): *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP.

- COELHO, A. L. (2011). *Tahrir: os dias da revolução no Egito*. RJ: Língua Geral.
- COURE, A. L. (2007). *Quimeras discursivas do Presidente Lula: ambivalência em gêneros discursivos*. Tese de mestrado. Campinas, Unicamp/IEL.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. RJ: Nova Fronteira.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1992). *O que é a filosofia*. São Paulo: Ed. 34.
- DEMANT, P. (2004). *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (2006). *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. e col. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- DIJK, T. A. V. (2008). *Discurso e poder*. SP: Contexto.
- DOOLEY, R. A.; LEVINSOHN, R. J. (2004). *Análise do discurso*. J White: Vozes.
- DORNELES, C. (2003). *Deus é inocente a imprensa, não*. SP: Globo.
- DUTRA, K. (2013). *Primavera Árabe*. Editora Moderna. 16/01/2013. Página acessada em 21/02/2013. Disponível em: <http://bit.ly/1mF37ej>
- EIDELWEIN, K.; MARASCHIN, C. (2000). *Encontros Presenciais & Virtuais: Espaços de Construção de Coletivos Inteligentes. Informática na Educação: Teoria & Prática*. Porto Alegre: Pós-Graduação em Informática na Educação/UFRGS, v.3, n.1, pp. 151-160.
- _____. (2001). *Ciberidéias - Construindo Modos de Conhecer-Trabalhar*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.
- ERICKSON, T. (1997). *Social Interaction on the Net: Virtual Community as participatory Genre*. Publicado em: *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. Maui Hawaii , Vol. VI, pp. 13-21.
- _____. (2000). *Making Sense of Computer-mediated Communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies*. In: *the Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science*. Página acessada em: 16/01/2013. Disponível em: <http://bit.ly/1rMuWDd>
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and power*. London: Longman.
- _____. (1995). *Critical discourse analysis: papers in the critical study of language*. New York: Longman.
- _____. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB - Universidade de Brasília.
- _____. (2002). *Language in New Capitalism*. In: *Discourse and Society*. Vol. 13, nº 2, 03.2002, pp. 163-166.

_____. (2003a). *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge. 2003a.

_____. (2003b). *El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales*. In: Wodak, R. & Meyer, M. (Comp.) *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa.

FIORIN, J. L. (1990). *Elementos de análise do discurso*. SP: Contexto – Edusp.

FONSECA, R. S. (2011). *A construção de sentidos no texto escrito: um estudo das estratégias textual-discursivas na crônica de Lya Luft*. Cadernos de Letras UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo nº 42, p. 109-131. Página acessada em 25 de Maio de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF8kCE>

FONTENELLE, P. (2004). *Iraque: a guerra pelas mentes*. SP: Sapienza.

FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 10ª edição. SP: Edições Loyola.

_____. (1997). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2006). *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOWLER, R. (1991). *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. USA: Routledge.

GALSTER, S. (1990). *Afghanistan: the making of US Policy*. Washington: The National Security Archive.

GERALDI, J. W. A (2003). *diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética*. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; Kramer, S. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. SP: Cortez.

GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. (2001). *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas*. São Paulo: Unesp.

_____. (1987). *Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura*. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, pp. 281-392.

_____.; BECK, U.; LASH, S. (1997). (orgs.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

_____. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GRAMSCI, A. (1995). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo de designação*. Campinas – SP: Fontes.
- HALL, S. (2006). *Cultura na pós-modernidade*. RJ: DP&A.
- HALLIDAY, M.A.K. (2004). *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Edward Arnold.
- HARDT, M.; NEGRI, A. (2000). *Empire*. Cambridge, Massachusetts London: Harvard University Press.
- HAUAY, A. B. (1983). *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. SP: Ed. Ática.
- HERSCOVITZ, H. G. (2007). *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: LAGO, C.; BENETTI, M. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes.
- HJELMSLEV, L. (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução: J. Teixeira Coelho Netto. SP: Perspectiva.
- HODGSON, R.; RACHMAN, S. (1974). *Desynchrony in measures of fear*. Behavior Research & Therapy.
- HOURLANI, Albert. (1991). *Uma história dos povos árabes*. SP: Cia. Das Letras.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. (2004). *Semântica*. SP: Editora Ática.
- INFANTE, U. (1995). *Curso de gramática aplicada aos textos*. SP: Scipione.
- JESPERSEN, O. (1975). *La filosofía de la gramática*. Barcelona: Anagrama.
- JUNGBLUT, A. L. (2004). *A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço*. Horizontes Antropológicos, vol. 10, nº 21. Porto Alegre. Página acessada em 15 de Março de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1pjLalB>.
- KIRKPATRICK, D. (2011). *O efeito Facebook*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- KOCH, I. (2005). *O texto e a construção de sentido*. 2. ed., São Paulo: Cortez.
- LANE, E. W. (1871). *Account of the manners and customs of the modern Egyptians*. London: John Murray, Albemarle Street. Página acessada em 02/03/2013. Disponível em: <http://bit.ly/1mEXcpn>.
- _____. (1908). *Manners and Customs of the Modern Egyptians*. NY: London, J. M. Página acessada em 19/04/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mFderv>.
- JONSSON, E. (1997). *Electronic Discourse. On Speech and Writing on the Internet*. Lulea University of Technology. Department of Communication and Languages. Página acessada em: 03/03/2013. Disponível em: <http://bit.ly/1mEXOLH>

LANE, E. W. (1908). *The manners and Customs of the Modern Egyptians*. Página acessada em: 26/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mFderv>.

LE MOS, C. (1999). *A função e o destino da palavra alheia*. In: BARROS, D. P.;

FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. SP: Edusp.

LÉVY, P. (1993). *As Tecnologias da Inteligência, o Futuro do Pensamento na Era da Informática*. RJ: Editora 34.

_____. (1996). *O que é virtual?* SP: Editora 34.

_____. (1999). *Cibercultura*. SP: Editora 34.

_____. (2007). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. SP: Loyola.

LEWIS, B. (1996). *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. RJ: Jorge Zahar Editor.

_____. (2002). *O que deu errado no Oriente Médio?* RJ: Jorge Zahar.

MAINGUENEAU, D. (2005). *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições.

MARCUSCHI, L. A. (2000). *Hipertexto: definições e visões. Comunicação apresentada no I Seminário sobre Hipertexto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

_____. (2002). *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio. Página acessada em: 03/03/2013. Disponível em: www.progesp.ufba.br.

_____.; XAVIER, A. C. (2012). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez.

MCCLEARY, L. E. (1982). *Transitivity and Grounding in a Portuguese Narrative Text*. University of California, Los Angeles. Página acessada em: 05/07/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mFcNFs>.

MORIMOTO, C. E. (2014). *Dicionário de termos técnicos de informática*. Página acessada em 20 de Junho de 2014. E-book disponível em: <http://bit.ly/1ppfpgrg>.

MELO, C. T. V. (2012). *A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da internet*. In: MARCUSCHI, L. A. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez.

MIELNICZUK, L. (2003). *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato notícia na escrita hipertextual*. Tese de doutorado. Facom/UFBA.

- MIOTELLO, V. (2007). (org). *Lago dos signos: identidade, discurso, memória*. São Carlos: Pedro e João Editores.
- MORAES, R. S. (2012). *O discurso sobre o muçulmano na imprensa brasileira: o caso da Revista Veja*. Tese de Mestrado. SP: USP.
- MORIN, E. (1997). *Cultura de massas no século XX: neurose*. V.1. RJ: Forense.
- MOSCOVICI, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- NIETZSCH, F. (2005). *A genealogia da moral*. SP: Escala.
- NELSON, T. (1992). *Opening hypertext: a memoir*. In: TUMAN, M. C. (org.). *Literacy online*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- NEVES, M. H. M. (1997). *A gramática funcional*. SP: Martins Fontes.
- NOUJAIM, J. (2013). *The Square*. Noujaim Films Documentary.
- OLIVEIRA, F. C. (2006). *De objetos a sujeitos: sentidos para os caminhos do humano do homem*. In: MIOTELLO V. et al. *Veredas bakhtinianas: de objetos a sujeitos*. São Carlos: São Pedro & João Editores.
- OLIVEIRA, A. C.; SANTAELLA, L. (1987). (orgs.). *Semiótica da literatura*. SP: Educ.
- ORLANDI, E. P. (2007). *Análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, E. C. (2000). (orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- PINTO, C. R. B. (2009). *Uma análise do discurso de "O Estado de S. Paulo" de 1942 a 1948*. Dissertação de mestrado. FFLCH USP.
- RAJAGOPALAN, K. (2003). *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. SP: Parábola Editorial.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica*. Campinas, SP: Pontes Editores.
- RANCIÈRE, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34.
- RHEINGOLD, H. (1987). *Virtual communities: exchanging ideas through computer bulletin boards*. UC Berkeley, Stanford.
- RESENDE, F. (2011). *(Est)ética da praça: rua, mídia e partilha*. USRGS. Página acessada em: 14/06/2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF91w2>.
- _____. ; PAES, A. (2011b). *The Arab conflicts and the media discourse: a Brazilian perspective*. In: *Global Media and Communication Journal*. London: Sage, vol.7, nº 3, pp. 215-219.

_____. (2008). *Espaços parciais, espaços de resistência: relatos e conflito no cenário contemporâneo*. In: GOMES; MARGATO (orgs.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: UFMG.

_____. (2012). *Para um jornalismo de fricção: a delicadeza de não ter o que dizer*. In: SOARES, R; RODRIGUES, M. *Profissão Repórter em diálogo*. São Paulo: Alameda. pp. 58-63.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. (2011). *Análise de discurso crítica*. SP: Contexto.

RHEINGOLD, H. (1996). *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva.

ROCHA, E. (1995). *Sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo*. SP: Mauad

ROCHA LIMA, C. H. (1996). *Gramática normativa da língua portuguesa*. RJ: José Olympio.

SAIB, A. A. (2008). *A rotulação no discurso: uma estratégia sociocognitivo-interacional no fazer textual*. Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado em Linguística.

SAID ALI, M (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. SP: Melhoramentos.

SAID, E. W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. SP: Cia. Das Letras.

_____.; COUTO, J. G. (2004). *Fora do lugar*. SP: Cia. Das Letras.

SALGADO, J. L. (2012). *Advérbios modalizadores discursivos, advérbios de comentário avaliativos ou palavras modais? Um estudo comparativo das descrições gramaticais do item lexical advérbio em português e alemão*. Pandaemonium ger. vol.15 no.19 São Paulo. Página acessada em: 19 de abril de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1mF9GgX>.

SCATERCIO, M. (2003). *Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver*. RJ: Campos.

SCHLEMMER, E.; CARVALHO, J. O. F. (2005). *Gestão de um consórcio para educação à distância organizado na forma de comunidade virtual de aprendizagem*. Revista Digital da CVA – Ricesu, Vol 3, nº 10. Página acessada em 25 de Julho de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1keVpHD>.

SETTI, A. C. R. (1997). *A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil*. Curitiba. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Paraná. Página acessada em: 04/07/2014. Disponível em <http://bit.ly/1mFcqe6>.

SWALES, J. M. (1990). *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge University Press.

_____. (2004). *Research Genres*, CUP, Cambridge, 2004.

TESNIÈRE, L. (1994). *Elementos de sintaxis estructural*. Madri: Editorial Gredos.

VIANA, N. (2011). *A internet e as rebeliões populares no mundo árabe*. Página acessada em: 13/02/2012. Disponível em: <http://bit.ly/1mF2hy6> internet-e-as-rebelioes-populares-no.html

YATES, S. J. (2000). *Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter?* In: BARTON, D.; HALL, N. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 233-251.

ZAYAN, J. (2011). *Egypt braces for nationwide protests*. Página visitada em 02/03/2013. Disponível em: <http://bit.ly/1ppf9bJ>.

ANEXO

ANEXO A – Reprodução impressa das páginas do site de rede social Facebook, que contém o conteúdo discursivo da campanha **We Are All Khaled Said** relativo ao período entre 25 e 31 de Janeiro de 2011, do qual foi extraído o *corpus* documental deste projeto.

(1) We are all Khaled Said

janeiro de 2011

And while we are waiting...

I can't stop myself from laughing: A High rank official of the ruling National unDemocratic Party (NDP) just came on Egypt's National TV and started attacking the government (all made of NDP members!) & his own NDP party calling their failures & corrupt & out of touch with people who made NDP a joke of the whole world!!!!

Why did he join and why did he stay in it for 30 years?

Curtir · Comentar · Compartilhar

7836

We are all Khaled Said
28 de janeiro de 2011

Can I ask you if Obama's spokesperson name is "Monitoring the situation"? He repeated this word more than 6 times in 4 minutes. He used very general and vague words.

On the other hand, where is the Egyptian governmetn? The US govt talked 4 times about Egypt today and No one of the whole Egyptian government made a single announcement. Are they all packing and leaving?

Curtir · Comentar · Compartilhar

122108

We are all Khaled Said compartilhou o vídeo de Mohamed Ibrahim Elmasry.
28 de janeiro de 2011

Got a small gift for you: The first ever video of today's protests. This is how the Egyptians marched against tyranny today!

The slogan was: People. Want. Fall. Regime (in Arabic).

28 de janeiro de 2011 11:07
Police retreat on same bridge. 1000s of demonstrators on their way to Lib square. 3pm

(1) We are all Khaled Said

20/01/13 20:09

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

Numerous reports from people on the ground confirmed that the situation now is the Egyptian Police (Amn Markazy) along with the usual plain cloths government-thugs/convicts are looting and stealing cars and making as much destruction as they can. So there plan is to cause as much chaos & destruction as possible, stick it to the millions of protesters & use this as an excuse to attack them

Curtir · Comentar · Compartilhar 88 41

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

2 hours ago, I heard from someone in Tahreer square that she is sitting on army vehicle chatting with 2 soldiers. I have no idea what happened since then but looks like the police is back on the street and started firing live ammunition.

Curtir · Comentar · Compartilhar 53 121

We are all Khaled Said compartilhou um link.
29 de janeiro de 2011

I never tasted Freedom & Democracy before in my whole life. Most young protesters out on the streets never did. One day, very soon I hope, we will. Your support is vital to bring this day forward. Plz consider joining a protest near you to support Egyptians uprizing. There are protests almost in every single country in the world.

I'll leave you enjoy this video. Can't stop watching it. Can we have more of these plz?

Egyptian Revolution Jan 25th 2011 – Take what's Yours!
Credits to Tamer Shaaban who made this video Important message to youtube and people who flag this video : If it gets flagged or removed ,

Curtir · Comentar · Compartilhar 240 61

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

It's funny. An activists just said that many poor people never dreamt they can be equal to a policeman. When they saw others standing up to police, they just joined in instantly.

Curtir · Comentar · Compartilhar 168 23

We are all Khaled Said
28 de janeiro de 2011

Let me give u some facts & u give me ur input plz: Mubarak switched off Internet, so everyone went to street to see what happens & ended up joining. Even Foreigners in Egypt are joining us. Mubarak angered ppl more by not resigning & calling protesters evil. Mubarak & police can't be any more brutal than today.Impossible. They were savages today. So where are we going?

TEXTO 2

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

Please rest assured that NO protesters of the Egyptian people is destroying or looting anything. It's the government, police & their agents. Please help in anyway. Speak to your Leaders, government & Representatives. Protest peacefully in every country. Egyptians are being slaughtered by the dictatorship.

Never thought they were that evil. I now have more determination for the regime to fall.

Curtir · Comentar · Compartilhar 348 354

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

Tahreer square. Cairo is on fire. burnt army vehicles in Tahreer square and several buildings are on fire.

Curtir · Comentar · Compartilhar 43 34

We are all Khaled Said compartilhou um link.
29 de janeiro de 2011

BBC Journalist arrested, beaten & electrocuted by Egyptian police today. Please watch the video and share. He says: "Police are very very violent today". If that's what they do to international journalists, what would they have done to Egyptian protesters?

BBC journalist beaten by Egyptian police
www.bbc.co.uk
A BBC journalist was beaten and arrested during riots in the Egyptian capital.

Curtir · Comentar · Compartilhar 129 54

We are all Khaled Said
29 de janeiro de 2011

Just got an update from an activist in Central Cairo, Tahreer (Liberation) square. NO One is going home. All protesters spending night there until morning. Army are literally shouting slogans with protesters and waving Victory signs.

Curtir · Comentar · Compartilhar 248 34

We are all Khaled Said compartilhou um link.
28 de janeiro de 2011

Photos & videos of Egypt protests all confirm that the uprizing is done by the people: Average Egyptians from all backgrounds, men & women, young & old, all religions & no one political party or group would dare to claim that they started it or owns it. Personally, I've never ever joined a group or political party, etc & probably will never do. Never even voted before as all elections are rigged anyway

Freedom Egypt.m4v
For our brothers and sisters in Egypt. The winds of change are blowing- all Egyptians- Christians, Muslims, Everyone.....are together as one. There is nothing left other than change. There is no alternative to Freedom. Rise up Egypt...the people of the world are with you as you take back your countr

Page 187 of 264

(1) We are all Khaled Said

TEXTO 4

20/01/13 20:09

Funny comment from someone in Cairo: I don't know why did we have police in the 1st place. We seem to be taking good care of each other, organizing traffic, cleaning streets & everything else without the need to have Egyptian police.

Curtir · Comentar · Compartilhar

393 59

393 pessoas curtiram isto.

visualizar comentários anteriores

30 de 39

- **Adam Groszkiewicz** @ Sheri Wander: Ditto. I just shared this...its very inspiring.
30 de janeiro de 2011 às 15:50 · Curtir · 3
- **Tatsuya Ito** I do follow you. Do not remember.
30 de janeiro de 2011 às 15:51 · Curtir
- **Dan Ficklin** Thats what this entire revolution has proven. Who needs the bosses?
30 de janeiro de 2011 às 15:51 · Curtir · 5
- **Steffen Peske** People dont need a government or a police and can take care of their own business! Shock! Cats and dogs living together! Masshysteria!
30 de janeiro de 2011 às 15:51 · Curtir · 4
- **Khansa' Zulkiflee** Egyptian police should protect the tax payers, instead of dictators.
30 de janeiro de 2011 às 15:52 · Curtir · 6
- **Adrienne Pacheco** My friend reports no police in Alexandria, the residents are the police protecting their homes, families and neighborhoods. The streets are peaceful filled with people and the army is present but no fighting.
30 de janeiro de 2011 às 15:52 · Curtir · 8
- **Samer Helmy** True testament to how bad the police were doing their original job, and how focused they were on protecting regime figures and tracking opposition figures.
30 de janeiro de 2011 às 15:52 · Curtir · 5
- **Haziq Syakir** police sucks! same like here in Malaysia..
30 de janeiro de 2011 às 15:56 · Curtir · 2
- **Walid Siam** looooooool It's true they have always been useless, el moroor zibalah!
30 de janeiro de 2011 às 15:56 · Curtir · 2
- **Frank Mc Carron** but the problem is when would the novelty wear off
30 de janeiro de 2011 às 15:57 · Curtir
- **Bob Rutledge** The apparent source of this comment: <http://twitter.com/#!/monasosh/status/31766566227939328>
30 de janeiro de 2011 às 15:58 · Curtir
- **Sarah Asali** is that true Mubarak leaft Egypt ?
30 de janeiro de 2011 às 15:58 · Curtir
- **Hussein Kotb** YES TRUE
But we will need an honest security forces that will protect us later on when we restart our daily work and rebuilding this great country
30 de janeiro de 2011 às 15:58 · Curtir · 2
- **Nav G Ruff** You had a police to protect the government..
30 de janeiro de 2011 às 15:59 · Curtir · 1
- **Ayreen Veronica Rangel** police sucks EVEN HERE IN VENEZUELA. IS IN THE WHOLE WORLD
30 de janeiro de 2011 às 15:59 · Curtir · 1
- **Mona Ahmed Seif** Source on twitter for this comment : <http://twitter.com/#!/monasosh/status/31766566227939328>
30 de janeiro de 2011 às 15:59 · Curtir
- **Ann Murphy** This is what happens when people are allowed to be their own power and take care of themselves!!!
30 de janeiro de 2011 às 16:01 · Curtir · 6
- **Denise Sharpe** LOL. Great that people keep their sense of humor even in such trying times. We're strapped in here for another round of protests. Go Egyptian people!
30 de janeiro de 2011 às 16:03 · Curtir · 2
- **Michael Ulrich** Interesting because here in the U.S., all the newspapers and TV are saying that there is widespread looting and chaos...
- <http://www.latimes.com/news/nationworld/world/la-fg-egypt-unrest-20110131,0,3864461.story>
- http://www.nytimes.com/2011/01/31/world/middleeast/31-egypt.html?_r=1&hp

30 de janeiro de 2011 às 16:21 · Curtir · 4

Peter Kromand Fight !! We see you in island Bornholm Denmark.

30 de janeiro de 2011 às 16:24 · Curtir · 2

Crixus Fresco Once they have made safe their frontier they should abolish the pound, nationalise the banks and issue a new one. And NEVER accept aid from the very rich unless it is given freely and is of a real need. Then we'll see how far democracy can spread

30 de janeiro de 2011 às 16:25 · Curtir · 3

Marwen Yahyaoui @Andrew Broussararite So that s the democracy and freedom of speech you want for Egypt?? Deleting me for expressing my opinion?

You're disgusting.
30 de janeiro de 2011 às 16:26 · Curtir

Samira Hussein Steffen Peske:you're so right ,allow me to post it on my profile
of course the people.allways have.allways will.the idea of a president IS actually to represent the people...

30 de janeiro de 2011 às 16:26 · Curtir · 1

Gabor Mihucz @Marwen Hate speech is disgusting.

30 de janeiro de 2011 às 16:28 · Curtir · 2

Robert Vinten @Andrew. As I understand it Marwen was only complaining about the American government's foreign policy and Israel's brutal expansionist policies. It was neither anti-semitic, nor anti-AmericanS. He has every right to complain about both. American influence has had a terrible effect on North Africa and the middle east.

30 de janeiro de 2011 às 16:29 · Curtir · 1

Lenka Jensen The pivotal point of the French Revolution was when women en mass, carrying pitchforks and knives, stormed the Bastille and demanded bread. Let your mothers, daughters, sisters storm your Bastille. The military will not fire, nor will the police, because it would be hell when they would have to go to their own homes, no dinner

30 de janeiro de 2011 às 16:30 · Curtir · 6

Robert Vinten @Andrew – the American government and the Israeli government have killed more than 1 million Iraqis and thousands of Palestinians. + Supported dictators. – That's violence for you.

30 de janeiro de 2011 às 16:31 · Curtir · 5

Ruth Flood @Marwen While I disagree with you calling for death for america, I will stand for right to say it, as well as trying to convince you that the actions of the government aren't the same as the actions of the people. As an Irish person I have things to be shamed over, I am disgusted by our gov's blind eye to allow of rendition flights to land in Shannon, but I will not hold that against the american people as I would hope others would not hold it against the Irish people.

30 de janeiro de 2011 às 16:34 · Curtir · 2

Mike Alsuwailih The population of Egypt must talk to the Egyptian military and convince them to switch sides. As long as the nearly half a million strong military soldiers take orders from Mubarak and obey the commands of spy chief Omar Suleiman then the country remains under the control of the dictatorship regime! Urge the military rank and file to side with the people and join the revolution. They are Egyptians first and foremost. The population must take control of all media outlets and must take control of all government buildings including the dictators' palace. Husni the dog must be arrested along with Omar Suleiman and all other top level members of the tyrannical regime. The United States government is doing it's best now to try and crush the revolution in Egypt. What they say in public is not the truth. Behind closed doors they are urging and supporting Mubarak and his criminal regime to stop and defeat the revolution at all costs! They don't want true democracy and freedom to come to Egypt or the Arab World. They are so afraid of the muslim people! The Israeli Zionist have long washed the American brain and took over it's political power base. Revolt oh people of Egypt. Revolt until every inch of your land and every Egyptian is free. God, History and all true freedom loving people in the whole world is on your side. Have no fear. FREEDOM !

30 de janeiro de 2011 às 16:34 · Curtir · 1

Carol Wellwood @Andrew: take your unpleasantness elsewhere, this is a rational solidarity page!

@ Marwen: WAA Khaled Said said: We are all Egyptians. Don't belittle your non-Arab supporters. There is a group called Jews against Zionism, and good and bad in all peoples.

30 de janeiro de 2011 às 16:36 · Curtir · 3

Mike Haas Marwen, the rally I attended had a sizeable amount of non arabs. Most of these have been last minute and organized through our mosques. And the news coverage in the US has been pathetic, it was nearly non existant until friday and FOX was the best of the coverage (that was odd

(1) We are all Khaled Said

20/01/13 20:09

31 de janeiro de 2011 às 20:22 · [Curtir](#)

David Bates @Andrea. Good point. I think the whole world is watching and taking inspiration from the Egyptian and Tunisian people right now – especially others in the rest of the Arab world. Hope is contagious and lessons are being learned. Where can we send all these dictators so that nobody gets offended – is there a deserted island somewhere?

31 de janeiro de 2011 às 20:29 · [Curtir](#) · 1

Silvi Reinke Muslim Christian, Jewish our hearts speaks the same language freedom!!!!!!

31 de janeiro de 2011 às 20:32 · [Curtir](#) · 5

Samir Malak This is the true heart of Egyptians, one of LOVE. Shine on Egypt and give example for the world to follow!
IMAGINE: A New Egypt for the 21st Century!!!!

31 de janeiro de 2011 às 20:58 · [Curtir](#) · 1

Patrick Costelloe it is encouraging to see the lack of sectarianism

1 de fevereiro de 2011 às 01:15 · [Curtir](#)

Marisa Monier Yeah! Right on, Flobots! Love this vid.

1 de fevereiro de 2011 às 03:39 · [Curtir](#)

Jim Chisholm Excellent nice to see religion working as one

1 de fevereiro de 2011 às 06:54 · [Curtir](#)

Susanne Gifaidi great news!

1 de fevereiro de 2011 às 20:21 · [Curtir](#)

Escreva um comentário...

TEXTO 5

We are all Khaled Said
31 de janeiro de 2011

Mubarak switched off communications, Internet, Mobile Cellphone networks, cancelled all national railway services, stopped petrol supplies to petrol stations, stopped food supplies to shops, ordered police agents to loot & start chaos & got police to fire at protesters yet he couldn't stop protesters.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) 356 16

355 pessoas curtiram isto.

[Visualizar comentários anteriores](#) 50 de 166

Nour Fascella Tomorrow will be the brink and revolution. It is an absolute necessity to pay close attention to the communications shutting down etc.. And what devious plan the "traitor" of Egypt has instored for the protestors and massacre he wants to create. Allah Hu Akabar to all my brothers & sisters. Allah won't stand for your injustice. Ameen!

31 de janeiro de 2011 às 16:40 · [Curtir](#)

Frank Beuken Al Jazeera: Army stated: We will not use force against the protesters!

31 de janeiro de 2011 às 16:43 · [Curtir](#)

Anama Tello Ummu Zainab
<http://www.middleeastmonitor.org.uk/news/middle-east/2001-rights-ngo-claims-that-israeli-planes-carrying-crowd-dispersal-weapons-have-arrived-in-egypt>

31 de janeiro de 2011 às 16:48 · [Curtir](#)

Anama Tello Ummu Zainab Important!!!!
<http://www.middleeastmonitor.org.uk/news/middle-east/2001-rights-ngo-claims-that-israeli-planes-carrying-crowd-dispersal-weapons-have-arrived-in-egypt>

31 de janeiro de 2011 às 16:48 · [Curtir](#)

Ummi Alisha Omar Mostafa Yasmne Gado what is the reason? These guy's are actually cleaning the streets!

31 de janeiro de 2011 às 16:49 · [Curtir](#)

Kazem Elshafie Let's spread the word. Mubarak must NOT run away. He needs to go to trial. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. If you have a way to relay this words to be the Egyptian people to chant, please do. When we say it long enough, the army generals shall arrest him . He should be turned in to the court.

31 de janeiro de 2011 às 16:52 · [Curtir](#) · 5

Maxim Abramov wow

31 de janeiro de 2011 às 16:54 · [Curtir](#)

Kazem Elshafie Let's spread the word. Mubarak must NOT run away. He needs to go to trial. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. ASSHAB YOREED MUHAKAMAT ARRA2EES. If you have a way to relay this words to be the Egyptian people to chant, please do. When we say it long enough, the army generals shall arrest him . He should be turned in to the court.

31 de janeiro de 2011 às 18:08 · [Curtir](#) · 1

Jailan Hanafy IT really is happening!! They are working on a transitional government, the people are still protesting AND protecting themselves. I can't believe it and I CAN believe it...

31 de janeiro de 2011 às 18:10 · [Curtir](#) · 3

Binny Masheesh The problem is that torturers have to be identified by the people. Ideally, they should be arrested and charged for their crimes. At the very least, they must be removed from their positions in the police and military.

31 de janeiro de 2011 às 18:10 · [Curtir](#) · 4

Bjorn Holst Jespersen slow!? compared to what. You guys have the entire Word on alert, and with the potential to changes the way the West relates to 'islamic countries' – not to mention what chinese leaders might think.

31 de janeiro de 2011 às 18:10 · [Curtir](#) · 3

Magued Idris From day one I said, the Egyptian army will never go against the people.
This is not burma or china, the Egyptian army have a history of 7000 years defending Egypt. From the faraonic times to the times it saved Egypt and the arabworld. Crusaders, mongols and mubarak can not turn our beloved army against Egypt. That is why the people cheered the army when it arrived to Cairo. CNN and the other journalists didnt understand it at first, but its rooted in all Egyptian that the army and Egypt is one.

31 de janeiro de 2011 às 18:11 · [Curtir](#) · 3

Dorothy Healy When I saw the Egyptian people guarding the museums and their neighborhoods, I said, they have done it!! "One for all and all for one"
We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights,[72] that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness. That to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the governed, That whenever any Form of Government becomes destructive of these ends, it is the Right of the People to alter or to abolish it, and to institute new Government, laying its foundation on such principles and organizing its powers in such form, as to them shall seem most likely to effect their Safety and Happiness. Prudence, indeed, will dictate that Governments long established should not be changed for light and transient causes; and accordingly all experience hath shewn, that mankind are more disposed to suffer, while evils are sufferable, than to right themselves by abolishing the forms to which they are accustomed. But when a long train of abuses and usurpations, pursuing invariably the same Object evinces a design to reduce them under absolute Despotism, it is their right, it is their duty, to throw off such Government, and to provide new Guards for their future security.

31 de janeiro de 2011 às 18:11 · [Curtir](#) · 1

Hamdi Ilhan Thats it!

31 de janeiro de 2011 às 18:12 via celular · [Curtir](#)

Dorothy Healy as for Mubarak, good riddance to old trash!

31 de janeiro de 2011 às 18:12 · [Curtir](#)

Kifli Said Something is brewing in US and EU press. You need to act fast before its too late. The Jackals are buying time to tire you and hijack your revolution. No matter what they say about democracy and freedom, It is not meant for Egyptians and 'others' in their plot. Democracy to them is 'your submission to their will'. THEY ARE BUYING TIME TO TIRE THE REVOLUTION. Our hearts and minds are with you brothers.

31 de janeiro de 2011 às 18:13 · [Curtir](#)

Shailesh Agrawal good luck Egypt

31 de janeiro de 2011 às 18:14 · [Curtir](#)

David Bates Was watching live coverage of UK parliament this afternoon. Slowly the British Establishment are seeing that continuing to support Mubarak is not in their best interest and that so many people in Britain and elsewhere stand with the Egyptian people. Stay strong – you are WINNING!

31 de janeiro de 2011 às 18:14 · [Curtir](#) · 1

Matthew Facey Top billing on BBC news! The British public wish you freedom, happiness and peace!

31 de janeiro de 2011 às 18:20 via celular · [Curtir](#) · 1

Rudiger Trepap I know the egyptians have respect for their army. But here is an awkward thought: the army gets 1,3m dollars from the usa. That money will no doubt try up if

(1) We are all Khaled Said

20/01/13 20:09

<p>Ayman Mohamed Daoud I'm proud that I'm egyptian 31 de janeiro de 2011 às 21:25 · Curtir · 3</p> <p>Samir Malak Veronica, actually, this story is balancing out everything you are seeing on the news and showing another side of things entirely. That, though the government has stopped and is not operating, the people are coming together and walking the talk for a new Egypt. They are protecting each others neighborhoods, cleaning the streets, feeding each other and living their love for Egypt. I have never seen civil disobedience in this way and hope and pray the fruits of this love will be seen in a New Egypt!!! 31 de janeiro de 2011 às 21:43 · Curtir · 2</p> <p>Fatimah Al Zahra http://www.gopetition.com/petition/42466.html Sign the petition ~ Democracy for Egypt 31 de janeiro de 2011 às 22:48 · Curtir</p> <p>Sherin Mohammad Mashallah 31 de janeiro de 2011 às 23:01 · Curtir</p> <p>SuaDupree SororityLife More people need to see this Egypt, an Egypt made of good kind heart it people and with a sense of responsibility for their country. A country that is love, not only by the people born there but also the world, I wish you the best and my God be with you at all times. Keep going strong, Egypt!!! 1 de fevereiro de 2011 às 00:14 · Curtir</p> <p>Fatima Ismail walahi these people make me proud that im egyptian rabena ma3ako ya rab 1 de fevereiro de 2011 às 00:51 · Curtir</p> <p>Farid Napoleon We are all very proud. 1 de fevereiro de 2011 às 01:49 · Curtir</p> <p>Mohamed Hassan Ali لاول مرة من 30 سنة يجتمع الشعب المصري على مشروع قومي واحد وهو اسقاط النظام ونجاح هذا المشروع سيثبت مدى اهلية الشعب المصري لمستقبل افضل وطمائنا ان الحيت والنية الوحيدة موجودة لدى النظام فلا يجب التعامل معه والا بعد هدوء الشارع والصرافه المتظاهرين سينتمعوا مرة ثانية بس هذه المرة في المعتقلات 1 de fevereiro de 2011 às 07:45 · Curtir</p> <p>Dora Angelov already do... 1 de fevereiro de 2011 às 08:40 · Curtir</p> <p>Marwa Salem يوم الجمعة لو نزلت المظاهرات فساد بعض حييتي مسلمين يقتلوا مسلمين و كل واحد قال كلمة ساعدت في الموضوع ده حتى في رفته يوم الدين و جتجاسب عليها ((ومن يقتل مؤمناً مُمْتَعِداً فجزاؤه جهنم خالداً فيها و غضب الله عليه و لعنة واعد له عذابا عظيما)) التي صلي الله عليه وسلم قال: ((سياب المسلم فسوق، وقتاله كفر)) رواد البخاري (48)، ومسلم (116). رسول الله صلى الله عليه وسلم : ((أول ما يكفى بين الناس يوم القيامة في السماء)) رواد البخاري (6864) ومسلم (1678) عن أبي بكره قال: (قال رسول الله صلى الله عليه وآله وسلم: إذا توجع المسلمان بسفيهما قتل أحدهما صاحبه فاقْتُلْ والمَقْتُول في النار قَبيل هذا القَتْل فما بال المَقْتُول قال: قد أراد قتل صاحبه) متفق عليه. ان عارفة ان قتل حقلوا انها مظاهرة سلمية و عازرين تحقروا مطالبكم و ان العنف مش عرسكم بس انتم عازفين كوين لها حقلب مجزرة و طامنا انكم عازفين كده و برضو ساعدتم على انتشارها حينهي دم الناس التي حتموت او احتضاب في رافيتكم التي صلي الله عليه وسلم قال((الليهم لبئذ، قتلُك الشاعف الغلب، قرْبُك مَلْع اوعى من سامع، فلا ترجعوا بعدي كفارا يضرب بعضكم رقاب بعض)) رواد البخاري (67) و(1741)، ومسلم (1679) اللهم بلغت اللهم فاشهد 2 de fevereiro de 2011 às 20:22 · Curtir</p> <p>Escreva um comentário...</p>	<p>Asad Ahmed Speak2Tweet is an "audio cast autotweeter." To access Speak2Tweet from "Inside Egypt. Call +16504194196 or +390662207294 or +97316199855 to leave a tweet and hear tweets." 31 de janeiro de 2011 às 21:03 · Curtir</p> <p>Monique Holland Love this video! Ik support Egypte, ik support vrede! Just know sooo many people around the world are watching and supporting you, don't let anything distract you now, stay strong Masr! Love and peace from the Netherlands 31 de janeiro de 2011 às 21:24 · Curtir · 1</p> <p>Kimberly Hammond he is on my boyfriends friend list i'll switch over and send this message to him. 31 de janeiro de 2011 às 21:30 · Curtir</p> <p>Hosam El Hady Wallahi we will wine with or without the support of any country. Allahu Akbar 31 de janeiro de 2011 às 21:39 via celular · Curtir · 1</p> <p>Asmaa Abdelati love love love it 31 de janeiro de 2011 às 21:43 · Curtir</p> <p>Bella Frank tamer we have watched your videos over and over, so moving 31 de janeiro de 2011 às 21:57 · Curtir</p> <p>Liz McLean It is a privilege to witness these heroes prepare to restore Egypt to her former glory 31 de janeiro de 2011 às 23:03 · Curtir · 1</p> <p>Katie Gajdacs Egypt I support you. Melleted allok Egyiptom, I support your freedom. Melleted allok a szabadsagharcodban. I support your peace. Melleted allok a bekeben. (Hungarian) 31 de janeiro de 2011 às 23:23 · Curtir · 1</p> <p>Miriam Lenise Me encanta ver tanta união em busca da liberdade! Eu também estou torcendo por vc's!!!! 31 de janeiro de 2011 às 23:45 · Curtir</p> <p>Carolina C González P Simplemente Hermoso!!!!!! So beautiful!!!!!! we are with you guys, u r not alone Egypt, the world support u 1 de fevereiro de 2011 às 00:16 · Curtir · 2</p> <p>Lenka Jensen Good luck on Tuesday, I wish I could help. 1 de fevereiro de 2011 às 03:01 · Curtir · 1</p> <p>Tricia Ashton Good morning as above, good luck to you all, this is YOUR day! 1 de fevereiro de 2011 às 05:50 · Curtir</p> <p>Liz McLean I have been so tense worrying about the safety of people in Egypt, this story about the counter protest by "mubarak supporters" has provided much needed comic relief 1 de fevereiro de 2011 às 06:57 · Curtir</p> <p>Gustavo Rodríguez Tamer Shaaban has got website in facebook, I think you could contac to him, via facebook. Cheers and Revolution!! 1 de fevereiro de 2011 às 08:58 · Curtir</p> <p>Ahmed N Noha عدم الذهاب الى القصر الفرنسي الى الان خطأ فادح. هناك حركة مضادة من قِول النظام.. الانتظار يوم الجمعة خطأ.. 2 de fevereiro de 2011 às 07:52 · Curtir</p> <p>Nur Hannah Ahmad Zainy Free from a tyrant...FREEDOM 2 Egypt! 2 de fevereiro de 2011 às 07:55 · Curtir</p> <p>Aurora Cava demonstration in ROME Monday 31st of January http://www.facebook.com/album.php?aid=2112667&id=1206766592 2 de fevereiro de 2011 às 07:56 · Curtir</p> <p>Aurora Cava Egyptians: we are with you! is a moment where you need to concentrate all your thoughts, efforts, soul and mind on one aim and to stay together, one people, one nation el Umma, ya Masr, ya Umm Eddunia!!!! do not enemies enter and create problems you are brave, courageous and good 2 de fevereiro de 2011 às 08:02 · Curtir</p> <p>Esraa Mohamed Eid the internet is back to egypt yepiiiiiiiiiiiiiiiiiiii and we still want the regim to fall 2 de fevereiro de 2011 às 08:03 · Curtir</p> <p>Escreva um comentário...</p>	<p>We are all Khaled Said compartilhou um link.</p>
---	--	---

https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk

Page 127 of 264